



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

EMMANUELLA FARIAS DE ALMEIDA BARROS

**A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA COLABORATIVA E
ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS NO FACEBOOK**

**Recife – PE
2015**

EMMANUELLA FARIAS DE ALMEIDA BARROS

**A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA COLABORATIVA E
ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS NO FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Estudos textuais-discursivos de práticas sociais

Orientador: Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra

**Recife – PE
2015**

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

B277c Barros, Emmanuella Farias de Almeida

A construção da escrita colaborativa e argumentação em textos no *Facebook* /
Emmanuella Farias de Almeida Barros. – Recife: O Autor, 2015.

126 f.: il., fig.

Orientador: Benedito Gomes Bezerra.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes
e Comunicação. Letras, 2015.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Comunicação escrita. 3. Análise de discurso. 4. Facebook (rede
social on-line). I. Bezerra, Benedito Gomes (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2015-47)

EMMANUELLA FARIAS DE ALMEIDA BARROS

**A Construção da Escrita Colaborativa e Argumentação em Textos no
Facebook**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA, 23/2/2015.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra
Orientador – LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos Xavier
LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Angela Paiva Dionísio
LETRAS - UFPE

Recife – PE
2015

A minha mãe Iolanda e o meu irmão Jorge.
As pessoas que mais amo no mundo, minhas inspirações.

As duas maiores preciosidades que eu tenho na vida.

Agradecimentos

Ao final de mais uma etapa da minha vida, vivendo um momento de tanta felicidade e gratidão, quero dedicar esse espaço para retribuir um pouco tudo o que me foi ofertado ao longo desses dois anos.

Agradeço a toda a minha família, que sempre acreditou em mim, que me incentivou, dividiu comigo todas as angústias e a felicidade. A todos os que torcem e se orgulham de mim, os meus mais carinhosos agradecimentos.

Agradeço em especial a minha mãe, sem a qual seria impossível eu ter realizado meu sonho. Mãe, muito obrigada por ser a pessoa mais especial do mundo, a minha razão de existir e por despertar em mim o amor mais sincero que uma filha pode ter. Sem a sua presença e dedicação jamais alcançaria tudo o que alcancei, tenho tanto a agradecer que essas linhas tornam-se singelas. És tudo para mim. Muito obrigada, “mainha”.

Agradeço ao meu irmão por ter sempre me ajudado em tudo, por ser a pessoa que mais me apoia e a que mais me inspira em minha vida. Jorginho, você é um exemplo em tudo o que faz, é meu orgulho, o melhor irmão que Deus poderia ter me dado. Obrigada por tudo!

Agradeço ao meu namorado, Pedro. Amor, obrigada por estar sempre ao meu lado, por sempre estar se preocupando com meu bem-estar, obrigada por ter acreditado em mim e por compreender os momentos de ausência e de nervosismo.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra. Professor, muito obrigada por todos os momentos de orientação, de conversas, aprendizados, por todos os momentos em que me mostrou o melhor caminho e por toda ajuda ao longo desse processo. Graças ao seu esforço e dedicação eu encerro uma etapa na minha vida com grande satisfação e entusiasmo. Foi uma honra ter sido sua orientanda e vai ser um orgulho na minha vida toda ter convivido com o grande mestre que o senhor é.

Agradeço aos meus amigos, os de ontem, os de hoje e os de amanhã, em especial, agradeço a Lucirley, minha amiga e companheira de todas as horas. Agradeço aos meus amigos que construí ao longo do mestrado, os que ainda estão na luta, os que me fizeram rir e os que dividiram comigo momentos preciosos em Recife.

Agradeço a Renato Lira Pimentel, por toda a ajuda e apoio na conclusão desse estudo.

Agradeço ao meu amigo Júlio César, que desde os tempos do colégio é um amigo com quem sempre posso contar.

Agradeço aos professores da Pós-graduação, em especial, agradeço aos que tive a oportunidade de conviver mais de perto, nas disciplinas ministradas. Agradeço de coração a Maria Cristina H. Sampaio, Judith C. Hoffnagel, Nelly Medeiros de Carvalho, Maria Virgínia Leal, Kazue Saito Monteiro de Barros e Beth Marcuschi.

Agradeço a Angela Paiva Dionísio pela leitura minuciosa e por todas as colocações indispensáveis apontadas durante a qualificação.

Agradeço à coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior, CAPES, por ter financiado a bolsa para a concretização dos meus estudos e da minha pesquisa.

Agradeço a todos os que fazem o programa de Pós-graduação em Letras da UFPE pela forma atenciosa e educada com que sempre se dirigem aos alunos.

A todos os que torceram, torcem e estão dividindo comigo esse momento de alegria e realização, recebam os meus mais sinceros agradecimentos.

Não faças de ti
Um sonho a se realizar.
Vai. Sem caminho marcado.
Tu és o de todos os caminhos.
Sê apenas uma presença.
Invisível presença silenciosa.
Todas as coisas esperam a luz,
sem dizerem que a esperam.
Sem saberem que existe.
Todas as coisas esperarão por ti,
Sem te falarem.
Sem lhes falares.

Cecília Meireles

Resumo

A utilização de sites de redes sociais vem se espalhando cada vez mais e não só entre os jovens, mas atinge grupos de pessoas de várias idades, classes sociais, ou diferentes profissões. Nos dias de hoje, o Facebook é popularmente difundido entre seus usuários e é utilizado de diversas maneiras. Assim, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar

textos com indícios de escrita e colaborativa e textos argumentativos que se encontram no *Facebook*. As questões de pesquisa partiram dos seguintes objetivos específicos: Descrever tendo por base a noção de sequência textual argumentativa proposta por Adam (2011), o modo como vão se desenvolvendo a produção escrita de usuários no *Facebook*; Discutir o papel dos conectores argumentativos nas produções textuais selecionadas; Investigar os indícios de escrita colaborativa presentes nos comentários do *Facebook*; Examinar os indícios de escrita colaborativa para saber em qual conceito desse tipo de escrita os textos se enquadram. A base teórica deste trabalho concentrou-se, principalmente, nas propostas de Adam (2011), no que concerne às teorias sobre argumentação, Lowry *et al* (2004) e Ribeiro (2012), sobre as ideias e a prática da escrita colaborativa. O universo da pesquisa foi o site de redes sociais *Facebook*, por ser uma importante ferramenta de interação e de exposições argumentativas, além de ser o site mais popular entre os internautas atualmente e por abarcar uma grande quantidade de práticas sociais comunicativas. Com isso, selecionamos os dados no espaço chamado *Feed de notícias*, lugar onde as atualizações de amigos do usuário ficam visíveis, depois migramos para o perfil do usuário que iniciou a discussão para termos acesso a todos os comentários. Em relação ao processo de geração de dados, selecionamos o *corpus* desse estudo utilizando textos de diferentes usuários que possuem algum tipo de participação nesse site ligada à pesquisadora e que, através da observação, os textos foram coletados baseados nos seguintes critérios: os textos mais comentados, com maior participação dos usuários, eram selecionados como possíveis práticas de escrita colaborativa, já os textos escritos por um usuário, que não eram muito comentados, mas que tinham uma lógica na organização textual, com ênfase nos aspectos argumentativos, eram selecionados como exemplos de textos argumentativos. Começamos a fazer a coleta no período em que observamos um maior debate no *Facebook*, devido às manifestações em junho e julho de 2013. Manifestações essas que foram impulsionadas com o aumento das passagens no transporte urbano em SP e ganharam grande repercussão em todo o país, sendo considerada pela Folha de S. Paulo a maior sequência de protestos desde o *impeachment* de Fernando Collor. Desse modo, começamos efetivamente a selecionar esses textos nesse período até o início de outubro, pois não podíamos prever quando uma discussão seria iniciada e quando um tema novo poderia surgir para impulsionar as práticas de escrita colaborativa. Deixamos então, o prazo de coleta de dados bem estendido. Ao final desse estudo, pudemos concluir que o *Facebook* é um site de redes sociais marcado não só pela interação e comunicação em massa, mas por possuir também práticas de escrita colaborativa e textos argumentativos dos mais diversos tipos, levando em conta os interesses e a participações dos envolvidos nesse site.

Palavras-Chave: Argumentação; Facebook; Escrita colaborativa.

Abstract

The use of social networking sites has been spreading more and not only among young people, but reaches groups of people of all ages, social classes, or different professions. Today, Facebook is popularly widespread among its users and is used in several ways. Such,

this study has the general objective to investigate evidences of collaborative writing and argumentative texts that are on *Facebook*. The research questions were set out from the following specific objectives: To describe based on the notion of argumentative text sequence proposed by Adam (2011), the way how the written production of the users on Facebook will be developed; To discuss the role of argumentative connectors in selected textual productions; To investigate the evidence of collaborative writing that are present in comments on Facebook; To examine the collaborative writing clues in order to know which concept of this kind of writing the texts are classified into. The theoretical basis of this work focused especially on Adam's proposals (2011), regarding theories of argument, Lowry et al (2004) and Ribeiro (2012), about the ideas and practice of collaborative writing. The research universe was, the website of social networks *Facebook* for being an important tool of interaction and argumentative exhibitions, besides being the most popular website among internet users currently, and for embracing a lot of communicative social practices. Thus, we selected the data in a space called News Feed, where the updates of the user's friends are visible, then we migrated to the user's profile that started the discussion to have access to all the comments. Related to the process of data generation, we selected the corpus of this study using texts of different users who have any kind of involvement with such website linked to the researcher, and through observation, the texts were collected based on the following criteria: the most commented texts with greater participation of users were selected as the possible practices of collaborative writing, since the texts written by a user which were not very commented, but they had a logic in textual organization and with emphasis on argumentative aspects, argumentative texts were selected as examples. We started making the collection in the period in which we observed a bigger debate on Facebook, due to the protests in June and July 2013. Such protests were motivated by the rise of tickets prices of public transportation in SP and had big repercussions across the country, being considered by the Folha de S. Paulo the largest sequence of protests since the impeachment of Fernando Collor. Thereby effectively we began to select those texts that period until the beginning of October because we could not predict when a discussion would be initiated, and when a new theme could come up to boost collaborative writing practices. We set then, the period of data collection very well extended. At the end of this study, we concluded that Facebook is a social network website marked not only by the mass interaction and communication, but also for having collaborative writing practices and argumentative texts of all kinds, taking into account the interests and the interests of those who are involved in this website.

Keywords: Argumentation; Facebook; Collaborative writing.

Sumário

CAPÍTULO1:	CONCEITUANDO TEXTO, HIPERTEXTO E DISCURSO.....	19
1.1.	Compreendendo o texto a partir da Linguística Textual.....	19
1.2.	Aspectos textuais: definições e concepções.....	25
1.3.	Discurso: uma abordagem concisa.....	29
1.4.	Diferenciando texto e discurso.....	30
1.5.	O hipertexto e suas propriedades.....	32
1.6.	Caracterizando texto e hipertexto.....	35
CAPÍTULO2:	DESCREVENDO AS GERAÇÕES DA <i>WEB</i> E CARACTERIZANDO A ESCRITA COLABORATIVA.....	38
2.1.	<i>Web</i> 1.0: algumas considerações.....	38
2.2.	<i>Web</i> Semântica: a <i>Web</i> inteligente.....	39
2.3.	<i>Web</i> 2.0 e as novas formas de atuação online.....	40
2.4.	Escrita colaborativa: conceitos e reflexões.....	43
2.5.	Principais ferramentas de EC da <i>Web</i> 2.0.....	48
2.5.1.	<i>Google Docs</i>	48
2.5.2.	<i>Wikipédia</i>	50
2.5.3.	<i>Facebook</i>	53
CAPÍTULO3:	ESTUDOS ARGUMENTATIVOS: CONCEPÇÕES E REFERÊNCIAS.....	58
3.1.	Argumentação e linguagem: uma introdução a partir dos principais estudos.....	58
3.2.	A sequência argumentativa.....	65
3.3.	Conectores argumentativos.....	72
3.4.	Argumentação desenvolvida no <i>Facebook</i>	74
CAPÍTULO4:	ANÁLISES DOS TEXTOS ARGUMENTATIVOS E DA ESCRITA COLABORATIVA.....	79
4.1.	Análises textuais no <i>Facebook</i> por meio da sequência argumentativa... ..	79
4.2.	Análises dos conectores argumentativos presentes nos textos.....	92
4.3.	Exemplos de EC desenvolvida no <i>Facebook</i>	99
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
	REFERÊNCIAS.....	122

Introdução

A utilização de sites de redes sociais vem se espalhando cada vez mais e não só entre os jovens, mas atinge grupos de pessoas de várias idades, classes sociais, ou diferentes profissões. Nos dias de hoje, o *Facebook* é popularmente difundido entre seus usuários e é utilizado de diversas maneiras.

Neste trabalho, o foco da atenção volta-se para a produção textual colaborativa e argumentativa nesse site que possibilita a formação e manutenção de redes sociais. Mas, como isso se dá? Como isso acontece?

Como já citado antes, o *Facebook* é um site bastante popular. A cada postagem, a cada argumentação elaborada entre os mais diversos assuntos, os usuários da rede se manifestam, sobretudo quando o assunto desperta opiniões diferentes por ter um teor social que acaba se mostrando polêmico.

É aí que surge o texto não só argumentativo, mas coletivo, tecido por todos que desejam se impor e se mostrarem contra ou a favor de algum tema. Sendo assim, este trabalho tem a intenção de perscrutar vários tipos de postagens entre os mais diversos usuários, a fim de que se compreendam melhor as raízes sociais da produção textual nesse site, no que diz as habilidades linguísticas utilizadas para a inserção e participação social.

Há muito vem sendo sinalizado que as novas tecnologias vêm provocando mudanças na sociedade, seja na forma como as pessoas se comunicam, nos espaços de ensino, mudanças de comportamento e, mais especificamente, no lugar da escrita. De acordo com o site de notícias G1, o governo de Hosni Mubarak foi derrubado em 2011 com fortes manifestações e mobilizações sociais em sites de relacionamentos. Isso evidencia que a revolução digital está correlacionada com as práticas de escrita utilizadas na rede, pois a escrita não é despreziosa e alcança dimensões cada vez maiores.

O *Facebook*, de acordo com o site Gizmodo (<http://gizmodo.uol.com.br/>), atingiu a marca considerável de pouco mais de 1 bilhão de usuários ativos, de janeiro a março, e além disso, é o site de redes sociais mais utilizado em 127 países. Assim, um espaço com dimensões globais de uso da linguagem vem despertando interesse de pesquisadores destinados a examinar os vários fenômenos encontrados. Sejam eles genéricos, educativos, textuais e/ou enunciativos.

Aqui no Brasil, muitos pesquisadores vêm demonstrando cada vez mais interesse pelo *Facebook* e pelas manifestações textuais vinculadas a esse site de redes sociais. Por isso, podemos destacar os estudos de Recuero (2009), com discussões sobre o que é, de fato, uma rede social e como essa rede é constituída em sites como Facebook, Twiter e o extinto Orkut; Carvalho e Kramer (2013), que desenvolveram um estudo observando a linguagem utilizada no *Facebook*; Pimentel (2014), ao refletir sobre os gêneros textuais que circulam nesse site de redes sociais tão popular.

Além desses autores que, reconhecidamente, trouxeram contribuições importantes a esse campo de estudo, utilizamos neste trabalho a base teórica de Adam (2011), sobretudo no que diz respeito às análises argumentativas; Lowry *et al* (2004) e Ribeiro (2012), no que concerne à teoria e a prática da escrita colaborativa respectivamente, além de Koch (2013), que nos trouxe apoio ao entender a construção de sentido textual, a partir dos encadeamentos realizados pelos autores nos indícios de escrita colaborativa.

Nesse sentido, enquanto observadora ativa do *Facebook* e particularmente interessada nas manifestações linguísticas utilizadas nesse site, procurei¹ direcionar este estudo à escrita que não se desenvolve sozinha, mas em comunhão com as diversas vozes que o utilizam e podem indicar uma escrita colaborativa, por reger um grupo na demarcação de opiniões e pelas facetas linguísticas que se apresentam diferentes em cada participação escrita.

Desse modo, a escrita colaborativa surge com os novos avanços da tecnologia e inaugura novas maneiras de ler e escrever também nos espaços escolares, em que essas novas práticas despertam nos alunos o aprendizado dinâmico da língua. No manejo da internet e nas ferramentas contidas na rede, é possível encontrar muitas possibilidades para se escrever colaborativamente. Assim, o *Facebook* é um site que tem como intenção, em sua essência, fomentar as relações sociais e estreitar os laços entre as pessoas. Nesse site não há ferramentas proficuas de escrita colaborativa, o que não pode indicar sua inexistência.

Então, partindo dessas reflexões e na medida em que observava e participava das discussões envolvidas no site *Facebook*, surgiu à questão de pesquisa deste estudo, pois, se sabemos que a argumentação é uma marca forte nas postagens desse site de redes sociais, o que fica em aberto é indagar se a escrita argumentativa desenvolvida no *Facebook*, a partir dos comentários, constitui um texto colaborativo ou são apenas textos intercalados.

¹ Algumas partes desse estudo seguem uma orientação de cunho pessoal, por isso a demarcação de verbos na primeira pessoa do singular.

Com isso, é nosso objetivo geral investigar textos argumentativos e indícios de escrita colaborativa que se encontram no *Facebook*. Quanto aos objetivos específicos desta pesquisa temos os seguintes:

- Descrever, tendo por base a noção de sequência textual argumentativa proposta por Adam (2011), o modo como vão se desenvolvendo os textos de usuários no *Facebook*;
- Discutir o papel dos conectores argumentativos presentes nos textos selecionados;
- Investigar os indícios de escrita colaborativa a partir dos comentários no *Facebook*; e,
- Examinar os indícios de escrita colaborativa para saber em qual conceito desse tipo de escrita os textos se enquadram.

Com este trabalho, procuramos contribuir para o estudo e aprofundamento de um tema ainda pouco estudado associado ao *Facebook*, como a escrita colaborativa. Além disso, inauguramos os estudos sobre uma nova possibilidade de escrita. Com a construção da escrita colaborativa, tentaremos mostrar que os comentários nesse site, não representam apenas um agrupamento de textos, mas uma escrita que, além de argumentativa, é feita colaborativamente.

Há muito, o *Facebook* não é apenas um site de redes sociais que possibilita a interação, divulgação de fotos, e outros serviços com o objetivo de estreitar os laços entre os usuários. No Brasil, estudiosos como Marcon (2012); Bona *et al* (2013); Brescia (2013) mostram formas de trabalhar com o *Facebook* na sala de aula, como ferramenta de ensino e aprendizagem. Já este trabalho, vem destacar o outro lado desse site, como um espaço destinado ao debate de ideias, à propagação de movimentos, o apoio a causas sociais. Mostrando não só novas maneiras de articulação escrita, mas um novo perfil de usuários, que vêm se preocupando cada vez mais com a apresentação de ideias do que propriamente com sua exposição na *Web*.

Nesse cenário, o *Facebook* alarga as possibilidades comunicativas, interativas e sociais. A fluidez encontrada na internet faz com que os argumentos cheguem à esfera pública em grande velocidade, estimulando cada vez mais pessoas à participação social e crítica.

Para Dahlgren (2005), o que hoje percebemos com o advento da internet é uma forma de participação cidadã, uma maneira de atuação pública que consiste na mobilização e ativismo *online*. Ou seja, a esfera pública é constituída em diferentes espaços e a internet vem se reafirmando no espaço de mobilização social e política.

Portanto, a internet tornou-se um espaço para a discussão política e atuação cidadã. E, neste trabalho, procuramos demonstrar como a internet, especialmente por meio do *Facebook*, vem sendo utilizada como instrumento de comunicação e persuasão para interesses de todos.

O ciberespaço também se tornou alvo de manifestações que, veladas ou não, incitavam o debate, a discussão e a formação de opiniões. A relevância desta pesquisa está então no reconhecimento de uma nova participação social que mostra a argumentação como forma de divulgar e promover ideias e a escrita colaborativa, como uma forma de reunião das ações coletivas, promovendo o engajamento cidadão.

Procedimentos metodológicos adotados

Neste momento do trabalho optamos por apresentar os procedimentos metodológicos que delinearam este estudo, bem como as opções teóricas para o desenvolvimento das análises.

Inicialmente, gostaríamos de esclarecer que nesta seção explicaremos o tipo de pesquisa utilizada, o universo em que a mesma foi desenvolvida, as etapas para a seleção e análise dos dados e os procedimentos para alcançarmos os objetivos propostos.

No que diz respeito ao tipo de pesquisa utilizada, informamos que este estudo ocupa a perspectiva de cunho qualitativo e com menor ênfase de cunho quantitativo. Desse modo, é qualitativa porque visa melhorar a compreensão acerca do tema estabelecido, por meio de técnicas interpretativas, visando à descrição e análise detalhada dos dados da pesquisa. Nesse sentido, é também quantitativa ao fazermos a opção de, no processo de descrição, quantificar alguns dados selecionados.

O universo da pesquisa foi o site de redes sociais *Facebook*, por ser uma importante ferramenta de interação e de exposições argumentativas, além de ser o site mais popular entre os internautas atualmente e por abarcar uma grande quantidade de práticas sociais comunicativas. Sabemos que fazer um estudo voltado para a construção de textos no *Facebook* não é fácil. A diversidade textual que compõe esse site de redes sociais é muito complexificada, já que envolve muitos textos que se constituem por meio de músicas,

imagens, textos compartilhados, entre outros. Mas é justamente por envolver tantas possibilidades que encontramos nesse site uma opção a mais de estudar os possíveis indícios de escrita colaborativa de maneira menos usual.

Com isso, selecionamos os dados no espaço chamado *Feed de notícias*, lugar onde as atualizações de amigos do usuário ficam visíveis. Desse modo, a primeira observação dos textos a serem selecionados se encontrava nesse espaço, e só depois que percebíamos a crescente contribuição dos usuários a partir de um *post* inicial, migrávamos para o perfil do usuário que iniciou a discussão de um tema, para termos acesso a todos os comentários seguintes.

No início da coleta optamos por selecionar apenas os textos que envolvessem temas sobre política e participação em causas sociais. Além do mais, os textos deveriam ter, pelo menos, um índice de trinta “curtidas” para que finalmente fossem selecionados. Contudo, na medida em que observávamos as discussões formadas, percebíamos que um texto para ser comentado não precisava ser popular e qualquer assunto poderia servir de pano de fundo para as possíveis ações de escrita colaborativa. Assim, eliminamos esse índice de critério inicial, a partir das “curtidas” e dos temas.

Depois de alargar as possibilidades de seleção dos textos, começamos a fazer a coleta no período em que observamos um maior debate no *Facebook*, devido às manifestações em junho e julho de 2013. Manifestações essas que foram impulsionadas com o aumento das passagens no transporte urbano em SP e ganharam grande repercussão em todo o país, sendo considerada pela Folha de S. Paulo a maior sequência de protestos desde o *impeachment* de Fernando Collor. Então, começamos efetivamente a selecionar esses textos nesse período até o final de outubro. Como não podíamos prever quando uma discussão iria surgir, ou quando um novo acontecimento de repercussão nacional aconteceria para aumentar a participação argumentativa e coletiva, deixamos o período de seleção de dados bem estendido, para não perdermos nenhuma discussão. Ou seja, a partir do momento em que decidimos a temática da pesquisa começamos a fazer as seleções.

Selecionamos o *corpus* deste estudo utilizando textos de diferentes usuários que possuem algum tipo de participação nesse site ligada à pesquisadora e que, através da observação, os textos foram coletados baseados nos seguintes critérios: os textos mais comentados, com maior participação dos usuários, eram selecionados como possíveis exemplos de escrita colaborativa, já os textos escritos por um usuário, que não eram muito comentados, mas que tinham uma lógica na organização textual, com ênfase nos aspectos argumentativos, eram selecionados como exemplos de textos argumentativos.

Para a coleta do *corpus* seguimos três procedimentos:

1. Observávamos as postagens do *Feed de notícias* e no momento em que percebíamos uma participação mais efetiva na construção dos textos, ou seja, quando os comentários eram mais crescentes e contribuíam para o desenvolvimento textual, seguíamos para o perfil dos usuários, já que o *Feed* é um espaço que sempre está se atualizando. A cada nova postagem, as antigas iam ficando para trás. Por isso, quando íamos diretamente ao perfil do usuário que criou o *post* inicial tínhamos acesso à produção textual por completo, bem como aos textos dos demais usuários.
2. Depois de selecionar o texto, apertávamos a tecla “*Print Screen*” para salvar o que gostaríamos e organizávamos a sequência correta de cada texto. Quer dizer, cada parte do texto tinha uma numeração para que soubéssemos exatamente em que ponto começou e terminou a produção textual.
3. Observávamos as postagens do *Feed de notícias* e ao notarmos textos que não tinham muitos comentários, mas que de alguma forma carregavam uma opinião forte, com uma organização lógica-textual, seguíamos para o perfil do usuário e apertávamos a tecla “*Print Screen*”, selecionando aquele texto como exemplo de texto argumentativo.

Então, na primeira etapa da pesquisa nos dedicamos à observação dos dados e a categorização desse material visando a uma organização e seleção para as análises seguintes. A coleta do *corpus* foi descrita com detalhes anteriormente e a partir disso nos propomos a esquematizar abaixo o procedimento que guiou o processamento dos dados, levando em conta nossa questão de pesquisa e o alcance dos nossos objetivos:

Quadro 01 - Procedimentos metodológicos de análises



Fonte: elaborado pela autora²

A nossa análise foi desenvolvida e dividida em três momentos. Depois que observamos e coletamos os dados, a partir dos procedimentos descritos anteriormente, armazenamos todos os textos selecionados e começamos a fazer uma categorização temática, pois gostaríamos de trazer para este trabalho os fatos mais relevantes, do ponto de vista da escrita. Ou seja, gostaríamos de trazer textos coletivos que se destacaram por seu teor polêmico, e que tinham grande repercussão e, conseqüentemente, mais comentários.

Desse modo, foi criada uma pasta de armazenamento desses dados cada qual numerada, como EC 1, EC2, e sucessivamente. Em cada pasta era armazenada os textos dos usuários de maneira fragmentada, pois não era possível realizar o “*Print Screen*” de todos os textos. Assim, cada vez que se apertava a tecla do “*Print Screen*” o texto era enumerado para que posteriormente entendêssemos a sequência da discussão.

Nesse âmbito, o nosso foco era a repercussão de um *post* inicial. O que nós queríamos investigar era escrita colaborativa e, para isso, quanto mais comentários e mais discussões, tanto melhor para as nossas análises. Baseados nesse critério, utilizamos a base teórica de Lowry *et al* (2004) para entender se o que acontecia no *Facebook* estava próximo ao conceito

² Optamos por referenciar os exemplos de autoria própria com elaborado pela autora por ser uma prática comum entre os trabalhos dissertativos mais atuais além de ser uma indicação da ABNT.

estabelecido de escrita colaborativa e em qual categoria de escrita colaborativa se enquadravam as manifestações nesse site.

Juntamente com essa etapa, selecionamos os textos que foram utilizados para a análise das estruturas argumentativas, proposta por Adam (2011). Para esse fim, escolhemos textos que carregavam a marca forte da argumentação, como acontece na maioria dos casos, mas que não receberam uma grande quantidade de comentários. Nesse caso, o que mais importava era a argumentação utilizada pelo usuário e não a coletividade dos outros usuários na construção de um texto. Como critério, selecionamos textos que continham uma forte opinião e deveriam conter uma organização textual com começo, meio e fim, podendo ser dos mais diversos temas.

O processo realizado foi basicamente o mesmo, era realizado o “*Print Screen*” para salvar os textos que também eram armazenados em uma pasta enumerada, mas para a análise dos textos argumentativos tínhamos um quantitativo de textos superior aos textos coletivos, já que os temas poderiam surgir a partir de variadas ideias dos usuários.

Dando continuidade a análise da argumentação baseada em Adam (2011), realizamos um levantamento de todo o nosso *corpus*, observando os principais conectores argumentativos utilizados e, para exemplificar melhor, construímos gráficos a fim de que pudesse ser percebido, numericamente, cada categoria de conectores utilizados pelos autores na produção de seus textos. Nesse caso, é importante mencionar que utilizamos todos os textos coletados para elaborarmos os dados quantitativos e não apenas os que estarão exemplificados no decorrer do trabalho. Portanto, contamos com a união de 75 textos para a elaboração dos referidos gráficos.

No que se refere à distribuição das informações contidas neste trabalho, temos a seguinte apresentação: O trabalho foi elaborado em quatro capítulos, excetuando-se a introdução e as considerações finais.

O primeiro capítulo deste estudo, **Conceituando texto, hipertexto e discurso**, consiste na apresentação e discussão de conceitos como texto, discurso e hipertexto, para que melhor pudessemos caracterizar e entender o nosso *corpus*, já que as análises estão todas voltadas para a construção textual no *Facebook*.

No segundo capítulo, **Analisando as gerações da Web e caracterizando a escrita colaborativa**, fizemos uma pequena apresentação das gerações da *Web*: 1.0. semântica, dando maior ênfase a *Web* 2.0, por ser a geração em que mais se destacou a escrita colaborativa. Ainda nesse capítulo, discorreremos sobre a escrita colaborativa em ambientes como *Wikipédia*, *Google docs* e *Facebook*.

O terceiro capítulo, **Estudos argumentativos: concepções e referências**, esteve dedicado às questões teóricas argumentativas e, sendo assim, revisitamos algumas teorias sobre a argumentação, porque entendemos que os elementos argumentativos não caminham em uma única direção. Mas, por opção teórica, destacamos a concepção de Adam (2011) no que concerne à organização da estrutura argumentativa, além de dar ênfase aos conectores argumentativos, que na teoria citada estruturam o enunciado. Finalizamos esse capítulo com exemplos de argumentação no *Facebook*.

Por fim, no capítulo quatro, **Textos argumentativos e escrita colaborativa**, realizamos as análises. Primeiramente, as análises estavam voltadas para a sequência argumentativa e aos conectores utilizados nos textos, e só depois analisamos os indícios de escrita colaborativa investigadas nesse site.

Passaremos agora para as discussões teóricas deste estudo, discutindo as informações mais relevantes no que se refere ao texto, hipertexto e discurso, temática desenvolvida em nosso primeiro capítulo.

CAPÍTULO I

Conceituando texto, hipertexto e discurso

Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes... O importante é semear.

Cora Coralina

Neste capítulo, esboçaremos o desenvolvimento do conceito de texto pela perspectiva da Linguística textual, assim como as questões de textualidade inerentes. Depois, falaremos brevemente sobre o que é um discurso, explanando sobre as diferenças entre as formas textuais e discursivas. Para que, mais adiante, discutamos o hipertexto e suas propriedades, ressaltando as diferenças hipertextuais e textuais.

1.1. Compreendendo o texto a partir da Linguística Textual

Atualmente, com as várias pesquisas no Brasil de Linguística textual (doravante LT) e o seu desenvolvimento enquanto área científica fica fácil fazer uma associação direta entre a LT e o texto. Mas isso nem sempre foi assim e o processo nos estudos textuais em nosso país passou por um longo período de transição teórica antes de alcançar bases mais sólidas.

Por isso, antes de iniciarmos propriamente nas definições textuais mais reconhecidas nos dias de hoje, faremos uma breve síntese histórica da LT e os conceitos de texto subjacentes, já que sendo o texto seu objeto de estudo, não cabe fazer uma separação nesse estudo.

Diante disso, nos baseamos em Koch (1999), que em seu artigo esclarece o desenvolvimento da LT no Brasil. De acordo com a autora, os primeiros indícios de estudos surgiram na década de 70 com traduções de obras importantes e a divulgação de pesquisas relacionadas ao discurso e à semântica argumentativa. Mas é somente na década seguinte que se multiplicam os estudos dedicados ao texto, pois, como essa área de estudo era bem

promissora, várias universidades do país começaram a destinar um âmbito da pesquisa ao texto, resultando na divulgação de teses e dissertações.

Assim, a LT não surgiu no Brasil, mas a partir de estudos que foram realizados na Alemanha, EUA, Holanda, França e Inglaterra. O primeiro momento se originou com a publicação de obras introdutórias que visavam apresentar essa nova área de pesquisa, traçando um panorama geral do que se vinha fazendo em outros países.

Nesse contexto, destacamos os estudos textuais de Weinrich, Halliday, e van Dijk, precursores em pesquisas textuais na Europa e que, notadamente, influenciaram as pesquisas no país.

Iniciando com a gramática textual de Weinrich, é percebido o princípio estruturalista nos domínios do pesquisador, porque se dedica a estudar os aspectos constitutivos de um texto, principalmente a “chamada macrossintaxe do discurso” que em suas obras está relacionada à sintaxe dos tempos verbais, do artigo, a coordenação e a subordinação. (FÁVERO; KOCH, 2012, p.57).

Dentro de sua análise comunicativa, conforme as autoras, Weinrich divide as formas verbais plenas em duas categorias: “mundo comentado” e “mundo narrado”. Para o autor, essa divisão seria capaz de explicar fenômenos sintáticos presentes no ato comunicativo que até então recebiam pouca atenção, como, por exemplo, a metáfora temporal e o emprego de certos tempos verbais em detrimento de outros.

Sendo assim, Fávero e Koch (2012, p. 58) retratam a fórmula estrutural de Weinrich no que diz respeito ao tempo pleno.

L-Pn A Pe R

Onde,

L designa a informação semântica propriamente dita, ou seja, o lexema;

Pn representa a informação sobre a pessoa;

A indica a informação sobre a atitude comunicativa;

Pe representa a informação sobre a perspectiva; e

R, a informação sobre o relevo.

Ou seja, a LT, para Weinrich, mescla as abordagens comunicativa, textual e instrucional. O escritor não separa o ato comunicativo da ação textual, pois entende que a

sintaxe está presente em toda a situação comunicativa, o que impossibilitaria qualquer análise que contemplasse apenas o enlace linguístico, fora de uma situação discursiva.

Sobre a sua contribuição ao que representa o texto, Fávero e Koch, (2012, p. 59) destacam a seguinte afirmação de Weinrich:

Um texto é, sem dúvida, uma totalidade em que tudo está relacionado. As orações seguem-se umas às outras numa ordem lógica, de forma que cada oração entendida ajuda a compreensão orgânica da seguinte. De outra parte, a oração seguinte, quando entendida, influi sobre a compreensão da precedente, de forma que esta se entende melhor quando se volta a pensar nela.

Para compreendermos melhor, Weinrich situa o conceito de texto a partir de uma estrutura linear, em que toda a linguística é necessariamente uma linguística de texto. E, segundo Marcuschi (2012), Weinrich propõe um método de análise textual que une a análise frasal por tipo de palavra e estrutura de frase em um só modelo, sendo essa considerada sua grande inovação.

Ainda em consonância com as ideias apresentadas por Fávero e Koch (2012), podemos perceber, em outra instância, a caracterização dos estudos de Halliday seguindo a linha funcionalista. Nesse sentido, as autoras (2012, p. 50) destacam as macrofunções no que se refere à estrutura e significação da língua. Que são: a ideacional, a interpessoal e a textual. A primeira macrofunção se refere à estrutura cognitiva; a segunda está relacionada à posição das pessoas em relação ao discurso; já a última permite a estruturação de um texto.

Destacam ainda os estudos de Halliday no que se refere à coesão textual e seus principais fatores que são: a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e coesão lexical. Sem nos determos a esses fatores, destacamos apenas que essa coesão textual é um conceito semântico que estabelece as relações de sentido no texto, por meio do sistema e dos significados inerentes a ele. (FÁVERO; KOCH, 2012, p.50 e 51).

Seguindo com o pensamento de Halliday, mas agora em parceria com Hasan, as pesquisadoras esclarecem o que representa o texto na visão dos linguistas, pois para eles: “é uma realização verbal entendida como uma organização de sentido, que tem valor de uma mensagem completa e válida num contexto dado”. (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 50).

Um texto é uma unidade em uso. Não é uma unidade gramatical, tal como uma frase ou uma sentença; e não é definido por sua extensão. (...) Um texto é, melhor dizendo, uma unidade semântica: não uma unidade de forma e sim

de sentido. (HALLIDAY; HASAN 1976, p. 1 – 2 *apud* MARCUSCHI, 2012, p. 28).

Nessas palavras, fica clara a concepção funcionalista apontada pelas autoras, já que o texto é visto não só pela esfera estruturalista e sintática, mas é por meio da semântica e dos jogos de significados por ela produzidos que o texto ganha funcionalidade, e é também através dos usos estabelecidos em dado contexto que o texto se realiza como tal.

Conforme o mencionado artigo de Koch (1999, p.170 e 171), no segundo momento, ganha ênfase a questão da coerência no texto seguida por três pressupostos básicos: 1. A coerência não é apenas uma parte a mais do texto. 2. Ela não se confunde com a coesão. 3. A coerência resulta de uma ação conjunta de um emaranhado de complexos incluindo a ordem linguística, sociocultural, cognitiva, interacional etc. Como podemos perceber na citação mais adiante, que resume bem a coerência textual por meio de uma ampla possibilidade de representações:

O processo de interpretação da linguagem é dinâmico por excelência e sendo uma atividade de construção conceitual, nunca previamente estabelecida de todo, considera as pistas linguísticas explicitadas no contexto como meras trilhas, meras instruções, complementadas e complexificada por outros aspectos extralinguísticos. Qualquer sentido toma como pilar um determinado posicionamento sócio-discursivo de quem o construiu, e é, por isso mesmo, passível de reformulações, recategorizações (CAVALCANTE; *et al*, 2010, p. 231).

Tal forma de abordagem interpretativa levou os estudos sobre coerência a um nível muito mais extratextual do que textual, pois, mesmo que seja um fator de textualidade indispensável, está estruturada em vários outros aspectos menos objetivos e visíveis.

Já o momento atual, Koch (1999, p. 171) afirma que se iniciou em meados da década de 90, com uma inclinação para uma perspectiva sócio-interacional no tratamento da linguagem, influenciando estudos de LT em diálogo com outras áreas do saber como as ciências humanas, psicologia cognitiva, antropologia, sociologia e outras áreas.

Dentro desse estudo, os pesquisadores se dedicaram à investigação sobre a estrutura e funcionamento da memória, as formas de representação de conhecimento e demais temas relacionados a esse segmento.

Destacam-se então, sob o viés cognitivo, os estudos realizados por van Dijk, sobre os tipos de texto que teve ampla aceitação no Brasil. De acordo com Fávero e Koch (2012, p. 106) a linha adotada pelo linguista segue três princípios básicos:

- a. Insere-se no quadro teórico gerativo
- b. Usa instrumentos conceituais e operativos da lógica
- c. Integra a gramática do enunciado na gramática textual.

Precursor dos estudos cognitivos na LT, o linguista se dedica ao estudo e a possibilidade de construir uma gramática gerativa do texto. Para o autor, todos os seres humanos possuem internamente todos os conhecimentos relativos à língua e, sendo assim, é inviável que uma análise textual seja reduzida a frases. Considerando que todo falante produz uma infinidade de enunciados, que em sua maioria são dialogados, o objeto de estudo sempre deve estar voltado ao texto. A gramática de uma frase é apenas uma parte do texto e esse é o objeto de estudo “legítimo da linguística”. (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 104 e 105).

No que diz respeito à macroestrutura, van Dijk utiliza a mesma lógica concebida no gerativismo, a partir da estrutura profunda e superficial. De acordo com o linguista, a macroestrutura corresponde à estrutura profunda de um texto e é nessa parte que está a coerência dos textos, distinta de qualquer outra, que promove a significação do todo. A microestrutura ou estrutura superficial está relacionada às diversas sentenças subsequentes, criadas a partir da lógica inicial que determina a semântica textual. (FÁVERO; KOCH, 2012).

Então, para o pesquisador, o texto pode ser constituído como uma junção de vários elementos. Quer dizer, o texto em sua forma global é composto de argumento, delineado por uma estrutura silogística, “e a representação de sua estrutura semântica profunda pode ser formalizada de acordo com as relações lógico-semânticas entre suas proposições”. (FÁVERO; KOCH, 2012, p.114).

Além do aspecto cognitivo muito presente em sua obra, van Dijk argumenta sobre a necessidade de uma pragmática do discurso para que seus estudos possam ser desenvolvidos em bases teóricas sólidas. Já que apenas um foco sobre o mesmo objeto de estudo não daria conta de explicitar todas as suas concretudes.

Destacamos também as contribuições do linguista Geraldi, que procurou adotar uma perspectiva sócio-interacional no tratamento da linguagem e, por isso, nos mostra uma nova abordagem no que rege o modelo textual e as práticas de ensino.

Para o autor, crítico do ensino de Língua portuguesa e precursor da abordagem sociointeracionista, utilizar o texto em sala de aula é um ato precioso, mas ao mesmo tempo é perigoso se os professores começam a “usar e abusar” desse tipo de objeto. Para isso, Geraldi (1997, p. 99 e 100) faz uma análise detalhada do que é texto, que em sua visão são essenciais a definição desse objeto:

- a) Um texto é uma sequência verbal;
- b) Escrita;
- c) Coerente;
- d) Formando um todo e acabado;
- e) Definitivo e publicado.

Em suma, o texto é “uma sequência verbal escrita formando um todo acabado, definitivo e publicado” (GERALDI, 1997, p.101). Assim, mesmo que sua ideia acerca do texto pareça muito simples e pouco abrangente, já que o texto não é formado apenas pelo seu caráter escrito, a principal “revolução” que Geraldi provocou foi nas salas de aulas, sugerindo atividades, entendendo que a linguagem, antes de qualquer coisa, se constitui como uma ação no mundo e é mediadora nas relações sociais. Por isso mesmo, as salas de aula deveriam conter profissionais que realizassem práticas de produção de textos, leituras e análises linguísticas que levassem em conta a posição de sujeito de seus alunos, bem como sua funcionalidade diante da interlocução.

Outro ramo de pesquisas muito forte no Brasil é o estudo do texto falado, sobre o qual três projetos ganharam destaque: NURC, Censo/Peul e PGPF. O primeiro projeto se dedicava a estudar a norma objetiva do português culto falado no Brasil e coletou seus dados em cinco grandes capitais do país com diálogos formais e informais. O segundo projeto caracterizava-se por uma abordagem sociolinguística que procurava uma interface com o discurso e o último tinha o objetivo de produzir uma gramática de referência do português culto falado no Brasil³. (KOCH, 1999).

Com isso, notamos que o conceito de texto vem sendo modificado expansivamente e cada autor vem contribuindo com a perspectiva textual por meio de suas especificidades. Além disso, vimos como os estudos textuais apontam em várias direções e como o texto assume uma forma plural. Pois apresentamos o estudo do texto em instâncias diversas. Iniciamos com a concepção estruturalista de Weinrich, que analisa os princípios constitutivos de um texto a partir de um ato comunicativo. Além de apresentarmos o modelo funcionalista

³ Além do texto falado, merece destaque neste trabalho o texto oral caracterizado por transmitir uma mensagem de um interlocutor para outro com o suporte da fala. Dessa forma, “O código se realiza sob a forma de língua oral, pois ela utiliza procedimentos gramaticais e lexicais que lhe são próprios, destinados a torná-la mais “monitorada” com relação à língua de todos os dias. O procedimento mnemônico, enfim, é garantido pelo estilo oral, cujo ritmo é sua espinha dorsal” (BONVINI, 2006, p. 05). Mas, como o nosso trabalho é estruturado na base analítica de textos escritos no *Facebook*, não aprofundaremos as discussões que remetem aos textos orais e falados por não representarem a essência deste estudo.

de Halliday e a grande importância dado pelo autor à unidade semântica. Quando finalmente, nos envolvemos nas questões cognitivas elaboradas por van Dijk e no sócio-interacionismo discutido por Geraldi. Portanto, é com essa caminhada teórica, de revisão de conceitos, que procuramos situar o texto em uma esfera global que marca a presença de vários estudiosos em seus aspectos constituintes.

Assim, partindo do princípio do texto como um artefato multifuncional e multidisciplinar adotamos a perspectiva de Koch (2013, p. 30) que envolve em seu conceito, tudo o que procuramos apresentar até agora sobre a propriedade definidora do texto.

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Em suma, definir texto não é tarefa simples. Procuramos, a partir do que foi exposto, entender as propriedades constitutivas de um texto e revisitamos alguns conceitos para nos apoiarmos em uma definição que não limitou a ideia textual e que, ao mesmo tempo, não ultrapassou as fronteiras onde tudo pode ser considerado texto.

Por isso, em um texto não operam somente as acepções linguísticas, mas a ação comunicativa e cognitiva. O texto não é inexorável e não se forma apenas pela junção de palavras, mas também, por uma sequência de ações comunicativas que operam no diálogo concomitante entre locutor e interlocutor, situado em um contexto e guiado por uma orientação temática. (ANTUNES, 2010).

Depois desse breve resumo histórico, em que procuramos entender o desenvolvimento do conceito textual, passaremos agora à concepção textual com os aspectos de textualidade, sendo esses observados como um fator indispensável na caracterização do texto e de suas propriedades enquanto objeto científico, conforme elaborado por Beaugrande e Dressler (1981).

1.2. Aspectos textuais: definições e concepções

A partir dos estudos de Beaugrande e Dressler (1981), o texto é concebido como um conjunto de regularidades, baseado na textualidade, que leva em conta os fatores de qualquer texto e se divide em duas categorias: a que leva em conta os fatores semânticos como a coesão

e a coerência e a que leva em conta os fatores pragmáticos, que são a intencionalidade aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e a intertextualidade.

Desse modo, Marcuschi (2012, p.28) baseado no que postulam Beaugrande e Dressler (1981), reitera o sentido do que é um texto para os autores:

Texto é o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa. Não é uma configuração produzida pela simples união de morfemas, lexemas e sentenças, mas o resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações comunicativas.

Então, para que o texto assuma essa configuração e seja reconhecido como tal, os autores definiram as sete propriedades de um texto, ou seja, “começaram a se preocupar com modelos procedurais que refletissem as operações responsáveis pela forma como os textos são criados e utilizados”. (CAVALCANTE; *et al*, 2010, p. 230), como discutiremos a seguir.

Com base nessa perspectiva, o primeiro aspecto da textualidade destacado por Beaugrande e Dressler (1981) é a chamada **coesão**, que, baseado nesses autores, funciona como uma organização do texto, que liga as expressões e que conecta o texto a partir das ideias que o autor deseja.

Na análise de Marcuschi (2012) a coesão não diz respeito apenas às questões sintáticas e a exemplo do que faz Beaugrande e Dressler (1981) diferencia coesão e coerência. Nas palavras do linguista:

A coesão, ao nível de microestrutura, envolve os procedimentos da conexão superficial do texto e estabelece as condições da cotextualidade e inclui a formação sintática do texto nas suas relações gramaticais. Embora seja um princípio constitutivo do texto, a coesão não é nem suficiente nem necessária para a textualidade, aspecto no qual discordo de Halliday e Hasan. (MARCUSCHI, 2012, p. 53).

Ou seja, a coesão não é um princípio de textualidade imprescindível e, para o autor, a textualidade não se dá entre os fatores linguísticos, visto que a continuidade é expressa pelo sentido. Desse modo, mesmo que um texto se apresente sem nenhum tipo de coesão ainda assim é um texto, pelo fato de suas sentenças obedecerem a princípios constitutivos e factuais que fazem sentido para o leitor e que são possivelmente compreendidos.

A **coerência** se relaciona com a construção de sentidos e com a maneira como o autor conduz o texto para que ele seja minimamente interpretável e entendido pelos demais. Assim,

enquanto a coesão está para os encadeamentos formais do texto, a coerência subjaz a estrutura criativa, encontrada no além-texto.

Retomando a análise de Marcuschi (2012, p. 75), a coerência é assim expressa como “uma conexão conceitual e da estruturação de sentido”. Quer dizer, enquanto a coesão se relaciona ao nível microtextual, pela superficialidade conectiva, a coerência se encontra no nível macrotextual, em grande parte, por estar imbricada à construção de sentidos.

O sentido deve manter continuidade, caso contrário o texto é incompreensível. Esta continuidade de sentido forma a coerência do texto e se expressa em conceitos e relações. A coerência se estabelece no âmbito de um universo textual que abrange toda a constelação de produção e recepção, de modo que o texto contém mais do que somas das expressões linguísticas que o compõem, incorporando os conhecimentos e a experiência do dia a dia. (MARCUSCHI, 2012, p. 75 e 76).

Fica claro para o pesquisador que a coerência merece receber mais atenção e estudos por abarcar mais elementos do que a coesão. A coerência se manifesta em um processo mais global, assim como a linguagem, e, por isso, o encadeamento cognitivo deve ser considerado nesse aspecto textual por reivindicar estratégias de sentido que não apenas se fundem em sistemas de representações.

O terceiro critério de textualidade é a **intencionalidade**. Sob esse aspecto, Beaugrande (2004) fala do princípio comunicativo como um elo capaz de tornar o texto reconhecível em dado contexto, isto é, a intencionalidade subjaz a função discursiva a partir dos objetivos de criação e recepção textual.

No que concerne à função e objetivos do texto existe a **aceitabilidade**. Pois, se um texto é escrito por alguém e para alguém, ele tem uma audiência e a aceitação vai depender do conhecimento do seu destinatário e de sua cultura para que o diálogo comunicativo não se rompa.

Quando Costa Val (2000) analisa criticamente os princípios de textualidade postulados por Beaugrande e Dressler (1981), a pesquisadora esclarece que depois da coesão e da coerência esses outros princípios estão relacionados com os usuários e não necessariamente situados no texto.

De acordo com a sua análise, a intencionalidade e a aceitabilidade se constituem juntas na produção e recepção de um texto, que, sem dúvida, precisam estar interligadas a fim de alcançar as expectativas e os objetivos almejados.

Nesse processo de mão dupla, o produtor conta com a tolerância e o trabalho de inferência do receptor na construção do sentido do texto. Por outro lado, o receptor, supondo a coerência no texto e se dispondo a contribuir para construí-la, se orienta por conhecimentos prévios e partilhados, que são estabelecidos social e culturalmente, sobre os tipos de texto, as ações e metas possíveis em determinados contextos e situações. (COSTA VAL, 2000, p.39).

Ainda segundo a análise da autora, é nesse quadro que se situa a **informatividade**. Isso porque, esse princípio de textualidade ocorre quando os objetivos textuais foram alcançados a partir de certo grau de imprevisibilidade. A informatividade tenta trazer algo novo, que quebre o que era proposto no início, mas que mesmo assim seja interpretável no diálogo com o texto. Acrescenta Costa Val (2000, p.39): “A informatividade tem a ver com o grau de novidade e previsibilidade: quanto mais previsível, menos informativo será o texto para determinado usuário, porque acrescentará pouco às informações que o receptor já tinha antes de processá-lo”. Com isso, a informatividade é entendida como uma espécie de medição que avalia a relação entre os interlocutores, sem necessariamente ser expressa no texto, como uma característica infundável.

Já a **situacionalidade** se refere à situação em que o texto foi criado e é relevante para mostrar a produção e recepção dos textos em dado contexto. Esse critério é o responsável pela função textual e sendo essa sua principal característica, desvincular um texto de determinada situação ou descontextualizá-lo, traria complicações para o reconhecimento funcional. “Esse conceito está longe de se resumir às circunstâncias empíricas em si, ele diz respeito à interpretação que os usuários fazem da situação a partir dos modelos de comunicação social que conhecem”. (COSTA VAL, 2000, p.39).

De acordo com a autora, esse princípio é fundamental porque é a situação que determina os sentidos de um texto. Baseado nisso, não é viável tratar esse conceito como um princípio a mais ou igual aos outros, pois é de acordo com o andamento de suas circunstâncias em dada situação que o texto ganha função, forma e uso.

Por fim, a **intertextualidade** exprime o movimento de ir e vir de um texto baseado no conhecimento empírico do interlocutor, quer dizer, é o movimento desencadeado pela conexão entre dois ou mais textos sem um caminho fixo. “A intertextualidade se coloca como condição prévia na produção e recepção de determinados tipos de textos, como resumos, as paráfrases, as resenhas críticas.” (COSTA VAL, 2000, p.40). A autora continua e afirma que baseado no que dizem Beaugrande e Dressler (1981), o processamento de um texto envolve conhecimento prévio, interpretação, crenças e tudo isso deve estar relacionado ao

processamento de outro texto. Se o leitor na medida em que compreende e recebe um texto é capaz de interligá-lo a outro ou outros, é um caso de intertextualidade.

Finalizado este tópico, falaremos agora do que é um discurso e como esse se constitui, para depois analisarmos as diferenças e as aproximações com o texto.

1.3. Discurso: uma abordagem concisa

Entender o que é um discurso, a partir do nosso objeto de pesquisa, nos faz pensar que a linguagem é cada vez mais marcada por uma unicidade e tentar separar texto e discurso implicaria um retrocesso das ações linguísticas que hoje enxergamos como marca nos processos interlocutórios.

Com isso, observar essas relações entre um *eu* e um *tu*, como faz Geraldi (1997), implica na troca de significações entre os sujeitos envolvidos nas tramas da linguagem. O autor pontua essas relações como um jogo, baseado em Dupuy (1988) e descreve as seguintes situações:

No jogo, pode haver ingenuidade mas não há espaço para a inocência, precisamente porque os discursos aproximam os sujeitos pelo significado e este significado remete a um sistema de referências. Se, por um lado, é no interior destes sistemas de referências que os recursos expressivos se tornam significativos, por outro lado, no embate das relações interlocutivas, a construção dos modos de ver o mundo não é sempre harmônica. Ainda que os interlocutores possam compartilhar algumas de suas crenças, sempre se está reorganizando, pelos discursos, as representações que se fazem do mundo dos objetos, de suas relações e das relações dos homens com o mundo entre si. (GERALDI, 1997, p. 27).

A partir dessa afirmação, percebemos um discurso como ação da linguagem que, necessariamente precisa de uma relação entre sujeitos para se firmar no jogo de significações e representações das ideias. Em consequência, todo ato discursivo está imbricado em uma iniciativa, intenção para que as palavras sejam então carregadas de significados. Diante dessa afirmação, entendemos que o ato discursivo se constitui na relação ilocucionária e os sujeitos, por sua vez, com diferentes motivações e maneiras de enxergar o mundo encontram espaços de interlocução variados, o que resulta em novas representações de sujeitos pela troca de informações que os cercam e os fazem adotar novas categorias nos propósitos de mediação com o mundo a sua volta.

Nesse caminho teórico, o discurso se apresenta como uma enunciação que visa o estudo das relações entre os interlocutores e os diálogos por eles produzidos. Assim, a manifestação discursiva se encontra no próprio ato enunciativo e não no texto por ele produzido. Aqui, a relação entre o texto e discurso é afinada e encontramos nas palavras de Benveniste (1966, p.129-130 *apud*, Adam, 2011, p. 38) razões para entender esses dois lados linguísticos a partir do estudo frasal.

A frase, criação infinita, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluimos que, com a frase se deixa o domínio da língua como sistema de signos e se entra em outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso. São, verdadeiramente, dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade e deem origem a duas linguísticas diferentes, embora seus caminhos se cruzem a todo o momento.

Nesse momento, sentimos a necessidade de retomar a ideia central que impulsionou a nossa revisão de conceito textual, porque o texto visto sob vários aspectos, com autores diferentes, impulsiona o entendimento de que o nosso objeto de estudo é multifuncional, dinâmico e evolutivo. “O texto não é simplesmente uma superfície material que conduz ao discurso, mas é visto como indissociável dele e é definido pelo uso”. (CAVALCANTE; *et al*, 2010, p. 227). Portanto, é justamente com essa forma de enxergar o texto que seu conceito se aproxima ao discurso e é por meio desse postulado que iniciaremos o tópico seguinte.

1.4. Diferenciando texto e discurso

A distinção entre textos e discursos no universo da linguística está longe de ser pacífica, isso porque as concepções que giram em torno desses elementos são confusas e pouco contribuem para um entendimento mais claro. Desse modo, alguns pesquisadores utilizam texto e discurso como sinônimos, por considerarem impossível uma separação. Já os adeptos da análise do discurso consideram o discurso como um elemento muito mais complexo e completo do que o texto. Por outro lado, há quem defenda que o texto é todo processo discursivo, sendo o próprio discurso uma consequência textual. (FÁVERO; KOCH, 2012).

Para acrescentar a esse tópico, nos baseamos na posição defendida pelas autoras de que:

Texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, isto é, qualquer tipo de comunicação realizado por meio de um sistema de signos. Em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, em uma situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciadores produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 34).

Ou seja, é importante deixar claro que neste trabalho adotamos a posição de que o texto e o discurso são elementos distintos. Sabe-se que enquanto o discurso se manifesta numa enunciação, o texto se caracteriza pelos padrões de textualidade e, atualmente, também pelas manifestações hipertextuais.

Entretanto, a forma como algumas teorias são apresentadas parece caracterizar que texto e discurso são sinônimos, o que não são. O que deve ficar claro é a relação que se estabelece entre eles. Quer dizer, texto e discurso são complementares e se mesclam quando a unidade linguística é subjacente à unidade discursiva.

Concomitante a isso, apresentamos a ideia de Cavalcante; *et al.*(2010, p. 228) sobre a incidência das relações textuais e discursivas como categorias afins:

O texto é a unidade funcional que não somente permite a interação, como também viabiliza diversas formas de representar o mundo, de transformá-lo e de, a um tempo só, reconstruir-se a partir dessa dinâmica emergência dos sentidos, que envolve toda espécie de heterogeneidades enunciativas dentre elas as relações **intertextuais** e **interdiscursivas**⁴.

Isto é, os autores apostam na relação de complementariedade, mas atrelado a isso, compreendem que os estudos textuais e discursivos estão situados em áreas distintas, que pela dinâmica da linguagem como ação comunicativa tendem a uma relação indistinta.

Sendo assim, nos apoiamos na premissa de que não deve haver limites rígidos para separar texto e discurso, pois ao mesmo tempo em que compreendemos as diferenças, apoiamos a complementariedade, ao nos guiarmos na linguagem enquanto ação.

A inclusão do plano discursivo na teorização em LT é uma questão que, inicialmente, não se destaca nos estudos da sociocognição, mas que guarda relações pertinentes com o paradigma. Em qualquer quadro que delineie o estatuto do texto na atualidade, é preciso considerar a sua interdependência em relação ao discurso. Uma tendência cada vez mais dominante, então, é a

⁴ Grifos nossos.

da não separação total entre essas duas instâncias de uso da linguagem. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 61).

Ou seja, o conceito de texto tem como marca principal uma formação multidisciplinar e com essa orientação é imprescindível considerar o construto textual sem a premissa discursiva. Vimos que os conceitos textuais evoluíram e abarcaram várias funções. Desse modo, o diálogo estabelecido com outras áreas reitera mais uma vez a natureza complexa do nosso objeto de pesquisa a partir da qual, várias correntes teóricas são utilizadas para sua caracterização. Temos então um texto resultante de um conjunto de ações que o apontam com aspectos multifacetados e dinâmicos, incluídos os parâmetros discursivos.

Após discutir e esclarecer os espaços textuais a serem considerados na pesquisa, cabe prosseguir com as questões abordando outra categoria textual em uma instância diferente.

1.5. O hipertexto e suas propriedades

Na crescente informatização do mundo contemporâneo o texto virtual vem ganhando cada vez mais espaço, por apresentar características hipertextuais que são melhores visualizadas no contexto digital, e assim, flexibilizam e dinamizam os materiais impressos. Desse modo, o hipertexto comumente associado ao texto digital⁵, aumenta as possibilidades da escrita mostrando outras configurações a partir da exploração das novas formas de ler e escrever, que não seriam possíveis lidando apenas com materiais impressos.

Certamente o texto digitalizado, fluido, reconfigurável à vontade, que se organiza de um modo não linear, que circula no interior das redes sociais ou mundiais das quais cada participante é um autor e um editor potencial esse texto diferencia-se do impresso. (LÉVY, 1996, p. 50).

Então, mesmo o texto impresso tendo sua importância, hoje os espaços digitais oferecem muito mais possibilidades que instigam os partícipes desse processo na busca pelas formas virtuais.

⁵ Muitas vezes os termos virtual e digital são empregados como sinônimos, mas há algumas distinções relevantes. De acordo com Lévy (1996, p.04) “a palavra virtual vem do latim medieval *virtualis* (...) o virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto a concretização efetiva”. Assim, um texto virtual é uma potencialização do texto real e corresponde a uma não concorrência do impresso, apenas mostra novas formas de exploração. O texto digital, por outro lado, é uma tecnologia que traz a tona uma matéria com todas as suas faces, mostrando uma infinidade de determinações com o princípio da interatividade.

É fácil perceber que as características de leitura e escrita por meio do suporte tecnológico se assemelham muito, e esse processo se dá, principalmente, porque essas duas habilidades são intrínsecas e complementares, quer dizer, a partir do momento em que o texto perde uma referência fixa e é posto em movimento na *Web*, leitor e escritor têm papéis redimensionados, pois a cada clique ideias vão surgindo, conceitos se associando, e as aprendizagens vão se singularizando. (LEVY, 1996).

Ou seja, diferente do texto impresso, o hipertexto apresenta particularidades, mobilizando ainda mais o nosso senso cognitivo, uma vez que as possibilidades de produzir e receber textos são maiores e mais velozes quando inseridas na *Web*.

O termo hipertexto ganha bastante destaque na linguística, informática, educação, literatura e cada área traz contribuições importantes à caracterização desse conceito. Assim, levando em conta a pluralidade de informações e conceitos desse termo, optamos pelo que diz Marcuschi (2001, p.86) ao definir hipertexto:

O termo *hipertexto* foi cunhado por Theodor Holm Nelson em 1964, para referir uma *escritura eletrônica não-sequencial e não-linear*, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real. Assim o leitor tem condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma sequência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multissequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita.

Nas palavras do autor, o hipertexto cria um novo espaço de escrita além de mostrar novas maneiras de realizar a leitura, por outro lado, é importante mencionar que é possível a existência de hipertexto sem computador, seja em uma nota de rodapé, que mostra ao leitor uma não linearidade, seja por uma imagem apoiada na multimodalidade, um comentário nos espaços extratextuais. Quer dizer, as características hipertextuais se manifestam de várias formas, mas na internet alcançam espaços dificilmente atingidos.

Diante disso, admitimos que guias turísticos, enciclopédias, *folders*, são textos que apresentam características hipertextuais, mas somente os mecanismos digitais podem concretizar o hipertexto, como tal, abarcando mais funcionalidades e possibilidades.

Assim, entendendo com maior concretude os textos escritos, nosso objeto de análise, e ao mesmo tempo admitindo que as características hipertextuais integram os textos escolhidos para esta dissertação, nos baseamos no que diz Marcuschi (2008), quando o autor amplia a

definição de texto postulada por Beaugrande (1997), que, na ocasião, considerava o texto um evento comunicativo no qual agem os aspectos cognitivos, linguísticos e sociais.

Para Marcuschi (2008, p. 80), o texto é “um sistema de conexões entre vários elementos”, nesse caso o autor admite que haja sons, palavras, contexto, enunciação, frase, imbricados na formação de texto. Aliado a isso, reitera que o construto textual segue uma “orientação de multissistemas” isto é, mostra o texto em seu aspecto multimodal. O texto é também “um evento interativo”, funcionando como mecanismo de comunicação, nunca isolado. Além disso, o texto pode ser caracterizado pelos seus “elementos funcionais” já que um som, palavra, frase, imagem, tem uma função específica e devem ser vistos sob o aspecto multifuncional.

Retomando a nossa discussão sobre o texto virtual, é importante mencionar agora algumas características, que nos levam a considerar o texto virtual como hipertexto, para isso, nos baseamos na análise de Komesu (2004, p. 9-10) que apresenta as seguintes definições constitutivas.

Intertextualidade. “A intertextualidade implica o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e, como em todos os seus usos, há sempre a projeção de uma imagem do interlocutor, do outro.” (KOMESU, 2004, p. 9). Isto é, a partir dos *links* e das conexões possíveis na rede pode-se relacionar diversos textos mediante o dialogismo subjacente na trilha percorrida pelo autor. Desse modo, embora a intertextualidade não seja uma característica exclusiva do hipertexto, já que os textos lidos são a soma de outros a partir de um emaranhado textual, o hipertexto, por sua capacidade dinâmica, consegue associar mais facilmente os pensamentos e as referências dos textos com o estabelecimento dessas inter-relações.

A não-linearidade representa a descentralização do texto, ou seja, com a navegação na *Web* e com as diversas interconexões possíveis o autor perde uma referência fixa tanto na leitura como na escrita. A constituição do texto ocorre de maneira flexível e seguindo os princípios estabelecidos pela vontade de quem opera. Contudo, antes mesmo do hipertexto entendido como é hoje com o conceito de Theodor Holm Nelson, havia muitos textos de livros antigos que continham notas de roda pé, referências, índices que de alguma forma influenciavam o leitor a não seguir o texto linearmente.

A volatilidade está relacionada à efemeridade das escolhas desenvolvidas na frente do computador. Diferente dos materiais impressos, a virtualização dos textos permite uma dispersão maior das informações, devido à velocidade das informações em tempo real e a instabilidade das produções.

A **fragmentaridade** diz respeito aos espaços que o autor deve preencher em contato com a mídia digital, por exemplo, qualquer movimento que se faça a partir do hipertexto engloba conexões, retornos e fugas e assim como as características descritas anteriormente, mostra a ausência de um caminho fixo e pré-estabelecido na busca pelo conhecimento.

Ou seja, a grande contribuição do uso do computador na formação dessas quatro características citadas, diz respeito à forma de leitura e escrita que inclui segmentos mais dinâmicos e não lineares, sem esquecer-se da individualidade de cada internauta, já que cada um pode escolher o melhor percurso na descoberta de novas informações. Por isso, muitas vezes o leitor é designado como um coautor que participa ativamente das “ligações” estabelecidas na frente do computador.

Após essa apresentação do hipertexto e suas unidades faremos a última análise desse capítulo discutindo os elementos de distinção entre texto e hipertexto.

1.6. Caracterizando texto e hipertexto

A rigor, é necessário falar de texto sempre que falamos em hipertexto para esclarecer os pontos conflituosos e elucidar a premissa que o hipertexto é uma forma textual que não é antagônica a forma textual mais tradicional, apenas permite novas possibilidades no uso da linguagem. Sendo assim, a diferença mais importante que constatamos entre unidades textuais e hipertextuais é o uso da mídia.

Com as novas tecnologias as relações entre leitores e escritores são estreitadas, já que em frente ao computador o usuário pode ser um editor e um receptor de textos ao mesmo tempo por meio das múltiplas conexões possíveis. Um texto nunca é lido/escrito da mesma maneira, pois nós temos a liberdade de criar nossa própria ponte de ligação pelo conhecimento, criar nossas próprias estratégias de compreensão e escolher os caminhos mais interessantes no aprendizado.

Ou seja, o hipertexto moderniza a leitura e a escrita além de ampliar as formas de ensino-aprendizagem, desconstruindo as maneiras engessadas ao lidar com as formas textuais imprescindíveis, pois, é a partir do uso da mídia, suas ferramentas e possibilidades que o **texto** vira **hiper** e alcança dimensões mundiais.

Uma importante contribuição sobre a caracterização do hipertexto vem do pesquisador Xavier (2003) que além de argumentar sobre as novas possibilidades cognitivas na frente do computador, vê o hipertexto como um espaço de enunciação múltipla. Em suas palavras:

Hipertextos são dispositivos digitais multimodais e semiolinguísticos (dotados de elementos verbais, imagéticos e sonoros) on-line, isto é, páginas eletrônicas que estão indexadas à Internet, interligadas e que possuem um domínioURL ou endereço eletrônico, na World Wide Web. (XAVIER, 2003, p. 285).

Mais uma vez, percebemos que hipertexto, ou hipertextos, no plural, ganham mais significados atrelados à internet e a imensa massa de dados e de informações que lidamos sempre que utilizamos as mídias eletrônicas. Frente ao computador, sons, letras, imagens se misturam, temos novas possibilidades de absorver e construir informações. Participamos ativamente de cada escolha que fazemos e a cada clique construímos e reconstruímos as formas de fazer linguagem.

Nessa perspectiva e também dialogando com Marcuschi (2007, p. 148), percebemos que a diferença entre o hipertexto e o texto impresso se dá pelas escolhas possíveis tanto na escrita como na leitura. Isso acontece porque em frente ao computador, o leitor (coautor) precisa ter alto grau de criticidade e conhecimentos prévios para não utilizar caminhos que são pouco proveitosos. Assim, muitas vezes os internautas não atingem o objetivo por se dispersarem na rede, aceitando convites que fogem do que foi proposto inicialmente.

Na análise de Marcuschi (2007), esse fato relaciona-se a uma sobrecarga cognitiva que incide, prioritariamente, sobre os usuários do hipertexto, já que a leitura impressa e correlacionada demanda menos exigência de reflexão. Para o autor, essa sobrecarga é denominada de “stress cognitivo” e é um aspecto muito relevante, sobretudo nos espaços escolares.

Outra grande contribuição em pesquisa de ordem cognitiva no hipertexto vem do teórico Pierre Levy, que argumenta sobre o processamento de dados que perpassam do hipertexto opaco para o hipertexto transparente.

Segundo o autor, o córtex humano é derivado da ação biológica e a cognição se dá pela dialética entre a discursividade e a experiência fenomênica. De modo que:

É através deste mecanismo de transformação mútua entre a percepção implícita e a linguagem explícita que podemos coordenar socialmente nossos processos cognitivos de maneira mais eficaz que os demais animais sociais e compartilhar uma memória cultural. (LEVY, *apud* XAVIER, 2011, p.21).

Então, o córtex humano se limita e se manifesta na reflexão crítica de nossas próprias experiências. Já o hipercórtex está apoiado na rede e reflete uma gama de processos cognitivos em múltiplas perspectivas.

Isto é, para Levy, a rede disponibiliza uma grande quantidade de informações fragmentadas e dispersas, caracterizado como o hipertexto opaco, e é através do uso da criatividade e cognição que poderemos transformar o saber descoordenado em saber real.

Esse processo é chamado de esfera semântica e atua diretamente no crescimento do hipercórtex da mídia digital, a partir da interpretação dos dados. Para o teórico, não há divisão entre Córtex biológico e Hipercórtex, pois “serão os processos de conversação criativa que organizarão a relação entre os Córtex biológico dos indivíduos e o Hipercórtex digital da espécie”. (LEVY, *apud* XAVIER, 2011, p.25).

Portanto, tudo o que se apresenta na *Web* se constitui como um hipertexto opaco e é mediante a atuação da esfera semântica que o modificamos para o hipertexto transparente, explorando outros aspectos cognitivos, avançando e potencializando nosso pensamento sociocultural.

É fundamental mencionar também a importância dos conceitos e as características hipertextuais encontradas na *Web*, porque além dos textos analisados adquirirem essa perspectiva, o hipertexto se faz presente no próprio Facebook pelas mais variadas formas de organização das informações textuais e liberdade nas escolhas possíveis frente ao computador, sugerindo o inacabado. Desse modo, mesmo que as análises não estejam diretamente relacionadas ao hipertexto não podemos prescindir desse conceito que subjaz o suporte utilizado em nossas análises.

Finalizando esse capítulo procuramos identificar as principais correntes teóricas em que situam o texto desde a corrente estruturalista proposta por Weinrich até as contribuições de Marcuschi, que integra ao seu conceito de texto uma denotação mais atual. Além de situar o discurso e mostrar a indissociabilidade com o texto, já que cada vez mais as correntes linguísticas preconizam uma abordagem complementar. Mostramos também como está situado o hipertexto, suas propriedades, além de diferenciar e esclarecer alguns pontos cruciais na teoria.

Diante disso, avançaremos para o próximo capítulo, o qual detalharemos as gerações da *Web*, dando ênfase a segunda geração e as formas de escrita colaborativa subjacentes.

CAPÍTULO II

Descrivendo as gerações da *Web* e caracterizando a escrita colaborativa

Todo caminho da gente é resvaloso. Mas também, cair não prejudica demais. A gente levanta, a gente sobe, a gente volta!... O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. Ser capaz de ficar alegre e mais alegre no meio da alegria.

Guimarães Rosa

Neste capítulo, discutiremos as fronteiras e as características que dão conta dos tipos de *Webs* relacionadas ao mundo virtual, discutindo seus conceitos e situando a Escrita Colaborativa (EC) no movimento que a originou. Além disso, apontaremos alguns exemplos de EC na internet, destacando as principais finalidades em cada instância utilizada.

2.1. *Web* 1.0: algumas considerações

Sem dúvida, a internet vem incorporando cada vez mais significados a nossas vidas e ações enquanto usuários ativos na rede mundial de computadores, mas nem sempre foi assim. Na análise de O' Reilly (2007, p. 17) aproximadamente até o outono de 2001 a primeira geração da *Web*, conhecida como 1.0, só assumiu passividade, não havia liberdade nas ações e as atividades eram muito restritas, pois a informação disponível não podia ser modificada ou reeditada.

A *Web* 1.0 trouxe muita contribuição no acesso às informações e auxiliou os usuários na busca pelo conhecimento. Contudo, havia limitações nas ferramentas utilizadas e a democratização era um ideal longe do alcance dessa geração, isso porque a maioria das

pessoas nessa fase da *Web* precisava pagar pelo serviço utilizado além de dominar técnicas de computação, o que restringia muito a participação do público nesse primeiro momento.

Essa geração tinha como principal característica uma liberdade ingênua no acesso à internet, não só porque os serviços não eram gratuitos, mas mais precisamente por não dar a liberdade necessária para que os usuários pudessem se desenvolver na *Web*. Tudo era muito controlado, fosse na área técnica ou na limitada possibilidade comunicativa.

Esse controle era exercido principalmente pelas ferramentas e pela engenharia que eram muito simples e não ofereciam ao usuário as possibilidades de interação e comunicação multilateral. Ou seja, as ferramentas da *Web* 1.0 eram muito diminutas e de certa maneira, controlavam as ações dos usuários, que não podiam ser expandidas pelas próprias limitações técnicas naquele momento.

Concluído o tópico sobre a *Web* 1.0, passaremos para as considerações sobre a *Web* semântica.

2.2. *Web* Semântica: a *Web* inteligente

A *Web* Semântica, desenvolvida por Tim Berners-Lee, representa a nova geração da internet que procura relacionar os diversos interesses dos internautas e organizar os dados baseados em suas personalidades.

De acordo com Laurentiz (2010), o primeiro passo do britânico Tim Berners-Lee foi relacionar documentos na internet com a finalidade de recuperar, armazenar e publicar os dados contidos por meio de um sistema ligado a rede. Esse sistema era chamado de *Enquire*, mas não chegou a ser concluído.

Tim Berners-Lee foi também o criador do software **World Wide Web**⁶, em março de 1989, a partir do qual, o autor buscava a integração de um sistema de hipertexto em funcionamento na internet. Assim, conforme destaca Laurentiz (2010, p. 21): “por iniciativa própria, em 1990 Berners-Lee completou seu primeiro browser e software de servidor de *Web*. Em 1991, começou a distribuir este software, então chamado de World Wide Web”. Nesse contexto, a autora destaca ainda algumas características presentes na *Web* semântica, cujo termo foi cunhado em 2001, após a distribuição de seu *software*.

⁶ Informações retiradas do site *Wikipédia* e G1.

1. Permitir aos dados emergirem na forma de dados reais, assim, um programa não tem que se privar de sua formatação, imagens, anúncios de uma página da *web* e o sistema, sozinho, acharia onde os dados e o conteúdo estão;
2. Permitir que pessoas escrevam seus arquivos que explicariam para uma máquina a relação entre conjuntos diferentes de dados;
3. Permitir às máquinas seguirem vínculos e, conseqüentemente, integrar dados de muitas fontes diferentes automaticamente. (LAURENTIZ, 2010, p. 23).

A partir do que foi exposto, concluímos que a máquina na *Web* semântica adquire, de certa forma, uma conotação inteligente e os laços entre computador e o ser humano aparecem bem mais estreitos. Ou seja, essa geração é caracterizada por modernizar as relações dos usuários com os seus dados do computador, pois conta com um sistema “capaz de processar as informações, filtrando a lista de respostas encontradas a partir dos interesses solicitados, à procura da informação mais relevante ao problema lançado”. (LAURENTIZ, 2010, p. 18).

Assim, a principal característica da *Web* semântica é de otimizar e promover um melhor aproveitamento na busca de dados realizada pelos internautas. A proposta de Tim Berners-Lee é de que as máquinas possam desenvolver as buscas necessárias ao usuário, poupando-lhe tempo e trabalho. As máquinas fariam então uma seleção de dados convenientes aos usuários, ampliando as perspectivas de buscas com raízes na inteligência artificial.

Embora a *Web* semântica tenha sido alvo de debates no segmento acadêmico, muitas vezes as comparações incidem prioritariamente sobre a *Web* 1.0 e *Web* 2.0. Isso porque, embora a *Web* 2.0 tivesse a criação do termo posteriormente a *Web* semântica, a *Web* 2.0 representa uma expansão das aplicações e ferramentas disponibilizadas antes, com a *Web* 1.0, o que justifica esse comparativo.

Nessa segunda geração, há, então, maciça colaboração de pesquisadores como: Storch (2005), Chenoweth; McAuliffe (2006), Ribeiro (2012), Pinheiro (2011), Anderson (2007), Cardoso (2010). Alguns dos quais, detalharemos as pesquisas posteriormente.

No nosso próximo tópico, vamos então, detalhar a *Web* 2.0.

2.3. *Web* 2.0 e as novas formas de atuação online

A primeira vez que se ouviu falar em geração *Web* 2.0 foi em uma conferência realizada pela O'Reilly Media que aconteceu em 2004, tendo como principal objetivo

esclarecer o surgimento da *Web 2.0* e como ela se manifesta atualmente, de maneira a não vulgarizar esse termo ou torná-lo fora de sentido e de contexto.

Tim O'Reilly explica nessa conferência a dificuldade em definir exatamente quais os aplicativos se encaixam na primeira ou segunda geração, ainda assim, tentamos resumir as informações mais relevantes com um quadro comparativo abaixo dos principais elementos usados na *Web 1.0* e na *Web 2.0*, tendo em vista uma listagem elaborada por O' Reilly (2007, p.18):

Quadro 02 – Ferramentas utilizadas na *Web 1.0* e *Web 2.0*

<i>Web 1.0</i>	<i>Web 2.0</i>
DoubleClick	--> Google AdSense
Ofoto	--> Flickr
Akamai	--> BitTorrent
mp3.com	--> Napster
Britannica Online	--> Wikipedia
personal websites	--> blogging
evite	--> upcoming.org and EVDB
domain name speculation	--> search engine optimization
page views	--> cost per click
screen scraping	--> web services
publishing	--> participation
content management systems	--> wikis
directories (taxonomy)	--> tagging ("folksonomy")
stickiness	--> syndication

Fonte: O'REILLY, 2005, p. 18.

Mediante o que o autor nos apresenta, podemos notar diferenças substanciais entre o que continha a *Web 1.0* e o que hoje verificamos na *Web 2.0*. A começar pelo site de buscas que, na segunda geração, é o mais famoso e o mais popular entre os internautas. Além disso, existe a presença de sites de EC, como o *Blogging* e a *Wikipédia*, da qual falaremos mais adiante. Outra importante diferença se instaura em duas palavras chaves e que resumem bem as diferenças entre essas *Webs*, pois, enquanto a primeira prioriza a **publicação**, a outra destaca a **participação**⁷.

Com isso, a principal contribuição de O' Reilly para entendermos o que significa a *Web 2.0* diz respeito ao uso da *Web* como plataforma. Assim, diz o autor:

⁷ Grifos nossos.

Como muitos conceitos importantes, a *Web 2.0* não tem um limite rígido, mas em vez disso, possui um núcleo gravitacional. Você pode visualizar a *Web 2.0* como um conjunto de princípios e práticas que unem um verdadeiro sistema solar de sites que demonstram alguns ou todos estes princípios, a uma distância que varia de núcleo. (O'REILLY, 2007, p. 18 e 19)⁸.

Desse modo, a *Web 2.0* representa o novo momento na internet de maior socialização dos dados e intervenção do internauta. O aprimoramento no uso das ferramentas possibilita aos usuários organizar e editar os dados de acordo com seus interesses pessoais, tornando-os não apenas espectadores, mas agentes do que está disponível.

Seguindo o pensamento do autor, é possível observar com clareza uma nova geração que oferece aos participantes atuarem de maneira muito mais dinâmica e efetiva no acesso à internet. Quer dizer, dentro desse cenário a interação e os serviços de comunicação alcançam grandes proporções e “navegar” na *Web* significa ir além de observar os sites, já que a *Web 2.0* oferece aos usuários maneiras de criar, editar, divulgar, acessar, comunicar e interagir muito mais do que antes era possível.

Além de ganhar destaque no acesso aos dados, proporcionando maior flexibilidade e sendo esse o ponto principal dessa geração, a *Web 2.0* quebra as barreiras de reutilização e inova na montagem do que está disponibilizado na rede.

Desse modo, a internet passa a ser um serviço e não apenas produto, já que esse novo movimento possibilita um acesso muito mais fácil e na maioria das vezes gratuito popularizando-a e criando inúmeras possibilidades em seu gerenciamento.

Por meio de todas essas ofertas e inovações que surgem com essa nova geração um ponto fundamental a ser destacado é o aproveitamento destinado à inteligência coletiva. Com a *Web 2.0* surgem comunidades que se unem em favor de um tema. Nesse momento, o espaço social cria raízes e a interatividade torna-se um marco infindável.

É, então, a partir dessa coletividade, desse agrupamento, que as barreiras da individualidade são quebradas na internet e surgem ferramentas capazes de ajudar os internautas em práticas sociais mais colaborativas. Nesse contexto, surge a EC como uma atividade da nova *Web*, que vem se popularizando bastante, inclusive nas práticas de ensino, como discutiremos melhor adiante.

⁸ Tradução feita pela autora.

2.4. Escrita colaborativa: conceitos e reflexões

Como dito anteriormente, a inteligência coletiva como ponto alto da segunda geração da *Web*, a chamada 2.0, indica o aparecimento de uma nova possibilidade no uso da escrita, é aí que surge a escrita colaborativa e as várias nuances observadas nesse movimento comunitário.

É importante mencionar que o contexto em que surgiu a escrita colaborativa se caracteriza por uma dinâmica interpessoal e a grande possibilidade que se dá a comunicação sem fronteiras evidencia a participação de pessoas mais ativas e dialógicas em razão de um tema.

Assim, estudos vêm sinalizando que o uso das tecnologias mostra novas formas de ensino-aprendizagem, novas práticas de leitura e escrita que modificam o comportamento entre os internautas. Dentre as novas formas de escrever, a escrita colaborativa vem se destacando por oferecer inteligência coletiva, uma vez que demanda a atuação de competências socialmente vivenciadas e construídas na participação grupal.

Especificando a discussão sobre escrita colaborativa, é preciso reconhecer que os estudos nessa direção não se harmonizam em apenas uma linha teórica, já que vários autores têm se manifestado com estudos nessa vertente. Por ser a internet um ambiente muito diverso, a escrita colaborativa assume muitos significados e, sendo assim, só uma linha de raciocínio não daria conta de abranger a multiplicidade de textos vinculados a sites diversos.

Iniciando com a mostra de pesquisas relacionadas aos usos de EC, temos a participação de Storch (2005), que elaborou um estudo a fim de compreender como se comporta uma pessoa ao escrever sozinha e em colaboração com outra. Os sujeitos escolhidos para a pesquisa foram estudantes que estavam concluindo a graduação na Austrália e precisavam ter proficiência no inglês, pois a maioria era imigrante. Nesse estudo, a autora considerou as aulas de redação em nível básico e avançado.

Desse modo, para que a pesquisadora realizasse um estudo comparativo entre as formas de escrita, os alunos trabalharam em pares e individualmente e, a partir das análises de como produziam as tarefas, das conversas e das entrevistas, a pesquisadora, mesmo cautelosa com os resultados, chegou às seguintes conclusões discutidas a seguir.

A escrita individual dos alunos se destacou por ser excessivamente detalhista e a escrita colaborativa por ser mais precisa no que se propõe a dizer e por conter poucos detalhes. Por outro lado, enquanto a escrita em pares detinha mais tempo no planejamento e

na troca de ideias, a escrita individual seguia um caminho mais curto e o tempo necessário era muito menor.

A EC também ganha vantagem no aspecto gramatical, pois enquanto os textos individuais apresentavam sentenças menos complexas, os textos produzidos em pares continham sentenças mais complexas, eram gramaticalmente mais precisas e as ideias apresentadas no texto eram mais claras para que o leitor pudesse compreender.

Os alunos entrevistados, que trabalharam em pares, destacaram como ponto mais positivo da escrita colaborativa o *feedback* nos espaços de planejamento, o diálogo estabelecido com seu parceiro, que lhes ajudou tanto a tirar dúvidas sobre o uso correto da língua como a ampliar o vocabulário, conhecendo novas palavras.

Em suma, a EC ofereceu aos alunos a possibilidade de interagir em diferentes aspectos da escrita: eles puderam planejar, trocar ideias do que exatamente colocar no papel, perceber o melhor uso dos elementos linguísticos, revisar, editar, ao passo que, quando se está desenvolvendo a tarefa sozinho, todos os papéis são executados sem uma ordenação mais concreta. (STORCH 2005).

Outra pesquisa, desenvolvida por Chenoweth e McAuliffe (2006), também argumenta sobre os pontos positivos de utilizar a EC, o estudo teve como principal proposta a de realizar um trabalho colaborativo na construção de um livro, que tentou unir o trabalho social e a literatura.

Na pesquisa citada, os sujeitos envolvidos na EC procuraram criar uma ponte entre o trabalho social e a educação como forma de conscientização. Eles trabalharam juntos em uma escola australiana e a partir da convivência, conversas e debates, surgiu a ideia de lançar um livro introdutório sobre esse assunto.

Os integrantes nesse processo tiveram um longo período de organização e planejamento antes de iniciarem a escrita do livro e assim, elencaram vários aspectos que não poderiam ser negligenciados, como, por exemplo, eles gostariam de criar um livro que tivesse indicações de como desenvolver o trabalho social sem precisamente dizer o que fazer, mas de uma maneira que seus próprios leitores encontrassem a solução. Além de tentar criar um livro de baixo custo, que fosse acessível. O livro deveria conter também informações sobre a própria prática dos autores, mas principalmente eram escritos introdutórios que somente indicavam as direções, sem determinar o caminho prático, como afirmamos anteriormente.

Assim, o que se concluiu desse estudo é que a EC é uma importante ferramenta para aumentar a reflexão crítica, porque possibilitou aos envolvidos estender suas próprias reflexões sobre a prática, o que intensificou o entendimento deles mesmos enquanto

profissionais da área. Já o diálogo envolvido nesse processo ajudou a refinar as ideias e a gerar novos conhecimentos. Os participantes também puderam superar as dificuldades juntos, pois estavam todos em um mesmo propósito, e acima de tudo, foi possível perceber que a grande vantagem foi a criticidade que surgiu no processo de colaboração e que independentemente do contexto em que se desenvolva a EC, essa é sua arma mais poderosa. (CHENOWETH; MCAULIFFE, 2006).

No Brasil, a área de estudo sobre o uso das tecnologias é um terreno fértil, sobretudo quando utilizada como novas possibilidades textuais em sala de aula. Dentre os vários autores que reconhecidamente utilizam a EC em práticas de ensino, enfatizamos agora a proposta de Pinheiro (2011).

A atividade proposta pelo autor, no que se refere ao uso da escrita colaborativa, ganhou forma na construção de um jornal digital, em que se utilizaram algumas ferramentas da internet para desenvolver esse projeto na escola. Pinheiro (2011) almejava com sua pesquisa não apenas encontrar respostas a partir das análises, mas transformar a prática e indicar soluções pedagógicas.

Diante disso, o autor realizou um estudo qualitativo, contando com a ajuda de um professor de Língua Portuguesa na cidade de Campinas e teve a colaboração de 19 alunos do Ensino médio para esse fim.

Em sua pesquisa, Pinheiro reunia-se semanalmente com a turma para discutir os passos das atividades anteriores e planejar o que deveria ser feito. A opção do pesquisador por utilizar a EC se deu pela demanda que hoje a educação tem de implantar novas prática de ensino. Para desenvolver esse tipo de produção escrita, Pinheiro (2011) resolveu definir as tarefas entre os alunos. Assim, era possível organizar os dados com as contribuições dos alunos, já que cada um tinha uma função na construção do jornal.

Durante a execução da pesquisa o autor percebeu alguns pontos positivos do uso da EC. Segundo o autor, na medida em que construam o jornal, os alunos tinham consciência dos seus papéis mediante o desenvolvimento da atividade e assumiam com determinação seus papéis no grupo.

Percebeu também que, aos poucos, os alunos adquiriram autonomia e cada vez mais perceberam que a grande premissa de EC era trabalhar não só com a escrita linear, mas, para que de fato isso acontecesse, era necessário agir colaborativamente.

Desse modo, os alunos procuraram interligar suas linhas de pensamento aos dos seus colegas, conectando os discursos, com a formação de diálogos constantes. Com esse estudo,

Pinheiro (2011) mostrou como é possível trabalhar novas práticas de escrita na escola que possam estimular alunos e professores e desafiar seus reais interesses em sala de aula.

Todavia, nesta dissertação a EC a ser estudada emerge de um site de relacionamento que não necessariamente prioriza a busca pelo conhecimento, sendo assim, procuraremos meios de entender como acontece esse dinamismo no texto e a coletividade no uso da linguagem escrita.

Esclarecendo a temática em questão, encontramos nas palavras de Lowry *et al.* (2004, p. 75) aquilo que melhor traduz a definição de EC, nos espaços desse trabalho. Afirmam os pesquisadores:

EC é um processo iterativo e social que envolve uma equipe focada em um objetivo comum que negocia, coordena, e comunica-se durante a criação de um documento comum. O alcance potencial da EC vai além do ato mais básico de composição conjunta para incluir a possibilidade de pré-atividades, formação da equipe e planejamento. Além disso, com base em uma tarefa de escrita desejada, EC inclui a possibilidade de muitas estratégias diferentes de atividades, seja na produção de documentos, abordagens de controle, funções da equipe, e modos trabalho.⁹

Nesse sentido, o que caracteriza uma escrita colaborativa é a participação de várias pessoas para atingir os objetivos ao escrever, e mesmo que as funções sejam individuais, o grupo é a base empírica da escrita na coletividade.

Como os autores esclarecem, a EC representa um estudo holístico, abarcando um conjunto de funções que são conduzidas por diversas estratégias, e é justamente essa pluralidade modal na escrita que vai indicar uma participação de grupo fundamental nas escolhas a serem realizadas. Ou seja, as atividades do grupo estão subjacentes às estratégias escolhidas para que melhor se desenvolva a tarefa que é proposta.

Seguindo essa linha de pensamento, as estratégias para a EC por serem diversas contemplam, cada uma, um *modus operandi* imprescindível ao encaminhamento das práticas socioculturais e as possibilidades de escrita que podem surgir desse contexto.

Sendo assim, Lowry *et al.* (2004, p. 81) apresentam algumas maneiras de desenvolver a EC, de acordo com a estratégia, e argumentam sobre as vantagens e desvantagens de cada tipo.

Desse modo, a escrita pode ser de **autor único** quando uma única pessoa é responsável pela escrita enquanto os demais refletem e chegam a um consenso sobre o que deve ser escrito. A vantagem dessa estratégia é que o estilo do autor permanece e é destacado

⁹ Tradução feita pela autora.

na produção, mas é difícil reconhecer a atividade do grupo e o consenso aparece em menor grau.

Outro tipo reconhecido é a **escrita em sequência**, e nesse caso cada membro participa ao escrever de maneira coordenada e sequencial, sem, contudo, haver uma divisão de tarefas mais rígidas, já que um dará continuidade ao trabalho do outro. Como ponto positivo, Lowry *et al.* (2004) reforçam a facilidade de planejar e organizar, já como ponto negativo destacam que, por ser em sequência, o grupo pode ser desordenado e um participante acabar invalidando o trabalho do outro, deixando a desejar também no consenso grupal.

A **escrita em paralelo** possui duas subdivisões, enquanto uma é horizontal quando cada um é responsável por certa seção do documento, a outra pode ser estratificada, quer dizer, cada um é responsável por uma seção do texto baseada nas suas habilidades. Essas estratégias contemplam uma maior participação nas atividades do grupo, pois cada uma terá uma participação no andamento da escrita e não centralizará sua participação em detrimento do trabalho do outro, como na estratégia anterior. Por outro lado, quando mal planejado, um escritor pode não enxergar o trabalho do parceiro, pode haver redundância e sobrecarga de informações, que dificultam a consensualidade na produção.

Por fim, tem-se a **escrita reativa** caracterizada por uma postagem inicial que vai ganhando movimento e se desenvolvendo a partir de outros participantes que discutem um tema inicial. Então, embora a individualidade permaneça em primeiro plano, a colaboratividade surge de várias manifestações individuais que vão construindo juntos um “texto de retalhos”. Como ponto positivo dessa escrita os autores destacam a criatividade, mas alertam que essa estratégia pode esbarrar em suportes que não podem lhe dar condições efetivas de desenvolvimento, além de ser extremamente difícil de coordenar.

Como vimos, a escrita colaborativa assume muitas formas, porém, dentre elas, a que se assemelha mais ao que acontece em sites de redes sociais é a escrita reativa, e como o próprio nome indica, existe uma reação a algum *post*, que acaba despertando a atenção do usuário. Nesse caso, uma postagem inicial é o princípio elaborativo de um texto criado pelos diversos usuários que decidem demonstrar sua opinião.

É possível observar que, independentemente das estratégias utilizadas para que se realize a escrita colaborativa, essa prática de escrita demanda estratégias cognitivas diferentes de quando escrevermos sozinhos.

Isto é, ao produzir textos colaborativamente podemos desenvolver vários papéis de editor, revisor, mentor, revisor inicial, pesquisador, mas é possível também trabalhar em etapas que estejam aliadas as nossas habilidades, enquanto construtores de sentido, por isso é

importante que as tarefas sejam executadas de maneira consonante em parceria com o grupo e em acordo com a estratégia utilizada. Nesse sentido, a EC está intimamente relacionada às práticas socioculturais com dinâmicas no relacionamento grupal que cada vez mais afloram em uma premissa interativa e ontológica. Entretanto, mesmo utilizando a proposta de Lowry *et al.* (2004), faz-se necessário uma reflexão crítica acerca das definições estabelecidas, posto que a escrita colaborativa reativa se distingue das demais pelas disfunções nas tarefas que acarretam uma descoordenação maior na execução dos papéis e somente a reação não compreende uma questão fundamental da EC reativa, mesmo que essa seja sua característica mais importante.

Diante disso, defendemos a EC como uma prática sociocultural que está situada na coletividade, compartilhamento e divisão de tarefas em um mundo cada vez mais interconectado, que reconhece as funcionalidades dos artefatos escritos mediados pelas tecnologias emergentes.

Baseado nessa ideia, destacaremos a seguir três ferramentas atuais que estão atreladas às práticas de EC.

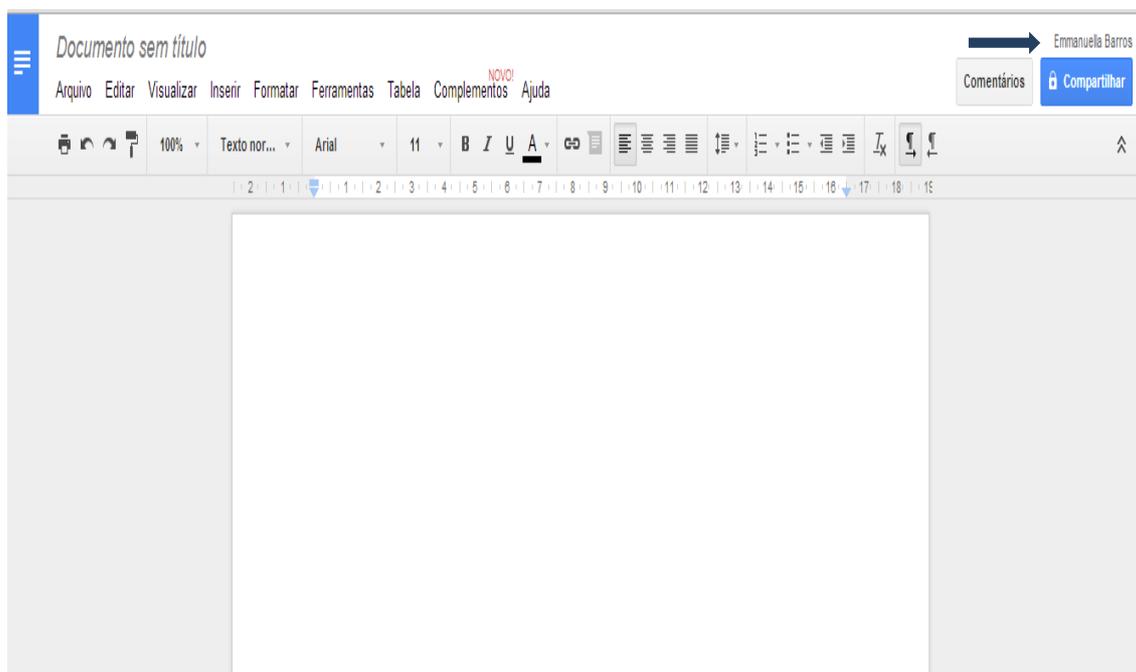
2.5. Principais ferramentas de EC da *Web 2.0*

2.5.1. Google Docs

Com a criação de *softwares* cada vez mais dinâmicos e com o surgimento de ferramentas simples e práticas direcionadas aos usuários, a nova linhagem da internet lida com materiais ricos, cujo principal objetivo é fornecer maior produtividade nas informações ao alcance de todos.

Nesse contexto, destacamos o *Google Docs* como um *software* capaz de reter diversas funções, principalmente por facilitar a escrita colaborativa entre os seus usuários. Utilizando-o de graça na internet podemos perceber as várias ferramentas disponibilizadas e a praticidade com que lidamos em seu uso.

A interface do *Google Docs* é similar a um documento do *word*, e, por isso, contém utilidades em que é possível especificar a fonte, tamanho da letra, opções de formatação, opções de impressão. Todavia, as possibilidades a serem exploradas com esse software vão muito além de um editor de textos ou um espaço a mais para compartilharmos os escritos, como será mais detalhado a seguir.

Figura 01 – Página inicial do Google Docs

Fonte: *Print screen* da aplicação do software no sistema operacional Windows 7.

Como é possível verificar na página de abertura, o *Google Docs* está sincronizado ao *e-mail*, e assim, é possível compartilhar o que se escreve além de convidar outras pessoas para participarem do texto seja através de comentários, seja por meio da escrita colaborativa no próprio texto. Desse modo, é possível realizar alterações simultâneas e visualizar quem alterou o quê e quando.

Esse *software* nos dá a possibilidade de criar arquivos totalmente novos e reutilizar os arquivos existentes. Para isso, aceita vários formatos, desde os mais conhecidos aos menos utilizados pelos internautas. Além disso, é possível publicar os textos na *Web* e decidir quem terá acesso à publicação. De maneira simples, tem muita opção e praticidade ao mesmo tempo.

O *Google Docs* pode ser aplicado em diversos ambientes porque além do *word*, que proporciona a coautoria instantânea, tem planilhas, *slides*, é um editor em potencial que indica vários caminhos possíveis em seu uso.

Entretanto, é no contexto educacional que destacamos a pesquisa de Ribeiro (2012). A autora em questão desenvolveu seus estudos em parceria com seus alunos de CEFET- MG e é mediante essa união que se propõe em sala de aula a realizar experiências de retextualização.

Com o uso do *Google Docs* a autora esperava que os alunos exercitassem a retextualização¹⁰ colaborativamente, de maneira a elaborar o documento em parceria, sem a necessidade de encontros pessoais. Por outro lado, enquanto educadora, argumentava sobre a importância de acompanhar o passo a passo da execução da tarefa e interromper sempre que necessário. (RIBEIRO, 2012).

Os resultados dessa pesquisa mostraram que os alunos interagiam com mais atenção, preocupados com a constituição do texto e com a mudança na ordem das informações. Demonstraram também interesse em perceber opiniões divergentes e entender como a edição e a correção conjunta atuam na clareza e no enriquecimento do texto. (RIBEIRO, 2012).

Concluída essa breve explanação no uso do *Google Docs*, passaremos para a aplicação da EC seguinte.

2.5.2. *Wikipédia*

Outro destaque da geração 2.0 é o site *Wikipédia*, conhecido pela maioria por ser uma enciclopédia é, principalmente, um site que oferece mecanismos de desenvolver a EC, porque qualquer um que tenha acesso à rede mundial de computadores e que de alguma forma possa fornecer conteúdos sobre um tema específico pode colaborar com o texto.

Para exemplificar o que estamos falando, mostraremos mais adiante duas ilustrações de textos da *Wikipédia* em que a primeira não tem alteração nenhuma, pois mostraremos a imagem tal qual se encontrava no site, a partir do que estava escrito inicialmente. Já a segunda ilustração contém acréscimos, a fim de que se indique a facilidade ao utilizar as ferramentas disponíveis de edição para acrescentar as informações contidas.

A imagem abaixo contém informações curtas sobre o que é a escrita colaborativa e para mostrar o que deve ser feito na edição, destacaremos as etapas que se seguem.

¹⁰ Nessa atividade de retextualização foi feita uma transcrição literal de uma locução de rádio evangélica, de alcance restrito na cidade de BH. (RIBEIRO, 2012, p. 94).

Figura 02 – Informações sobre a EC antes das modificações

The screenshot shows the Wikipedia interface for the article "Escrita colaborativa". At the top right, there are links for "Criar uma conta" and "Autenticação". Below these, a navigation bar includes "Artigo", "Discussão", "Ler", "Editar", "Editar código-fonte", and "Ver histórico". A search box labeled "Pesquisa" is also present. The article title "Escrita colaborativa" is prominently displayed. Below the title, the origin is noted as "Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre." The main text explains that "escrita colaborativa" refers to projects where texts are created collaboratively. A table of contents box is visible, listing sections: "Índice [esconder]", "1 Aproximação prática", "2 Exemplos", "3 Conceitos similares e relacionados", and "4 Ligações externas". On the left side, there is a sidebar with various navigation links such as "Página principal", "Conteúdo destacado", "Eventos atuais", "Esplanada", "Página aleatória", "Portais", "Informar um erro", "Colaboração", "Boas-vindas", and "Ajuda".

Fonte: *Print screen* do site *Wikipédia*. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita_colaborativa>.

Primeiramente, é possível notar ao lado do ícone de pesquisa a presença de ferramentas para editar o texto e as fontes, que dão a impressão de alterações instantâneas no site, mas para que as alterações sejam de fato realizadas é necessário ter um registro, isto é, algo que comprove que as informações acrescentadas tenham certa fundamentação. É bem simples e no passo a passo da edição o site dá várias dicas do que fazer e do que não fazer.

Depois de escrever as modificações que se deseja, é preciso enviar um resumo do que foi acrescentado ao texto e, de maneira bem rápida, o que foi escrito aparece em seguida no site, sem restrições e sem complicações. Observemos o que foi acrescentado no segundo parágrafo.

Figura 03 – Página sobre EC atualizada

The image shows a screenshot of the Portuguese Wikipedia page for 'Escrita colaborativa'. The page layout includes a top navigation bar with links for 'Criar uma conta' and 'Autenticação'. Below this is a search bar and a set of navigation links: 'Artigo', 'Discussão', 'Ler', 'Editar', 'Editar código-fonte', and 'Ver histórico'. The main content area features the title 'Escrita colaborativa' and a sub-header 'Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.'. The text explains that collaborative writing involves texts created by multiple users, some supervised by editors. It also notes that collaborative writing is used in educational contexts. A table of contents is visible, listing sections like 'Aproximação prática', 'Exemplos', 'Conceitos similares e relacionados', and 'Ligações externas'. On the left side, there is a sidebar with various Wikipedia navigation options, including 'Página principal', 'Conteúdo destacado', and 'Colaboração'.

Fonte: *Print screen* do site Wikipédia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita_colaborativa>.

Diferente do que encontramos no *Google Docs*, o site *Wikipédia* não tem ferramentas que nos permitam visualizar quem escreveu e o que escreveu. Além disso, não é possível compartilhar as modificações realizadas porque o autor quando modifica o que está escrito abre mão de seus direitos autorais. Assim, o texto ao ser escrito colaborativamente oculta às informações e as mudanças realizadas no site, mesmo produzidas de maneira coletiva, dão a impressão de escrita uniforme.

Em contrapartida, a enciclopédia virtual também recebe muita atenção quando se fala em práticas textuais colaborativas desenvolvidas na escola. Nessa linha, temos a pesquisa de Lima (2009) que fez um experimento com seus alunos no curso de Letras na cidade de Sorocaba e para que esse estudo se realizasse contou com a ajuda de vinte e cinco deles.

A experiência foi dividida em três etapas. No primeiro momento, foi realizada uma discussão teórica não presencial, em que os alunos deveriam conhecer e estudar diversos temas como: hipertexto digital, gêneros hipertextuais e escrita colaborativa. (LIMA, 2009).

O segundo passo envolvia atividades práticas, de contato com o *Wikipédia*, nessa perspectiva, os alunos aprenderam a usar as ferramentas disponibilizadas na enciclopédia virtual e ao mesmo tempo recebiam auxílio para fossem esclarecidas suas dúvidas. Nesse momento, o importante era saber como manusear as ferramentas, como uma espécie de preparação para a conclusão.

A terceira parte, que também representava a conclusão dessa pesquisa, foi a EC propriamente dita, quer dizer, os sujeitos realizaram, em grupos de cinco pessoas, um ensaio acadêmico de tema livre, mas que contemplasse as questões de linguagem, discutidas na primeira etapa.

Pelos resultados, a autora constatou que os graduandos utilizaram diversos *links* e quase todos os grupos utilizaram os multimidiáticos. Foi notado que, constantemente as partes do texto eram negociadas e cada grupo procurava democratizar as escolhas textuais, pois quando inseridos em um trabalho colaborativo, aprenderam a modificar a escrita do outro, sem interferir no seu trabalho enquanto integrantes do grupo. Os alunos concluíram que aprenderam muito e, sem dúvida, implementariam essa prática enquanto professores, pois enraizaram conceitos que dificilmente seriam absorvidos apenas com leituras pontuais. (LIMA, 2009).

Finalizaremos o capítulo tecendo considerações acerca do *Facebook*, universo que desencadeou nossas pesquisas.

2.5.3. *Facebook*

O *Facebook* foi criado em 2004 por um grupo de estudantes de Harvard e possuía, a princípio, um serviço limitado que se expandiu depois para as universidades próximas ao ciclo de convivência dos alunos e, desde então, devido a grande popularidade, hoje o *Facebook* atinge dimensões mundiais.

De acordo com o site IDG *now* essa rede alcançou na quarta feira 24/04/2014 a marca de um bilhão de usuários ativos em telefones móveis e conta com 1,28 bilhão de usuários no mundo inteiro.

É difícil dizer porque exatamente o *Facebook* alcançou marcas gigantescas, mas algumas pistas podem ser dadas através da mobilidade, facilidade de comunicação e ferramentas que essa rede possuiu. Antes de ser o mais popular do mundo, o *Facebook* superou o *My space* que já contava com a possibilidade de compartilhamento e bate-papo online.

O site Triasons (<http://www.trianons.com.br/>) listou as “redes sociais” mais utilizadas ao redor do mundo e de acordo com suas informações o *Facebook* é a mais popular entre os internautas, listando o *Orkut* como “ex-queridinho” dos brasileiros, por ter sido a rede social

mais utilizada no país. Já o *My space* aparece com uma colocação pouco acima do *Orkut* no uso mundial, sendo pouco popularizado no país.

Na atualidade, o *Facebook* conta com ferramentas que possibilitam aos usuários compartilhar, publicar fotos, vídeos, imagens, textos, curtir o que se compartilha e se posta, seguir pessoas, curtir páginas de celebridades, filmes, séries para acompanhá-los e etc. Além disso, e por ser um site de redes sociais, conta com um perfil que mostra as principais informações dos usuários, desde que não seja privada, para os amigos. Por outro lado, oferece um bate-papo que possibilita troca de informações instantâneas entre os usuários.

Assim, um espaço com dimensões tão globais torna-se limitado com hipóteses que o definem como “site de relacionamentos”, “site social”, ou “uma plataforma”, porque acabam não sendo suficientes para abarcar as múltiplas possibilidades disponíveis nesse meio.

Baseado nisso, este estudo se apoia no que diz Recuero (2009, p. 102) quando a autora argumenta que as redes são apenas suportes e só se tornam redes sociais, de fato, pela interação estabelecida entre os navegadores. Afirma a pesquisadora que:

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. [...] Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes. É o caso do *Orkut*, do *Facebook*, do *LinkedIn* e vários outros.

Fica claro, nas palavras da autora, que o *Facebook* é apenas um suporte que facilita o relacionamento entre as pessoas conectadas. *Orkut*, *My Space*, *Facebook* e tantos outros apontados, frequentemente, como redes sociais são apenas sites. As redes se constituem entre as pessoas que se relacionam via internet.

A partir da exposição inicial do que representa o *Facebook*, apontamos como o ponto de destaque nesta dissertação o seu uso na propagação de textos e argumentação de ideias. Porquanto que, é o espaço destinado à escrita que cada vez mais são utilizados pelos usuários que surgem como uma forma de conscientização de um tema.

As discussões giram em torno de um debate político, uma crítica social, geralmente envolvendo temas polêmicos que despertam a atenção dos outros “facebookianos” e que, pela liberdade que possuem, acabam criando verdadeiros textos recheados de argumentos, interpretações e manifestações.

É claro que nesse site há, também, o lado cômico destinado a diversão, bate-papo, brincadeiras, “cutucadas” que estão muito mais relacionadas à comunicação do que propriamente a uma ação social de sujeitos mais engajados. Mas não discutiremos os usos imbricados no *Facebook*, não nos interessa a maneira como os usuários agem e sim as formas textuais emergentes, já que o princípio constitutivo do nosso estudo parte de exposições argumentativas e colaborativas.

Sendo assim, encontramos no espaço que é mostrado na imagem abaixo uma forma de comunicação midiática, que em várias instâncias utiliza a argumentação como ponto alto. Entretanto, devido aos ícones representados na imagem, é também um espaço de divulgação de fotos, vídeos, eventos cotidianos, é possível indicar os lugares e as pessoas ligadas a publicação, dizer o ano da publicação, dizer o que está fazendo, como está se sentindo e tudo isso sutilmente relacionado a pergunta: No que você está pensando? Que além de abrir o canal de comunicação, torna a opção de “postar” bem sugestiva, já que nós sempre estamos pensando em alguma coisa.

Figura 04 - Espaço destinado à escrita no mural de cada usuário



**Fonte: print screen do site Facebook. Disponível em <
<https://www.facebook.com/emmanuella.barros.7>>.**

Sendo assim, é sobretudo nesse espaço descrito anteriormente que nos propomos a desenvolver nosso estudo, levando em conta que a autoexposição torna-se o ponto alto da *Web 2.0*.

De acordo com Miller (2012) são nesses espaços de produção textual que ocorre a ação pragmática e nessa ação ocorrem duas etapas importantes que são fincadas no aspecto intrínseco e extrínseco. Isso ocorre quando a autoexpressão a serviço de um locutor mobiliza determinada comunidade e é nessa rede retórica que produtores e receptores de textos compartilham emoções, buscam reconhecimento, se reconhecem, se posicionam e assumem

uma posição sujeito que não seria possível se não houvesse um diálogo intermitente entre os envolvidos no ato de necessidade notória.

É por isso que, nas mediações do nosso estudo, encaramos a proposta textual do *Facebook* como um modo assíncrono que leva em conta as possibilidades textuais elaboradas ou não pelo código para representar as ideias dos usuários. Assim, nos apoiamos no que diz Carvalho e Kramer (2013, p. 82) sobre a linguagem desenvolvida no site:

Pensamos que no jogo da comunicação midiática estão envolvidos sujeitos que desempenham funções como atores sociais e estabelecem entre si um tipo de contrato comunicativo em que seus papéis não são engessados e recebem diversas influências dos aspectos sociais, políticos e linguísticos envolvidos nos eventos comunicativos.

Com isso, é importante reiterar a dinâmica complexa das maneiras de produção de textos encontrados nesse ambiente e que, nessas condições, se destacam pelo uso do espaço comunicativo como um canal aberto para situações dialógicas e na divulgação de temas diversos. Estejam eles, heurísticamente, associados ao signo linguístico ou em formatos multimodais.

Então, o *Facebook* é reconhecido por ser um suporte à constituição de redes de relacionamentos e tem em sua marca a excelência de interligar pessoas, mas isso não o resume. A *Wikipédia* e o *Google Docs*, citados anteriormente, têm na essência a marca da EC, que no site pode estar associado à escrita colaborativa reativa, um princípio de um texto contínuo que ganha à contribuição de vários usuários. Assim, fica claro que o *Facebook* possibilita variadas experiências aos internautas e é na busca incessante pela informação e na quebra de barreiras comunicativas que pode estar inserida uma nova maneira de utilizá-lo, a partir de um enfoque diferente na colaboração do ato de escrever, pois o *Facebook* é constituído em um ambiente que, na sua raiz, não carrega ferramentas específicas de escrita colaborativa.

Para finalizar este tópico, destacamos a contribuição de Pimentel (2014) que fez um estudo sobre os gêneros presentes no *Facebook*, descrevendo como as relações entre os usuários podem ocasionar diversos gêneros, investigando os temas e caracterizando suas naturezas.

Com esse estudo, Pimentel (2014) procurou trabalhar os conceitos de gêneros em várias perspectivas e contribuiu com uma discussão proficiente no que diz respeito à natureza das postagens, caracterizadas a luz da teoria dos gêneros textuais em ambientes digitais.

Embora essa pesquisa e o estudo de Pimentel (2014) partam do mesmo site, a temática na constituição dos estudos é muito diversa, justamente pelas diversas formas de linguagem que surgem nesse contexto e que por ser tão ampla e rica fomenta discussões e o interesse de vários pesquisadores.

Nesse contexto, o trabalho de Pimentel (2014, p. 108), buscou descrever os gêneros mais utilizados no site de rede social Facebook, tais como: “fotografia comentada, charge comentada, tirinha, trecho de música, citação, propaganda, quadrinho, cartão de felicitação e vídeo.”. Além disso, o estudo levou em conta as análises temáticas circunscritas nesses gêneros, ou seja, os assuntos mais debatidos no site e, a partir disso, caracterizou as mesclas de gêneros, levando em conta a análise de gêneros em seu agrupamento numa esfera discursiva.

A partir da explanação desse estudo, pode-se comprovar mais uma vez a riqueza de estudos que circulam em torno do Facebook e como a constante interação e participação na rede auxiliam na formação de variadas formas de práticas sociais. Pois, ressalta-se que: “os gêneros se adaptam às práticas sociais, dialógicas e funcionais do sistema ao qual estão ligados, indicando outros tantos rumos para mais pesquisas que discutam práticas interacionais nesses novos meios de comunicação e, conseqüentemente, de circulação de gêneros”. (PIMENTEL, 2014, p. 110).

Ao fim deste capítulo, tocamos em questões teóricas importantes, a partir da caracterização das *Webs*. Optamos por dar ampla importância a *Web 2.0* por ser nessa geração, que se desenvolveu em maior plenitude a EC, uma vez que as ferramentas propiciaram a criação dessa dinâmica textual.

Apresentamos as quatro formas de prática de EC e mostramos em maiores detalhes as ferramentas mais atuais que lidam com essa prática. Detalhamos a natureza do *Facebook* e procuramos mostrar que esse site pode sim apresentar uma dinâmica colaborativa.

No próximo capítulo, discutiremos, mais especificamente, a linguagem argumentativa desenvolvida no site, procurando caracterizar a argumentação e os mecanismos textuais inerentes a ela.

CAPÍTULO III

Estudos argumentativos: concepções e referências

A linguagem tem a possibilidade de fazer curtos-circuitos em sistemas orgânicos intactos, produzindo úlceras, impotência ou frigidez. Porque são as palavras que carregam consigo as proibições, as exigências e expectativas. E é por isto que o homem não é um organismo, mas este complexo linguístico a que se dá o nome de personalidade.

Rubem Alves

Neste capítulo, falaremos mais especificamente sobre a argumentação, com o objetivo de revisar os principais estudos nessa área. Além disso, enfatizaremos a concepção teórica de Adam, procurando explicitar como se constitui a sequência argumentativa, mediante exemplos práticos. E na última parte, apresentaremos as principais pesquisas que vêm destacando a linguagem argumentativa desenvolvida no *Facebook*.

3.1. Argumentação e linguagem: uma introdução a partir dos principais estudos

Nesta pesquisa, entendemos que a argumentação se destaca como um objeto de estudo multifuncional, no qual, vários pesquisadores procuram dar sua contribuição. Sendo assim, procuraremos explicitar algumas teorias que podem contribuir com a caracterização do nosso objeto de pesquisa, destacando as principais contribuições de caráter argumentativo que mais se adequam aos nossos indicadores de análise, enfatizando, para esse fim, as contribuições de Adam (2011).

Nessa perspectiva, a fim de caracterizarmos melhor os textos selecionados, iniciaremos esse capítulo com as contribuições de Vogt, precursor nos estudos sobre representação da linguagem, e, para isso, nos apoiamos em Koch (2011), quando a autora cita Vogt (1980) ao explicar sobre a intencionalidade na linguagem.

Segundo Vogt (1980), todo enunciado diz algo, mas o diz de um certo modo. Ao dizer, o enunciado representa um estado de coisas do mundo – tem-se aqui o que se pode chamar de significação ou de sentido 1. Por outro lado, ele mostra (e o faz por meio de marcas linguísticas) o modo como o enunciado é dito, ou seja, a maneira como se representa a si mesmo: é o sentido 2. (KOCH, 2011, p. 22).

Em outras palavras, Vogt tem como ideia central o jogo de relações entre locutor e interlocutor, o linguista aposta na ação dramática no ato ilocucional, que consiste no fato de que a representação é sempre estabelecida e mediada na relação e comunicação entre os sujeitos. Assim, há um dialogismo e uma significação essencial no ato ilocucional, que afetam diretamente as situações enunciativas.

Para o autor, a intenção do falante não é carregada por questões psicológicas, pois todo falante tem uma intenção ao enunciar alguma coisa e essa intencionalidade é marcada pelos aspectos semânticos. Nessa linha, compreender as raízes das intenções comunicativas implica em um reconhecimento de todo o ato enunciativo.

Continuando com as ideias de Vogt (1979, p. 84), o autor acrescenta que:

A constância da dramatização de caracteres nas trocas linguísticas é algo que me leva a pensar a linguagem como um processo de interação. Não, entretanto, um processo que se desenvolvesse como simples resultado de ação de dois indivíduos que, postos frente a frente, tomassem do instrumento comum disponível e dessem concretude às intenções de informar-se mutuamente.

Com isso, percebemos que ao mesmo tempo em que a linguagem tem o seu lado representativo e dramático, pelo jogo dialógico estabelecido entre os falantes, a linguagem é ação, interação, e porque não dizer intenção, já que mesmo antes de qualquer informação ser transmitida há antes os jogos argumentativos subjacentes a ação. Vogt, então, preconiza em seus estudos a abordagem da pragmática, semântica e sintática, já que cada uma estabelece uma funcionalidade da língua, reconhecendo a multiplicidade dos enunciados produzidos.

Reiterando o estudo por meio da sintaxe e semântica, em seu artigo sobre a análise das conjunções **porque**, **pois** e **já que**, Vogt (1978) faz uma análise sintática dessas três conjunções e posteriormente realiza as análises semânticas, pois para o autor não são suficientes apenas os dados estruturais. De acordo com as suas análises e com os jogos enunciativos que faz a partir da aplicação das conjunções, parece claro apostar que as interpretações são pistas dadas pelo ponto de vista sintático. Ou seja, mesmo que seu estudo fosse estritamente sintático, para que se alcançasse o entendimento necessário na aplicação

dessas conjunções, é imprescindível levar em conta a atitude intelectual do locutor e a que ele atribui ao ouvinte, de modo que tanto os operadores lógicos como os subjetivos¹¹ tornem-se fundamentais a análise de qualquer texto. Visto que, como o próprio autor afirma, esse estudo está estruturado em análises sintáticas das conjunções mencionadas, valendo-se também de uma descrição e análises semânticas a fim de encontrar explicações acerca da organização dessas conjunções na construção do texto e do discurso. É nesse sentido que se reitera o papel das operações subjetivas, já que as conjunções são marcas linguísticas que também marcam a organização do raciocínio. (VOGT, 1978).

Continuando com as questões relacionadas à argumentação, partimos do que propõe Koch (2011, p.33) ao destacar as marcas linguísticas de textos argumentativos. São elas:

- a) as pressuposições;
- b) as marcas das intenções, explícitas ou veladas, que o texto veicula;
- c) os modalizadores que revelam sua atitude perante o enunciado que produz;
- d) os operadores argumentativos, responsáveis pelo encadeamento dos enunciados;
- e) as imagens recíprocas que se estabelecem entre os interlocutores e as máscaras por eles assumidas no jogo de representações.¹²

A autora destaca essas marcas, pois acredita que esses elementos em comunhão são capazes de demonstrar os efeitos e a arquitetura de um enunciado. Então, não se trata de uma análise discursiva, mas de entender o linguístico a partir da representação discursiva.

Ressalta ainda que nem toda a análise textual é baseada estritamente nesses marcadores linguísticos, porém são esses elementos que permitem compreender melhor o texto e o evento que constitui sua enunciação.

Sobre a pressuposição, Koch (2011) delinea os estudos nesse sentido a partir de uma perspectiva histórica com a intenção de mostrar os avanços da noção de pressupostos e sua importância nas análises discursivas.

Seguindo sua perspectiva, a pressuposição é um ato estruturante do discurso, é um mecanismo de coerência que não cabe nos estudos estruturalistas, pois esses não são capazes de inscrever, explicar as interpretações emergentes.

¹¹ Nesse caso, os operadores lógicos indicam relações frasais enquanto os operadores subjetivos são denominados por Vogt (1978) como operadores argumentativos que denunciam o pensamento daquele que esboça uma opinião, marcando as intenções com a linguagem.

¹² Nesse aspecto, a autora destaca a pesquisa de Vogt no que diz respeito à linguagem como ação dramática. Quer dizer, “é representação de representação de 2º grau: além de representar algo do mundo extralinguístico, ela representa a si mesma”. (KOCH, 2011, p. 32).

“(...) a pressuposição exerce um papel específico em todo e qualquer discurso, sendo, no nível fundamental da língua, um dos fatores constitutivos do sentido dos enunciados, inscrito geralmente na própria significação das frases”. (KOCH, 2011, p.70).

Ou seja, a pressuposição está expressa na relação entre as pessoas do discurso e além de requerer uma marca linguística indiscutível, comporta na organização do código os princípios interpessoais, reconhecendo assim a não inocuidade nos atos discursivos.

Ao discutir as marcas de intenções, podemos também discutir os modalizadores no discurso, posto que as intenções de um locutor estão intimamente ligadas a sua atitude em um enunciado.

Sobre esse aspecto, surge um exemplo bem prático para entendermos os valores atitudinais de um locutor, que podem ser velados ou não. Consideremos os locutores A e B com suas respectivas frases sobre a atitude de uns manifestantes:

A- Quase dez mil pessoas compareceram ao ato público!

B- Apenas dez mil pessoas compareceram ao ato público.

Analisando com cuidado as afirmações, podemos perceber facilmente as intenções e as atitudes dos locutores. Enquanto o primeiro locutor apoia o movimento e esboça certo entusiasmo ao descrever o quantitativo de pessoas, o segundo locutor adota uma posição contrária e utiliza termos para minimizar o evento social.

Koch (2011) nomeia esses exemplos como “lexicalização” em que, quase e apenas são operadores argumentativos. Esses recursos linguísticos, como pudemos observar, marcam a distância colocada pelo interlocutor no momento da enunciação, permitem deixar claro as pistas de interpretação e de intenção incorporadas ao seu discurso, mostrando o envolvimento dos sujeitos em maior ou menor grau, dependendo do engajamento com o que se diz.

Com relação aos operadores argumentativos, Koch, baseada no postulado de Ducrot, Anscombe e Vogt, defendem o uso desses operadores inscritos na gramática com uma premissa pragmática. Isso quer dizer que os operadores são funcionais e orientam um enunciado a partir da intenção dos interlocutores. Nesse caso, a argumentação está condicionada ao ato linguístico e qualquer orientação linguística é também argumentativa. “Evidencia-se, portanto, que essas instruções, codificadas, de natureza gramatical, supõem evidentemente um valor retórico da construção, ou seja, um valor retórico – ou argumentativo – da própria gramática.” (KOCH, 2011, p. 106).

Sobre imagens recíprocas, Koch (2011) defende o postulado de Vogt e sobre esse aspecto já destacamos anteriormente, com uma breve descrição das ideias desse autor.

No aspecto cognitivo, ao tratar a intencionalidade da linguagem, Koch (2011) esboça rapidamente a contribuição de Searle, e outros filósofos de Oxford, no campo da argumentação e postula a existência da “força” com que a linguagem é produzida na produção de enunciados.

De acordo com o artigo de Castañon (2006), um dos pontos mais centrais na obra de Searle diz respeito à intencionalidade nos atos de fala. Assim sendo, o pesquisador afirma que a obra abarca o termo consciência em toda a ação humana, quer dizer, tudo o que fazemos, fazemos com uma intenção e essa intenção é cognitiva.

No que diz respeito à linguagem, encontramos em Searle a perspectiva de que toda expressão é independente de um aspecto linguístico, encontrando-se primeiro nos aspectos lógicos e formais da mente. Por isso, todo o ato ilocucionário é submetido a regras e como tal, não se sustenta por meio da livre expressão e sim pela intencionalidade que permite a inferência de que o dizer é apenas um jogo de ideias.

Para Searle, toda a comunicação é governada pelo ato ilocucionário e esses atos estão relacionados a uma vontade, intenção. Nesse caso, o filósofo pretende provar que a comunicação linguística envolve necessariamente atos e é a partir deles que organizamos semanticamente um ato ilocucionário. Ou seja, a semântica é um conjunto de regras constitutivas que organizam a língua e o ato ilocucionário é orientado por essas regras (SEARLE, 1965).

A teoria dos atos de fala foi iniciada com as contribuições de Austin (1911-1960) e depois complementada com os argumentos de Searle. Baseado nisso, é possível delimitar três atos fundamentais relacionados a essa teoria. O primeiro é chamado ato locutório: o ato puro de dizer alguma coisa. O ato ilocutório: quando o locutor pronuncia algo com certas intenções. E, o ato perlocutório: que é realizado quando o ato ilocutório chega ao ouvinte.

Com isso, a ideia de Searle nos leva a entender a argumentação fundamentada em outro patamar. A partir do desenvolvimento da teoria dos atos de fala podemos considerar que o conteúdo semântico de uma língua é intrínseco aos atos mentais e a intencionalidade do falante. Então, é nessa intencionalidade que reside a argumentação, já que o ato ilocucionário é movido pela intenção do falante, com uma organização semântica que conduza os argumentos do locutor ao interlocutor. O que há, grosso modo, é um arranjo entre fatores externos e internos para que a comunicação se satisfaça e a argumentação encontre a força necessária para que o locutor alcance os objetivos desejados em sua expressão.

Ao que diz respeito à argumentação política, destacamos os estudos de Osakabe, também citado por Koch, ao discutir a argumentação em contextos políticos. Diante disso, destacamos nesta dissertação a pesquisa de Osakabe sobre os discursos de Lula, enquanto representante do Partido dos Trabalhadores (PT) e a linguagem utilizada pelo político para representar determinada classe brasileira.

O autor argumenta sobre a originalidade e a precisão nos discursos de Lula, por serem realizados em contextos reais os quais são originários. Para Osakabe a autenticidade dos discursos se constitui pelo fato de que o político partilha não só suas experiências com o povo representado como também sua fala. (OSAKABE, 1987).

E mesmo sendo um discurso regido pela marca das variantes linguísticas, é autêntico e significativo pelo contexto que o legitima, já que cada argumento e ideia defendida pelo político são compartilhados pelo universo íntimo entre o sujeito e os partícipes. Desse modo, o discurso não é feito de um locutor perante um público, mas sendo o público seu interlocutor, assumem o papel também de sujeitos, que se unem em favor do discurso sintonizado, idealizado e partilhado, assumindo todos uma só voz.

Para Osakabe o estudo discursivo está intimamente relacionado ao estudo argumentativo. Assim, seus estudos textuais se baseiam numa perspectiva pragmática que leva em conta o mecanismo textual, com maior ênfase nas condições de produção necessária ao entendimento global da realidade discursiva. Isto quer dizer, que uma análise textual-discursiva deve resultar do jogo de interpretações que surgem entre locutores e interlocutores, já que são os protagonistas ancorados pela situacionalidade que garantem a semanticidade discursiva. Em tal caso:

O estudo da organização argumentativa de um discurso depende totalmente das considerações feitas anteriormente sobre as condições de produção. Isto é, depende das imagens mútuas que se pressupõem fazer locutor e ouvinte; depende das imagens que se pressupõem fazer locutor e ouvinte sobre o referente; depende, em último lugar, do lugar, dos atos de linguagem que o locutor realiza no momento do discurso. (OSAKABE, 1999 p. 109).

Baseado nisso, percebemos no trabalho de Osakabe uma preferência ao estudar os atos implícitos de um discurso que não se inscrevem prioritariamente em marcas linguísticas. Suas análises partem da relação estabelecida entre os partícipes do discurso pelo o viés semântico e funcional.

O autor é referência no Brasil em estudos argumentativos políticos e se dedica ao estudo das imagens recíprocas que se estabelecem entre locutores e ouvintes na caracterização

do discurso. Nesse sentido, é a orientação do locutor a partir de seus interesses para o ouvinte que justifica o discurso político.

Pelo que foi apresentado, percebemos que os estudos sobre argumentação se expandem em diversas áreas. Encontramos em Searle o aspecto cognitivo, em Vogt e Koch os aspectos textuais, que parecem complementar-se. Vamos adiante e percebemos as conjunturas ideológicas e culturais da argumentação política de Osakabe¹³.

Mas, Diante de tantas possibilidades, podemos questionar: o que é afinal a argumentação? Como ela se manifesta?

Se afirmarmos que a argumentação está na lógica, negamos o que diz Searle diante dos aspectos cognitivos e intelectuais. Ao observarmos apenas as questões cognitivas, deixaremos de lado o que nos apresenta Koch e Vogt. Se nos detivermos apenas nos discursos políticos, prescindiremos mais uma vez do que diz Searle sobre intelectualidade do fazer argumentativo.

Parece complicado responder a essas perguntas, pois a argumentação nesse estudo, reiteramos, não está direcionada em apenas um único caminho e ao mesmo tempo em que afirmamos isso não queremos fazer uma mistura entre as teorias, mas para que se analisem textos argumentativos a partir um site de redes sociais abrangente como o *Facebook* é crucial observar o nosso objeto de estudo em diversos ângulos, para encontrarmos subsídios que nos deem as respostas na pesquisa. A nossa intenção com a apresentação desses estudos foi de mostrar a argumentação caracterizada em três ângulos, sob o viés da cognição, do fator textual e do aspecto ideológico, por considerarmos esses três elementos essenciais nos estudos argumentativos.

Portanto, consideramos a argumentação fundamental ao ato discursivo, somos seres pensantes, críticos e argumentamos constantemente, sem nem perceber. A argumentação é sim um ato linguístico, mas isso não exclui outras categorias, pois a cognição, nossa religiosidade, valores morais, sociais, políticos e éticos regem o que dizemos, e é mediado por nossos princípios íntimos que podemos elaborar os mais belos discursos, uma vez que acreditamos em nossos ideais e utilizamos a língua materna na disseminação dessas vozes argumentativas.

A argumentação está também nos momentos de interação, pois na medida em que são produzidos os argumentos, concorda-se ou discorda-se deles, cria-se contra-argumentos e finalmente, conclui-se, com a criação de uma nova tese. É desse modo que quase sem querer a

¹³ Não queremos dizer com isso que as ideias dos autores citados estão restritas aos aspectos apresentados, mas que tais aspectos acabam tornando-se proeminentes nos trabalhos discutidos.

argumentação estimula o raciocínio, desenvolve a capacidade crítica e permite o crescimento do sujeito, aquele que compreende, aquele que reflete, que elabora e que concordando ou não, não é passivo e muito menos alienado. A argumentação é uma arma poderosa, cabe a nós utilizarmos com a sabedoria exigida e o discernimento necessário.

Argumentar é colocar a linguagem em ação, é mobilizar os signos para defender o que queremos, argumentar é uma ação, e como tal é inerente as formas de linguagem. Pois, como defende Koch (2011, p. 21):

(...) a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto fator básico não só de coesão, mas, principalmente de coerência textual.

Como é possível observar, a argumentação não se esgota e nem se limita, pois é constituinte de um ato linguístico, no qual está implícita toda forma de comunicação. É através dela que intencionalizamos a linguagem, que inscrevemos uma ideologia e que buscamos convencer as pessoas em práticas sociais interativas.

Ao analisar a posição de Koch (2011), discutida ao longo desse tópico, percebemos com clareza sua proeminência linguística como caracterizadora da argumentação, mas aceitar os aspectos textuais não exclui os aspectos anteriormente mencionados. Concordamos que a argumentação é linguística, porém, como a própria autora explica, a argumentação dialoga com a coerência e é a partir desse aspecto que observamos a natureza extralinguística do nosso objeto de pesquisa.

Por fim, depois de citar as contribuições desses estudiosos acerca da argumentação e suas implicações, a partir de cada concepção adotada, destacaremos com maior ênfase a contribuição de Adam (2011), ao tratar a sequência argumentativa, que nos servirá de base maior para os posteriores procedimentos analítico.

3.2. A Sequência argumentativa

Antes de iniciarmos propriamente com a sequência argumentativa que nos dará os subsídios teóricos para a análise dos textos, precisamos esclarecer e situar a pesquisa de

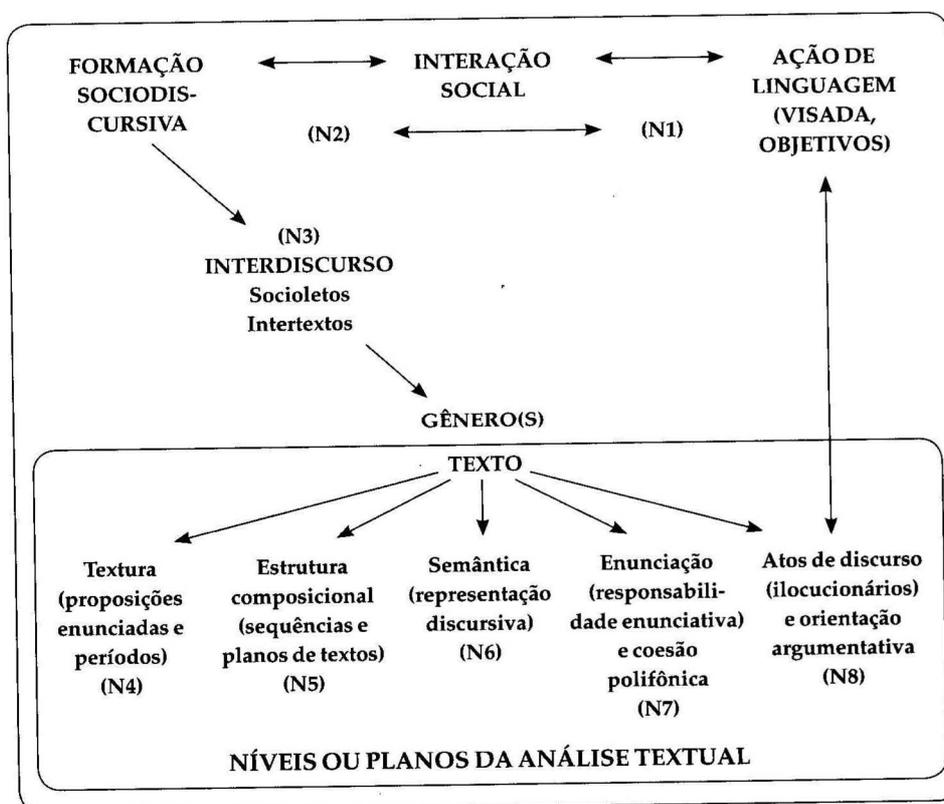
Adam, entender como ele se propõe a analisar os encadeamentos textuais e como se situa a argumentação em sua pesquisa.

Para Adam (2011), a análise textual se concentra na articulação entre linguística textual e análise do discurso, e seus estudos baseiam-se, principalmente, na linguagem enquanto ação, comunicação, interação. O autor foge ao máximo da gramática de texto e postula a pragmática textual ligada à análise discursiva como indispensáveis na investigação das unidades textuais.

Segundo o autor, foi a partir da aceitação de Charles Bally (1951) que postulava a indissociabilidade entre linguagem e ação que ele elaborou o esquema a seguir, mostrando a ação da linguagem no nível 1, e mediante essa ação, com a eficácia da formação discursiva os textos se transformam em gêneros. Ou seja, os gêneros estão associados a uma legitimação, pois podem dar credibilidade ao que é dito, dado que apenas o dizer nem sempre é o bastante. (ADAM, 2011).

Para que essa proposição fique mais clara, apresentamos o esquema dessa articulação, como destacado abaixo:

Esquema 01- Esquema níveis e planos de análises textuais e discursivas de Adam



Fonte: ADAM (2011 p. 61).

Como é possível observar, a análise de Adam sugere impossibilidade ao analisar textos e discursos separadamente. “Toda a ação de linguagem inscreve-se, como se vê, em um dado setor do espaço social, que deve ser pensado como uma formação sociodiscursiva”. (ADAM, 2011, p. 63).

Quer dizer, a ligação entre linguística de texto e análise do discurso parece, além de concebível, a melhor forma de entendimento da linguagem enquanto ação, pois se trata de observar textos em todos os seus elementos constitutivos instaurados e mediados pelo gênero discursivo, o qual os situa. Dessa forma, toda a ação da linguagem se instaura numa formação discursiva associada ao socioletos que culmina com a formação do gênero discursivo. Em que, este, se forma pelo viés da interdiscursividade.

Depois desse esclarecimento inicial sobre a concepção e funcionamento das práticas languageiras, iniciaremos com a questão das sequências textuais, proposta por Adam (2011, p. 206), que mais uma vez entoa a junção entre o caráter textual e discursivo.

A teoria das sequências foi elaborada como reação à excessiva generalidade de tipologias do texto. (Egon Werlich, 1975) Ao descrever formas elementares de textualização denominadas narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas ou dialogais, minhas propostas inscreviam-se no prolongamento linguístico da teoria psicocognitiva dos esquemas.

Ou seja, para o autor, as unidades textuais são divididas em proposições, períodos, planos de textos e sequências, sendo essas últimas diferentes do que se considera tipo de texto. Assim, narrar, descrever, argumentar e explicar, enquanto ações verbais realizadas pela linguagem transformam-se em gêneros na articulação com os discursos. Isto é, essas quatro ações languageiras são denominadas de macroações sociodiscursivas e tem como principal função a seleção e reforço de uma asserção.

Por exemplo, Adam afirma que o ato do discurso primário é afirmar, o macroato de discurso pode se dar por meio da asserção argumentativa, que nesse caso, enfatiza a ação de argumentar e o objetivo final visa à ação sociodiscursiva. (ADAM, 2011). Ou melhor, é por meio da perspectiva interativa dos enunciados que alcançamos uma representação sociodiscursiva.

Como esta dissertação lida, sobretudo com as questões argumentativas, encontramos na análise de Catelão (2010, p. 02), ao observar textos argumentativos sob a ótica sociodiscursiva, contribuições para entender como se situa e se constitui essa ação verbal:

A argumentação é, segundo Adam, uma operação extremamente utilizada no discurso, podendo assim ser confundida ou até mesmo relacionada a outras sequências. Entretanto, a sequência argumentativa é um tipo de estrutura que apresenta determinadas particularidades prototípicas que a diferenciam de sequências como a narrativa e a explicativa. Tais aspectos fazem do texto argumentativo base para artigos de jornal, revistas, discursos políticos e publicitários, meios de comunicação em que se pretende vender ou transmitir uma ideia.

Isto é, a argumentação em Adam encontra um espaço dialógico e o fato de argumentar leva sempre a uma contra-argumentação que propicia troca de informações, negociação e a reestruturação de novas ideias diante do que foi discutido. Assim, essa relação que se estabelece entre os participantes do discurso é relevante, especialmente quando se observa a argumentação como parte constituinte de toda forma discursiva.

Especificando a discussão para sequência argumentativa de Adam, cabe esclarecer que esse tipo de sequência representa o encadeamento de dois movimentos para o progresso da argumentação. O primeiro é caracterizado pela apresentação e/ou a justificação de algum fato, em que se verifica se há uma contestação ou não a partir da tese inicial, e o segundo movimento se realiza por meio das inferências ocorridas e das conclusões extraídas com os fatos apresentados.

Desse modo, a sequência argumentativa prototípica acompanha os movimentos dados à escrita pela argumentação. Contudo, vale ressaltar que o esquema serve apenas como um indicador analítico, já que a ordem estabelecida por cada autor é única no momento da produção e, portanto, ocorre certa flexibilidade na ordem esquemática apresentada a seguir.

Esquema 02 – Sequência argumentativa de Adam



Fonte: ADAM (2011, p. 234).

Ainda segundo o esquema proposto, o teórico postula que a estratégia argumentativa compreende dois níveis. No nível justificativo, o autor apresenta vários argumentos e depois finaliza com sua opinião concluindo o assunto. Já no nível dialógico, como o próprio nome sugere, há um contra-argumentador, real ou não que vai mediar a escrita argumentativa.

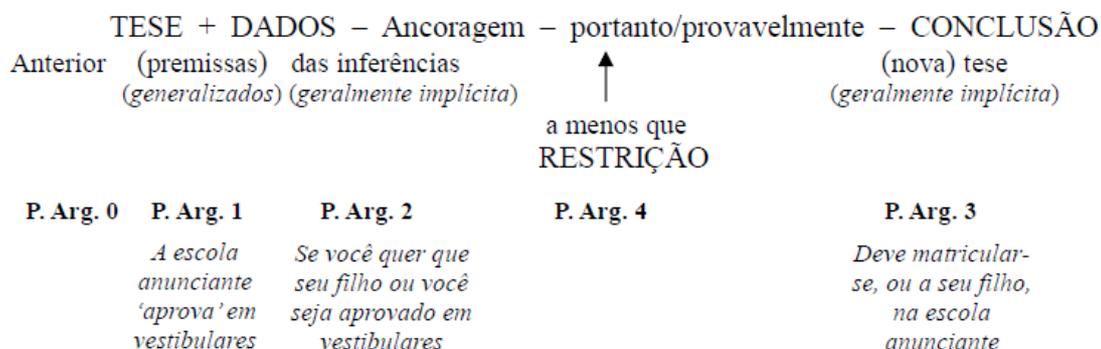
Então, a partir do esquema proposto por Adam (2011, p. 234 e 235), encontramos a seguinte construção argumentativa: O nível justificativo compreende os argumentos (P.arg 1 + P.arg 2 + P.arg3). “Em que a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos colocados”. Já o segundo nível, denominado dialógico ou contra-argumentativo, é composto por (P.arg 0 e P.arg 4), e “a argumentação é negociada com um contra-argumentador real ou potencial.”

Para exemplificar, utilizaremos um estudo que se baseou na sequência argumentativa proposta por Adam ao analisar anúncios escolares. Os pesquisadores utilizaram exemplos de doze anúncios escolares dos mais diversos tipos, sobretudo os cartazes que tinham como público-alvo alunos pré-universitários.

Com a análise, os autores observaram o grande apelo quantitativo dos cartazes e como os anúncios pareciam um jogo publicitário enaltecendo o lucro e as vantagens de investir na carreira do aluno, matriculando-o em determinado local. Além disso, houve grande preocupação em mostrar a qualidade dos cursos apresentando aprovações de estudantes nas carreiras mais concorridas, como direito e medicina.

No que concerne à sequência argumentativa, os autores encontraram um ponto em comum dentre todos os anúncios utilizados, uma vez que eram orientados em torno de argumentos, contra-argumentos e conclusões em comum. Assim, embora cada um tivesse uma forma diferente de apresentar suas ideias e suas vantagens, todos giravam em torno de argumentos semelhantes. Para isso, apresentamos o esquema a seguir, baseado em Nobre e Oliveira (2011):

Esquema 03 – Exemplificação da sequência argumentativa



Fonte: NOBRE; OLIVEIRA (2011, p. 11).

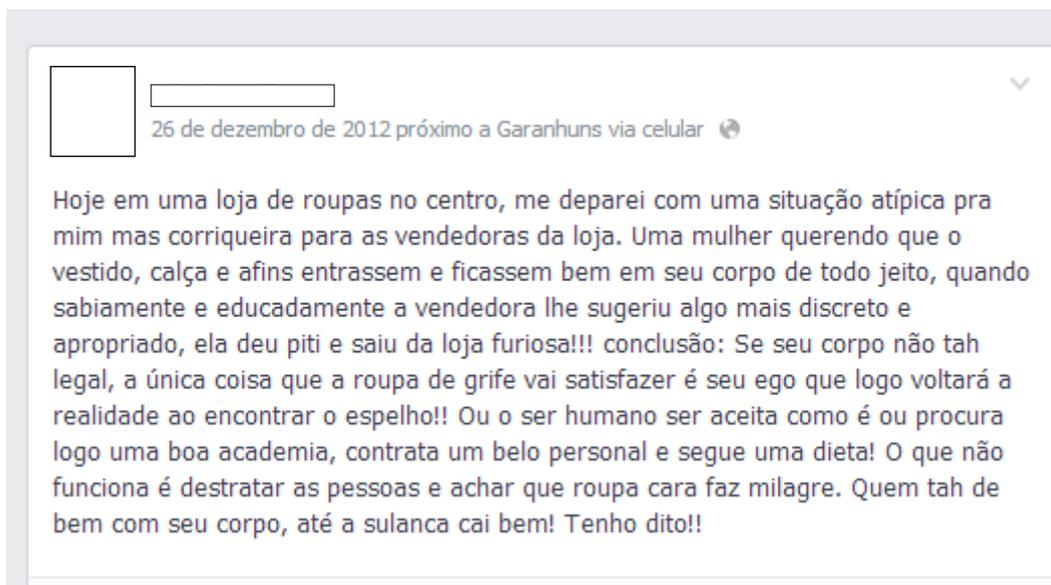
Nesse estudo, o mapeamento indica um mercado consumidor que faz parte dos cursos pré-vestibulares hoje em dia, e para alcançar o público os cursos utilizam mensagens sedutoras e dados que comprovam a eficácia dos seus métodos de ensino para a aprovação.

Sabe-se que a concorrência esta cada vez maior, dessa maneira, os anúncios escolares encontram nos argumentos apresentados uma forma de se sobressair entre os demais. De modo que, “tais argumentos de sedução, elencados e discutidos, são os responsáveis por conduzir o público consumidor a procurar o serviço escolar divulgado.” (NOBRE; OLIVEIRA, 2011, p. 11).

Ainda sobre a sequência argumentativa proposta por Adam, temos a intenção de apresentar com maiores detalhes as estratégias argumentativas utilizadas por um usuário no site *Facebook*, bem como os argumentos que estão dispostos dentro da estrutura dessa sequência, para que se torne mais clara a teoria que vem sendo discutida.

O texto retirado para exemplificar esse trabalho trata-se de uma produção feita por um *personal trainer* que defende a prática de atividades físicas para a saúde e o bem estar físico e estético.

Fragmento textual 01 – Exemplificação e análise



Fonte: Site Facebook

Nesse texto, é possível observar encadeamentos dialógicos na composição dos argumentos, pois o autor se depara com certa situação cotidiana e a partir da posição assumida pela mulher que observava, começa a construir seus argumentos. Diante disso, observamos dois movimentos descritos por Adam (2011, p. 233) o de refutar e depois o que demonstra-justifica uma tese.

No primeiro momento do texto, o usuário procura descrever em poucas palavras o fato ocorrido, e nessa sua apresentação, já deixa pistas da refutação, contestação com a atitude observada. Quando ele afirma: “uma mulher querendo que o vestido, calça e afins **entrassem e ficassem bem em seu corpo de todo jeito**, quando **sabiamente e educadamente a vendedora** lhe sugeriu algo mais discreto **ela deu piti e saiu da loja furiosa**”. Percebe-se que ele toma uma posição em relação ao ocorrido porque enaltece a posição da vendedora, enquanto se refere à mulher como “barraqueira”, “que dá piti”.

Em seguida, o produtor do texto elabora-o justificando sua posição mediante as circunstâncias. Nesse sentido, destacam-se os argumentos como: **Se seu corpo não tá legal, a única coisa que a roupa de grife vai satisfazer e seu ego...**”. **Ou o ser humano se aceita como é ou procura logo uma academia...**”. **“Quem tá de bem com seu corpo, até sulanca cai bem”**.

Então, seguindo o esquema proposto por Adam (2011), que foi apresentado anteriormente, encontramos nessa construção argumentativa dois níveis. O nível justificativo (P.arg 1 + P.arg 2 + P.arg3), pois como visto, o autor apresenta os fatos e mesmo deixando transparecer seu ponto de vista, esse nível representa mais uma introdução, que não leva em conta, primordialmente o interlocutor. No texto, esse nível compreende o início até a conclusão apresentada por ele.

Já no segundo nível, a argumentação é negociada com um contra-argumentador real. Nessa etapa, o autor do texto apresenta um contra-argumento, ou seja, a visão dele diante da postura adotada, criando um diálogo com o interlocutor. Pois, quando ele afirma: “o que não funciona é **destratar as pessoas e achar que roupa cara faz milagre.**” O autor se refere diretamente ao fato ocorrido e negocia, argumenta com o interlocutor real.

No nosso próximo tópico, ainda com a contribuição de Adam, falaremos dos conectores argumentativos que também vão contribuir com a formação das nossas análises.

3.3. Conectores argumentativos

Além da sequência argumentativa, o autor destaca em seus estudos os conectores argumentativos e como eles desempenham funções de marcar um posicionamento do sujeito e também de demarcar a linha de pensamento em contextos enunciativos. Para tanto, Adam (2011, p. 190 e 191) destaca quatro classes de conectores apresentadas a seguir:

- a) **Conectores argumentativos marcadores do argumento:** porque, já [uma vez que] que, pois, com efeito, como, mesmo, aliás, por sinal etc.
- b) **Conectores argumentativos marcadores de conclusão:** portanto, então, em consequência etc.
- c) **Conectores contra-argumentativos marcadores de um argumento forte:** mas, porém, contudo, entretanto, no entanto etc.
- d) **Conectores contra-argumentativos marcadores de um argumento fraco:** certamente, embora, apesar de que, ainda que etc.

Ou seja, esses conectores estabelecem uma articulação necessária entre a posição enunciativa e a sua responsabilidade, de maneira que dependendo do conector utilizado é possível reforçar ou sustentar uma inferência presente no texto.

Dessa maneira, o autor fala do movimento entre os conectores tendo em vista um conjunto de normas. Assim, um conector além de demonstrar um ponto de vista e um posicionamento, realça as relações entre os locutores e interlocutores.

Ainda falando dos conectores, Adam (2010) expande seus estudos ao apresentar a estrutura argumentativa da demonstração, que segundo ele, se divide em duas partes: A primeira “é uma espécie de narração-testemunho, enquanto a outra é uma confirmação da argumentação desenvolvida.” (ADAM, 2010, p. 119).

Nesse sentido, para Adam (2010, p. 119 e 120), os marcadores que indicam a narração-testemunho são articulados em torno de; **por conseguinte, porque, se...é**. Esses três marcadores se associam a uma relação de sentido entre os argumentos, uma relação de consequência para apresentar os fatos.

Já a segunda parte é composta de conectores como; **é por isso que, aliás**, que são elementos para concluir e finalizar os argumentos apresentados. Para o autor, **porque** é um conector explicativo, enquanto **aliás** é um conector que deve ser usado para esclarecer, interpretar o que foi dito em outro momento. (ADAM, 2010, p. 124).

O que nós precisamos entender com isso é a grande importância que tem os elementos conectivos na construção de uma argumentação. É possível perceber que esses elementos não estão no texto apenas para introduzir, apresentar ou concluir um argumento, eles estão ali por uma intenção e na obra de Adam ganham amplo destaque.

Todos esses elementos conectivos não se restringem a um marcador textual, eles são essenciais no discurso e funcionam como uma ponte de ligação entre o locutor, seu interlocutor e os efeitos de sentido pretendidos no ato da argumentação. Os conectores argumentativos realçam uma intenção e é também por meio deles que a análise deve ser desenvolvida.

No tópico seguinte, iniciaremos as discussões sobre as tecnologias e o uso da argumentação, por meio de um caminho teórico que acompanha algumas pesquisas relacionando o *Facebook* e a produção da argumentação em categorias variadas.

3.4. Argumentação desenvolvida no *Facebook*

Nos dias atuais, torna-se cada vez mais popular as práticas de argumentação e a exposição do eu. Os sites de redes sociais, como o *Facebook*, e a crescente busca pela popularização têm mobilizado pessoas de todas as partes para falarem o que pensam e discutirem temas polêmicos, ou não, dependendo dos interesses pessoais. O que fica em evidência é que essa abertura dada pela *Web* possibilita um diálogo entre os usuários do site de redes sociais em que cada um tece informações sobre um tema e expõe seu ponto de vista.

Mas, é claro que nem sempre há essa exposição textual e sendo o *Facebook* um lugar que possibilita as múltiplas linguagens, os usuários utilizam o espaço de produção de textos de várias formas, mobilizando os recursos midiáticos que lhes convêm para alcançar objetivos plurais. É, então, a partir dessas múltiplas possibilidades que a argumentação acaba atingindo conotações diversas.

Com isso, é por meio dessa pluralidade expressa na argumentação via *Facebook* que apresentamos o estudo de Carvalho, Lins e Kramer (2011, p. 192) sobre a linguagem publicitária e como o discurso de produção e consumo vem fortalecendo as mudanças no estilo de vida das pessoas conectadas. Para as autoras:

A internet veio transfigurar absolutamente a cultura e a forma como vivemos em sociedade e, com esse novo recurso tecnológico, modificou não apenas a linguagem, mas a maneira como seus usuários se relacionam com o mundo. O livre acesso a todo tipo de informação gerou uma grande interatividade entre as pessoas, que reformulou os hábitos de toda uma geração subsequente [...] como, por exemplo, o consumo que cresceu assustadoramente devido à facilidade na relação compra e venda.

Esse site de redes sociais, como o próprio nome sugere, carrega fortemente a marca da interatividade, do diálogo e da exposição pessoal, seja nas inscrições do perfil ou na forma como divulgam fotos, textos e vídeos, entre outros. Mas, o *Facebook*, também traz como marca a divulgação de notícias e a promoção de conteúdos publicitários.

Nesse contexto, e com a pluralidade de representações, as autoras acrescentam que: “Hoje, se pensa mídia como instrumento de persuasão¹⁴ das massas e também vem se falando em influência da informação.” (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 81).

¹⁴ Nesse ponto do trabalho parece mais óbvia a associação entre argumentação e persuasão e é assim mesmo que funciona. Pois, nas palavras de Lopes e Bevidas (2007, p. 33):” imbricam-se com tamanha intimidade que é difícil querer estabelecer-lhes alguma hierarquia de pressuposição, de englobamento ou prioridade teórica. Apenas, a argumentação, parece deixar-se ver como uma subdimensão ou como uma das variantes do fazer

Isto é, o *Facebook* alarga as possibilidades interativas e representa um marco ao tratar a questão da mobilidade, de modo que se configura a partir dos interesses do público-alvo que quer atingir e convencer.

Com esses usos configurados no site *Facebook*, as autoras analisam pequenos fragmentos jornalísticos para comprovar que até a linguagem padrão presente nos jornais pode acompanhar as inovações em rede. Nesse sentido, apresentam um texto da folha de S. Paulo com a escrita “Todos comemora”. Sobre esse fragmento, explicam:

O texto aqui reportado não contém erros de digitação. A expressão “todos comemora” advém de um uso popularizado pela rede de relacionamentos *Twitter*, e não se sabe ao certo como apareceu. Ela faz parte dos chamados “memes” da internet, que são modismos usados durante um período de tempo, muito populares nas comunicações em rede. (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 86).

Além da colocação desses “modismos”¹⁵ na linguagem, as páginas de jornal no site se propõem a ouvir a opinião dos internautas e iniciam discussões com *posts* interativos como no fragmento destacado abaixo:

Fragmento textual 02 - Enquete retirada do artigo de Carvalho e Kramer (2013, p. 87).

Após polêmica, queremos saber: a Folha pode usar termos como ‘todos comemora’? [Leia nosso post anterior.]

- o Sim – é a linguagem das redes sociais.
- o Não – um jornal deve escrever corretamente.
- o Tanto faz.

O uso de enquetes tem demonstrado, então, um movimento dialógico próprio desse site de redes sociais, que valoriza a opinião dos leitores, pois ao mesmo tempo em que buscam a notícia, interagem sobre o fato ocorrido.

Com esse trabalho, pudemos perceber que a grande mídia de notícias incita debates e discussões entre os usuários. A propagação de textos informativos é avassaladora e cada vez mais pessoas se sentem à vontade para argumentar em mídias jornalísticas.

persuasivo”. Isto é, enquanto a argumentação está mais restrita ao debate e exposição de ideias, a persuasão é uma forma de convencimento e é nesse momento que essas duas ações se mesclam, uma vez que a argumentação utilizada para convencer alguém utiliza um pilar persuasivo.

¹⁵ O termo modismos é empregado pelas autoras para designar os “memes” “que são utilizados na internet durante um período de tempo, muito populares nas comunicações por redes”. (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 86).

Por outro lado, os “facebookianos” encontram caminhos de participação que vão além de instâncias informativas, as formas de expressão são as mais variadas possíveis e o internauta vem modificando não só as abordagens na comunicação, mas as maneiras de inserção e participação social. É assim que os indivíduos passam a ser sujeitos e tornam-se “agentes na construção da informação”.

Seguindo esse princípio, destacamos a pesquisa de Bozza e Panke autores que optaram em discutir as estratégias argumentativas no *Facebook*, com o movimento #Yosoy132, por meio da base teórica de Perelman, Olbrechts-Tyteca.

Segundo os autores Bozza e Panke (2013), o candidato Enrique Peña Nieto se envolveu em uma discussão com um grupo de estudantes porque na época em que era governador do Estado do México legitimou uma repressão contra os protestantes. Com a reafirmação de Nieto, que faria o mesmo, 131 universitários gravaram um vídeo mostrando insatisfação com o que foi dito e postaram no Youtube.

Após isso, vários outros universitários aderiram ao movimento e criaram o movimento #Yosoy132 em apoio ao ativismo dos protestantes.

Para a realização das análises, os pesquisadores observaram as várias postagens que o grupo realizou no *Facebook* e encontraram estratégias argumentativas que reforçaram a legitimação do movimento, pois além de unirem o grupo e seus membros, facilitaram o processo de identificação entre os participantes. Os autores reforçam:

O argumento de grupos e seus membros é a técnica que indica a relação estabelecida entre o grupo e seus membros, criando ligação entre integrantes da defesa de teses. Com a pesquisa, foi possível verificar que, apesar de ter passado o período eleitoral, o #Yosoy132 manteve comunicação ativa entre seus integrantes e a sociedade mexicana. As técnicas argumentativas utilizadas no Facebook indicam, justamente, a necessidade de reforçar a ligação entre o grupo e seus adeptos, favorecendo com que a ação não se configure apenas como eleitoral. (BOZZA; PANKE, 2013, p. 210 e 211).

Embora a base teórica escolhida pelos autores não seja a mesma adotada neste trabalho, a pesquisa indica pontos de incidência que precisam ser colocados. Assim, é possível perceber como a internet, e o mundo de descobertas que oferece, encoraja a participação social, política e cidadã. Não queremos dizer que essas atitudes só acontecem no espaço virtual, mas a internet vem modificando as formas mais propensas de protestos, uma vez que os usuários conseguem lançar seus posicionamentos e isso alcança cada vez mais pessoas em uma velocidade alarmante.

Portanto, sites de redes sociais como o *Facebook* refletem discussões imbricadas à vida humana, são palcos para discussões políticas, culturais, ideológicas e isso só vem a reforçar a criação de uma identidade. Com tudo o que é apresentado na rede, as pessoas se identificam ou não, discutem ou não, e o *Facebook* vai se tornando um espaço de pensamento crítico, de formação de opinião, que cada vez mais fomentam ações ativistas, resvalando em uma nova tomada de relações sociais e representações nunca antes observada.

Outra pesquisa muito interessante, elaborada por Penteado (2014), relata as manifestações dos usuários no *Facebook* contra a Copa do Mundo e, principalmente contra os gastos gigantescos em estádios de luxo, deixando outros setores mais importantes como saúde e educação sem prioridade. Para o autor:

O estudo dos protestos contra os gastos públicos com a organização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil em 2014 dentro das redes sociais fornece subsídios para a compreensão do ativismo político contemporâneo que encontra nesses ambientes espaços para sua articulação e o surgimento de um tipo diferenciado de liderança política. (PENTEADO, 2014, p.13).

Para realizar seu estudo, ainda em progresso, o autor analisou várias postagens de uma comunidade que tem o nome “#Não vai ter Copa – Segundo grande ato em 2014 Contra a Copa”. A partir dessa comunidade, Penteado (2014) procurou caracterizar seus usuários, e compreender os atos políticos manifestados na rede. Com esse estudo inicial, o autor pôde constatar a grande força que tem a rede digital na propagação e defesa de ideias, definindo-a como um espaço de desabafo e de posicionamentos insatisfeitos com os caminhos do país. Entretanto, o autor observou como ponto negativo a falta de liderança e de coerência entre os participantes de um modo geral que acabou levando os internautas a uma dispersão inevitável.

Fazendo um comparativo, baseados nos dados desse estudo, as manifestações realizadas entre junho e julho de 2013 contaram com o apoio de milhares de pessoas e uma propagação de protestos que se espalharam por todo o país. Por outro lado, esse segundo maior ato contra a Copa do Mundo “sinalizava 14.197 pessoas confirmadas, 6.414 usuários que talvez comparecessem e um total de 286.916 convidados. No final, o protesto reuniu apenas cerca de 1.500 manifestantes”. (PENTEADO, 2014, p. 14 e 15). Ou seja, fica claro o quanto a dispersão prejudicou o movimento e que não basta apenas utilizar os sites de redes sociais, as pessoas precisam se sentir realmente motivadas para que o discurso se torne uma prática.

Finalizando este capítulo, revisamos conceitos importantes sobre a argumentação, caracterizando-a pelos estudos de Vogt, Koch, Searle e Osakabe, percebendo que cada um deu ênfase a um aspecto importante nesse tema. Tentamos rever conceitos de estudiosos sobre as práticas de argumentação e assim encontramos um caminho no que propõe Adam, ao passo que, percebemos a indissociabilidade de textos e discursos, sobretudo no que diz respeito às análises de argumentos.

Além disso, percebemos como o uso do *Facebook* vai além do status de “rede de relacionamento” e torna-se uma arma poderosa para a discussão e persuasão na rede, com estudos que comprovaram a mobilização de sujeitos, em que cada usuário dá sua medida e seu cunho pessoal.

Concluída a revisão teórica, passaremos as análises dos textos iniciadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

Análises dos textos argumentativos e da escrita colaborativa

Na convivência, o tempo não importa. Se for um minuto, uma hora, uma vida. O que importa é o que ficou deste minuto, desta hora, desta vida... Lembra que o que importa... é tudo que semeares, colherás. Por isso, marca a tua passagem, deixa algo de ti... do teu minuto, da tua hora, do teu dia, da tua vida.

Mario Quintana

Neste momento do trabalho, faremos as análises textuais para verificar a argumentação desenvolvida no *Facebook*, prestando atenção também aos indícios de escrita colaborativa que surgem por meio de questões que polemizam e despertam a atenção dos usuários. Primeiramente, faremos as análises sobre a argumentação relacionando com a abordagem teórica de Adam, dentro do que o autor postula sobre a sequência argumentativa. Em seguida, faremos as análises voltando nossa atenção para os movimentos em que os textos ganham a colaboração dos usuários, a partir dos comentários, para entender se, além de argumentativo, o texto é realmente colaborativo.

4.1. Análises textuais no *Facebook* por meio da sequência argumentativa

A sequência argumentativa, como vimos anteriormente, proposta por Adam (2011), se apoiou em dois movimentos para que o período argumentativo se tornasse uma sequência. O primeiro que **demonstra-justifica**¹⁶ uma tese e é conhecido como o nível justificativo, seguido do movimento de **refutar** uma tese, chamado de nível dialógico, que constitui o segundo movimento. Portanto, a argumentação nesses movimentos é passível de apresentação de fatos, discussão, reiteração, contestação, novas conclusões. Ou seja, além de argumentos

¹⁶ Grifos do autor.

que são imprescindíveis, há também os contra-argumentos, para dar dialogicidade à sequência. Ao lado disso, os marcadores ou os conectores argumentativos servem de base para organizar o texto e apresentar as ideias do autor.

Diante disso, enquanto usuária ativa e pesquisadora¹⁷ desenvolvi muito interesse pelas manifestações argumentativas que surgiram no *Facebook*, principalmente entre os meses de junho e julho de 2013, momento em que as manifestações realizadas no Brasil ganharam repercussão internacional, e foi a partir desse período que notei mais avidamente a exposição do eu e a marca forte da argumentação.

Na medida em que me interessava pelos textos divulgados no *Facebook* e fazia a coleta desses textos para as análises seguintes, pude notar que nem sempre há um mesmo movimento argumentativo e sendo esse site de redes sociais um lugar que possibilita as múltiplas formas de comunicação, os usuários utilizam o espaço de produção textual de várias formas, a partir de uma orientação pessoal.

Sendo assim, um ponto forte da argumentação observada nesse site diz respeito ao diálogo estabelecido entre os usuários. Isso acontece não só pela facilidade de interação, mas por ser o diálogo uma marca constitutiva da argumentação, pois quem argumenta sempre tenta convencer alguém de alguma coisa, e assim muitos dos escritos nesse site de redes sociais se destinam a uma audiência com elementos argumentativos.

Além desse movimento dialógico, verificamos que o *Facebook* possibilita a argumentação que se manifesta sem, necessariamente, ter a participação dos demais. Ou seja, embora a interação esteja em um primeiro plano, pelo relacionamento que se estabelece na rede, a argumentação mesmo mobilizada apenas por um usuário, visa um interlocutor em potencial.

Isto é, mesmo que o texto seja construído para autoesclarecimento, autoavaliação e autoconsciência, toda a produção visa uma audiência e por isso, por mais intimista que o texto seja construído não se pode negar a construção de comunidades.

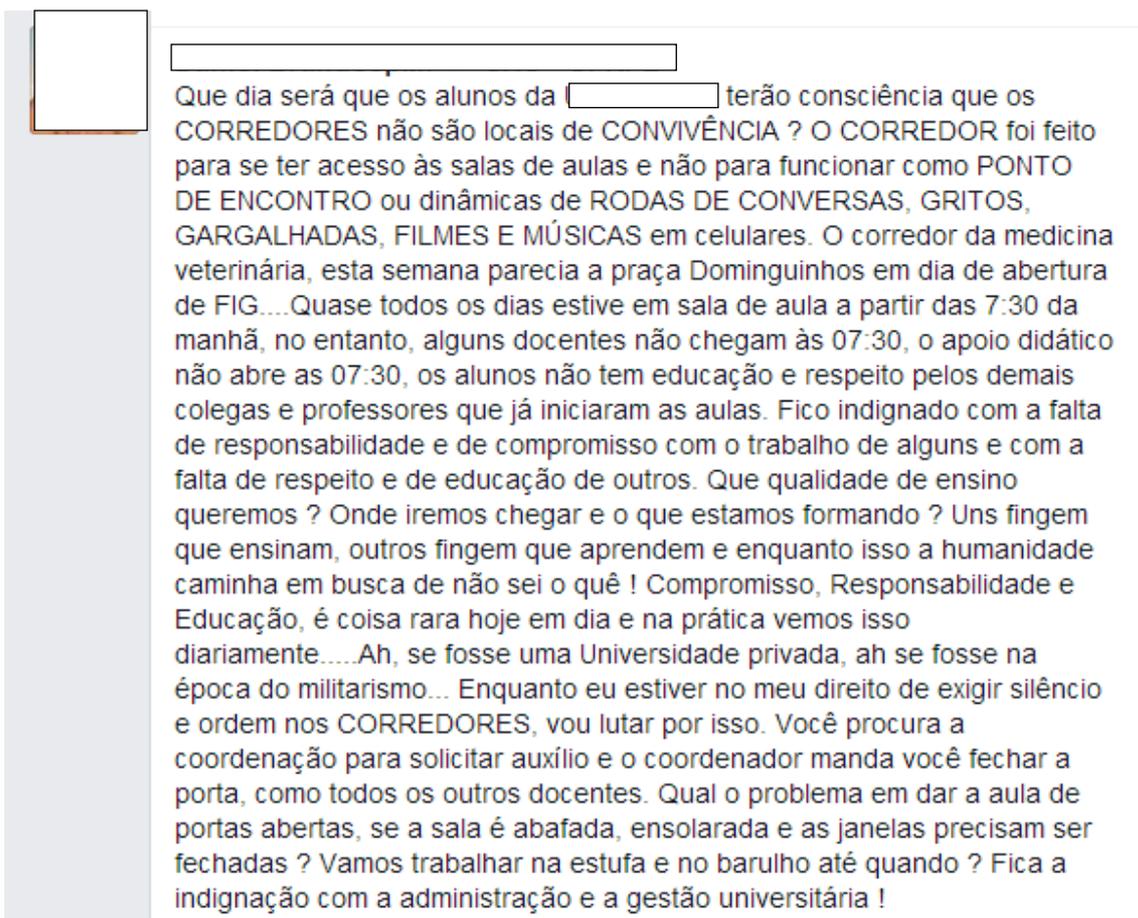
Neste estudo, analisaremos tanto as produções argumentativas mais individuais, como as produções que envolvem a forte participação dos demais usuários, pois é foco dessa pesquisa entender também as produções colaborativas e para isso, quanto maior o grau de interação torna-se mais fácil vislumbrar nossa questão de pesquisa.

¹⁷ Nesse caso, desenvolvi o texto em primeira pessoa por se tratar de uma questão muito pessoal, a escolha do tema, o que me propus a estudar e pesquisar. Tratou-se de uma decisão pessoal, por isso destaquei meu interesse em pesquisar sobre a temática mencionada.

Como apresentamos antes, a sequência argumentativa compreende dois níveis e Adam (2011) procurou deixar um espaço nessa sequência para a contra-argumentação, com o movimento dialógico sustentado na nova tese, já que a mesma pode ser reformulada tanto no início como no final, a depender de como os argumentos sustentados estão organizados no decorrer da sequência.

Nesse sentido, o primeiro texto selecionado, conforme fragmento 03, diz respeito ao comportamento de alguns alunos em ambientes acadêmicos. O locutor utiliza um espaço no *Facebook* que é restrito ao grupo de alunos e funcionários de uma universidade para demonstrar sua insatisfação e sua revolta diante de certas circunstâncias.

Fragmento textual 03 – Comportamento em ambientes acadêmicos



Que dia será que os alunos da [REDACTED] terão consciência que os CORREDORES não são locais de CONVIVÊNCIA ? O CORREDOR foi feito para se ter acesso às salas de aulas e não para funcionar como PONTO DE ENCONTRO ou dinâmicas de RODAS DE CONVERSAS, GRITOS, GARGALHADAS, FILMES E MÚSICAS em celulares. O corredor da medicina veterinária, esta semana parecia a praça Dominginhos em dia de abertura de FIG....Quase todos os dias estive em sala de aula a partir das 7:30 da manhã, no entanto, alguns docentes não chegam às 07:30, o apoio didático não abre as 07:30, os alunos não tem educação e respeito pelos demais colegas e professores que já iniciaram as aulas. Fico indignado com a falta de responsabilidade e de compromisso com o trabalho de alguns e com a falta de respeito e de educação de outros. Que qualidade de ensino queremos ? Onde iremos chegar e o que estamos formando ? Uns fingem que ensinam, outros fingem que aprendem e enquanto isso a humanidade caminha em busca de não sei o quê ! Compromisso, Responsabilidade e Educação, é coisa rara hoje em dia e na prática vemos isso diariamente.....Ah, se fosse uma Universidade privada, ah se fosse na época do militarismo... Enquanto eu estiver no meu direito de exigir silêncio e ordem nos CORREDORES, vou lutar por isso. Você procura a coordenação para solicitar auxílio e o coordenador manda você fechar a porta, como todos os outros docentes. Qual o problema em dar a aula de portas abertas, se a sala é abafada, ensolarada e as janelas precisam ser fechadas ? Vamos trabalhar na estufa e no barulho até quando ? Fica a indignação com a administração e a gestão universitária !

Fonte: Site Facebook

Em se tratando dos níveis propostos por Adam (2011), observamos os dois níveis bem estruturados. Logo no início de sua produção, o usuário levanta uma questão e a partir da pergunta desenvolve seu texto mostrando sua experiência em relação ao assunto, apontando os conhecimentos por ele colocados.

Quando o autor escreve: “O CORREDOR foi feito para ter acesso às salas e não para funcionar como PONTO DE ENCONTRO ou dinâmicas de RODAS DE CONVERSAS, GRITOS, GARGALHADAS, FILMES E MÚSICAS em celulares.”

Nesse ponto, o autor coloca em cena o que ele pensa e qual é a sua visão diante dos fatos. Mais adiante, o autor fala de sua experiência diante da situação e, mais uma vez, deixa a mostra os seus conhecimentos.

Escreveu ele: “Quase todos os dias estive em sala de aula a partir das 7:30 da manhã, no entanto, alguns docentes não chegam às 07:30, o apoio didático não abre as 07:30, os alunos não tem educação e respeito pelos demais colegas e professores que já iniciaram as aulas.” Ou seja, essas partes iniciais se referem ao nível justificativo (P.arg 1 + P.arg 2 + P.arg 3) o autor expõe sua opinião, se coloca diante dos fatos e só depois disso começa sua contra-argumentação.

Nesse texto, a dialogicidade dos argumentos está expressa na maneira como o autor esboça a postura de alguns alunos e como ele se mostra indignado diante disso. Quando o autor escreve: “Fico indignado com a falta de responsabilidade e de compromisso com o trabalho de alguns e com a falta de respeito e de educação de outros.” Fica clara a posição contra-argumentativa dentro do que acredita ser a postura ideal e da postura que o autor condena. Portanto, mesmo que seu texto não contenha expressões visíveis de posturas adequadas, é notório o que ele considera ser o certo e o errado. É nesse ponto que ele dialoga com um contra-argumentador real e deixa mais clara a sua visão diante dos fatos.

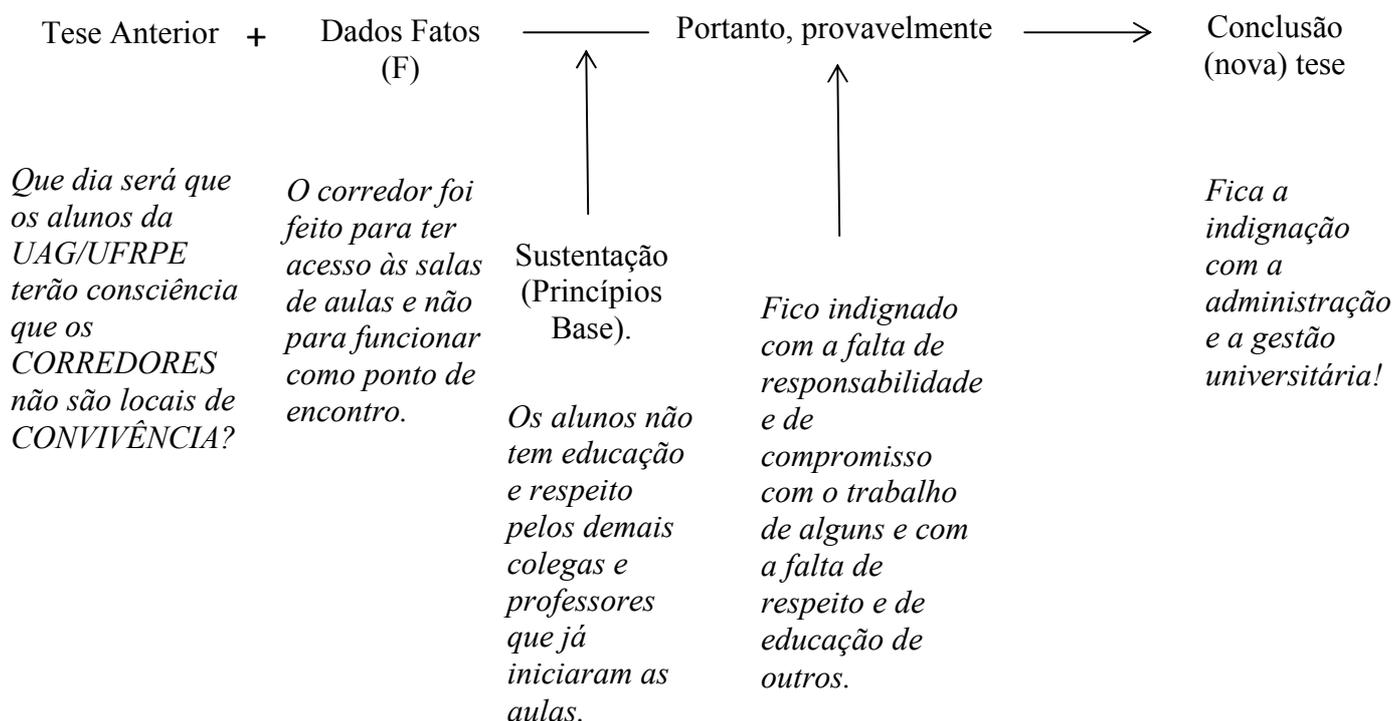
Nesse nível, os argumentos são reunidos entre os argumentos (P.arg 0 e P.arg 4), para Adam (2011), esse é o momento de utilizar as estratégias de argumentação para a transformação dos conhecimentos, mas, diferente do que observamos nesse texto, as estratégias estão mobilizadas para modificar o ambiente em que o autor desferiu as críticas. A argumentação não é negociada, pelo contrário, todo o texto é construído para demonstrar que o locutor está certo e não há outra maneira de resolver o problema, a não ser que instâncias maiores (administração e a gestão universitária) tomem as providências mais convenientes ao professor.

Nesse exemplo, não verificamos a utilização dos conectores argumentativos que justifiquem o porquê de uma argumentação ser dialógica ou não. Entretanto, é pela construção

do texto e pela disposição dos argumentos que entendemos a posição de cada um na sequência argumentativa.

Baseado nos argumentos desenvolvidos nesse texto, destacaremos agora a sequência argumentativa para exemplificar esse texto quanto à estrutura e organização proposta.

Esquema 04 – Exemplificação da sequência argumentativa proposta por Adam (2011).



Outro texto aqui selecionado para as análises diz respeito às discussões e o momento que viveu o Brasil nos meses de junho e julho de 2013, momento de expansão das manifestações, em que muitos usuários utilizaram suas páginas no *Facebook* para falarem a respeito e discutirem as alternativas para mudar e/ou melhorar o país.

Vejam os então o texto de uma usuária sobre esse tema:

Fragmento textual 04 – Opinião sobre o funcionamento do sistema brasileiro

21 de junho 🌐

Não acredito no sistema!

Não acredito que um país que tenha um modelo político apenas representativo e que tenha um escambo de votos para cada projeto apresentado pelo legislativo tenha assim tantas chances de mudança, infelizmente!... A democracia é tanta que caso algum membro do legislativo se negue a assinar ou votar a favor de um projeto, os outros o marcarão para que também os seus projetos não saiam do papel.

Em conjunto a isso, escolhemos mal! Muito mal. Existem políticos de carreira, que vivem disso, que sugam do povo a chance de conhecer e lutar pelo que é seu de direito. Vota-se por um saco de cimento, uma dentadura, 500 reais, um empreguinho de prefeitura que só é dado aos babões. Como mudar o Brasil então, diante de tantos desvios de caminhos? Como termos professores bem pagos, universidades com investimento, educação básica de qualidade, hospitais preparados para socorrer do mais humilde ao mais endinheirado?

Como? Como? Como?

Não acho que muita gente tenha essa resposta na ponta da língua mas esse é o momento de refletirmos o que podemos fazer para ajudar a mudar este país chamado Brasil.

Fonte: Site Facebook

Nesse texto, é possível observar os dois níveis da estrutura argumentativa que Adam (2011) propõe, mas diferente do anterior, há uma predominância do nível justificativo, já que a autora constantemente expõe sua opinião e o “interlocutor é pouco levado em conta” (ADAM, p. 234, 2011), ou seja, a autora argumenta sobre o que pensa e a perspectiva dialógica desse texto é visualizada apenas nos questionamentos colocados, ao final da exposição.

Sendo assim, no nível justificativo (P.arg 1 + P.arg 2 + P.arg 3) temos os seguintes argumentos: “ Não acredito que um país que tenha um modelo político apenas representativo...Tenha chances de mudança, Infelizmente”.

“A democracia é tanta que caso algum membro do legislativo se negue a assinar ou a votar a favor de um projeto, os outros o marcarão para que também os seus projetos também não saiam do papel.”

“Em conjunto a isso, escolhemos mal! Muito mal...Vota-se por um saco de cimento, uma dentadura, uma dentadura, 500 reais...”.

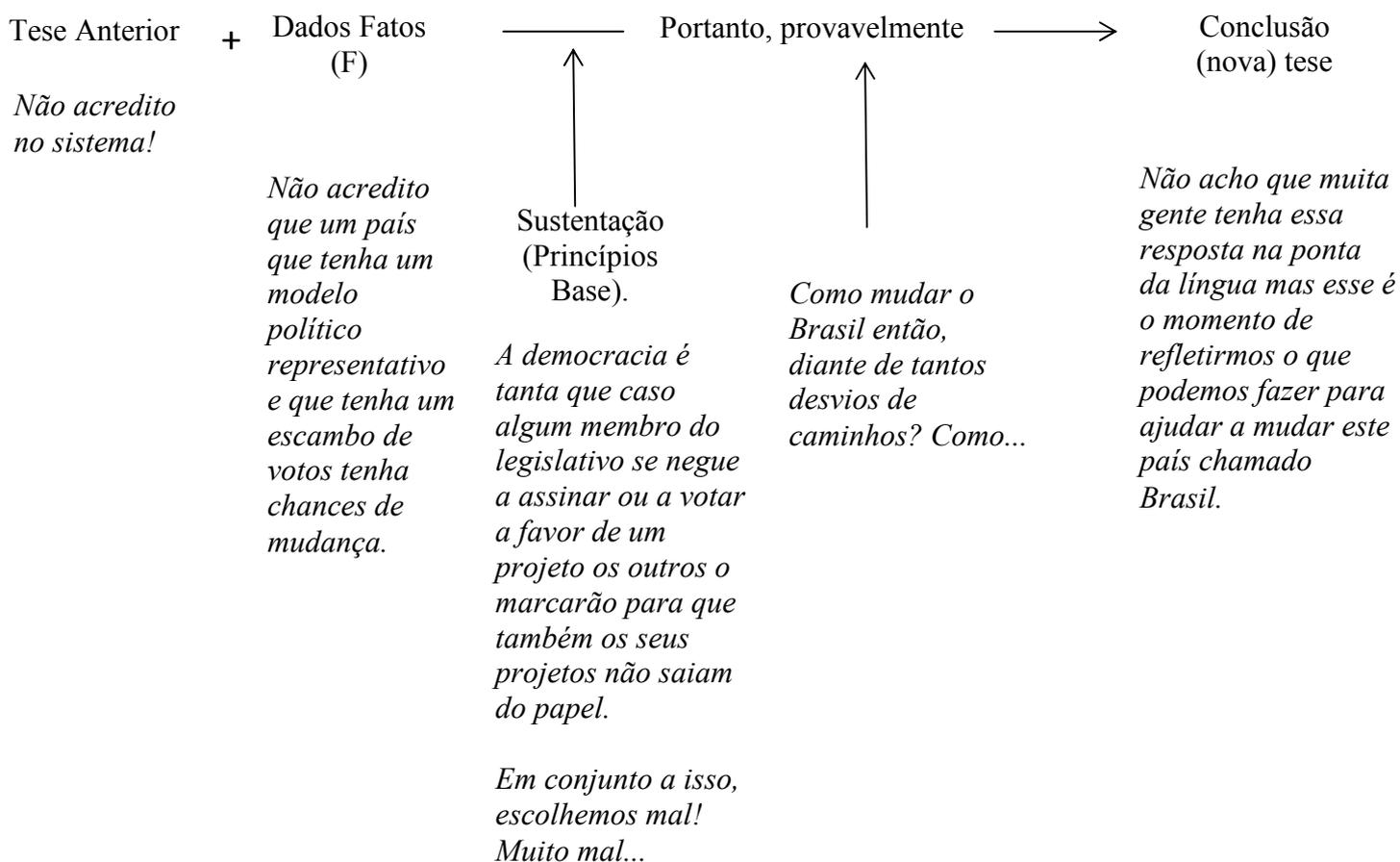
Esses então são os argumentos que estão imbricados a opinião da autora, ao mesmo tempo em que argumenta sobre os problemas do sistema político, coloca os seus conhecimentos.

No segundo nível, há espaço para a contra-argumentação e, nesse texto, o diálogo é marcado pelos questionamentos colocados pela usuária, uma vez que é a partir dessas perguntas que entra em destaque o auditório potencial.

O que entra em destaque também na construção desse texto é a argumentação negociada e constituída na tese anterior e na nova tese, que indica uma transformação dos conhecimentos. O nível dialógico (P.arg 0 e P.arg 4) é constituído pela primeira afirmação: “Não acredito no sistema!”, que representa o (P.arg0), mas, depois que ela expõe os argumentos e dialoga com um contra-argumentador, a partir dos questionamentos levantados, que marcam o (P.arg.4), surge a nova tese. Nesse caso, a nova tese não mostra que a autora passou a acreditar no sistema, mas, pela sua escrita, é possível entender que esse é o momento ideal de reflexão, empenho e mudança para que o sistema possa de fato, funcionar.

Para ilustrar melhor a organização dos argumentos, destacamos agora a sequência argumentativa e posteriormente iremos destacar a presença dos conectores na postagem.

Esquema 05 – Exemplificação da sequência argumentativa proposta por Adam (2011).



Nesse texto, percebemos melhor a presença dos conectores e dois casos nos chamam a atenção. Como afirmamos, o passo inicial da autora foi o de justificar seus argumentos e declarar o que pensa, após isso, com os argumentos citados, a autora conclui seu pensamento com o conector **então** passando para utilização de perguntas e da constituição da nova tese, já o nível dialógico se constitui justamente por meio dessas questões colocadas que indicam um possível diálogo entre os locutores em potencial.

Já o próximo texto, apresentado abaixo, foi escrito a partir do homicídio de um policial, em que no exercício de sua profissão perdeu a vida e seu colega de farda resolveu desabafar por causa da perda do amigo.

Fragmento textual 05 – Desabafo sobre os problemas sociais

1 de agosto de 2012 🌐

Quanto vale uma vida?

Bom queria poder dizer que o valor é inestimável e insubstituível, que todas tem igual valor...

Mas como posso dizer isso num país em que crimes como homicídio no trânsito, desvio de verbas (saúde, segurança e educação), compra de votos, suborno e tantos outros crimes que ficam impunes. O que dizer da falta de comprometimento dos chefes de estado e de governo? E nossos ministros, parlamentares e legisladores? E a sociedade?

É lamentável como as vias de comunicação tratam tudo isso com normalidade e imparcialidade, e a sociedade acaba sendo imparcial por tanta naturalidade que se é apresentadas notícias desses crimes.

Como defender uma sociedade que só pensa em si, que não conseguem enxergar as consequências futuras dos seu atos, que vende seu voto por migalhas dadas a cada eleição? Como defender um povo que idolatra políticos e trata seus verdadeiros heróis com indiferença, heróis esses que estão aí no dia-dia, profissionais da área da educação, saúde e segurança pública, que servem a sociedade e nunca são valorizados? Qual o valor dessas vidas? Será que é o mesmo valor de algum famoso? Os heróis do cotidiano não podem errar, apesar de serem humanos, não são aceitos pela sociedade quando erram, sem direito de lutar pelas suas melhorias, humilhados pelos políticos e ignorados pela sociedade.

E cabe a nós policiais militares, receber toda a responsabilidade de defender essa sociedade onde a ordem e o progresso são palavras que estão cada vez mais distantes da sua forma literal estampadas em nossa bandeira. E embora que nunca sejamos reconhecidos pelo nosso valor e importância, que todos fiquem contra nós e nos tratem como animais, mesmo assim, estaremos defendendo a sociedade, mesmo que custe o nosso suor, mesmo que custe o nosso sono, mesmo que custe nossa saúde, mesmo que custe a nossa própria vida.

Fonte: Site Facebook

Essa produção é bastante reflexiva e extensa. É possível perceber que o autor realiza várias reflexões à medida que escreve. Fala dos problemas que afligem o país, a manipulação dos meios de comunicação, reflete sobre sua profissão de risco e da sociedade transgressora. Percebem-se os vários questionamentos e dúvidas que autor tem porque a sua produção é carregada de perguntas, questões pessoais que ficam sem resposta e indicam ainda mais um texto coberto de inquietações.

O autor inicia seu texto com: Quanto vale uma vida? E no decorrer da produção escrita levanta mais perguntas. Mas, ao mesmo tempo em que é um escrito recheado de dúvidas, é

também rico em argumentos. Para que se entenda melhor, far-se-á a análise desse *post*, baseado em Adam (2011), separando os argumentos e em que nível cada um pertence.

No nível justificativo (P.arg 1 + P.arg 2 + P.arg 3), encontramos os seguintes argumentos: “É lamentável como as vias de comunicação tratam tudo isso com normalidade e imparcialidade...”.

“Os heróis do cotidiano (os policiais) não podem errar, apesar de serem humanos, não são aceitos pela sociedade quando erram...”.

“Ordem e progresso são palavras que estão cada vez mais distantes da sua forma literal estampadas em nossa bandeira”.

Nesse contexto, é possível observar que essa publicação em muito difere da anterior. Embora Adam (2011, p. 234) tenha dito que “seu esquema não está estruturado em uma ordem linear obrigatória”. Nesse texto, parece óbvio apostar em um nível proeminente. Pois, enquanto a produção anterior estava bem mais delineada com apresentação dos fatos e conclusão deles, nesse texto temos o inverso, já que há muitos argumentos e contra-argumentos sem maiores conclusões.

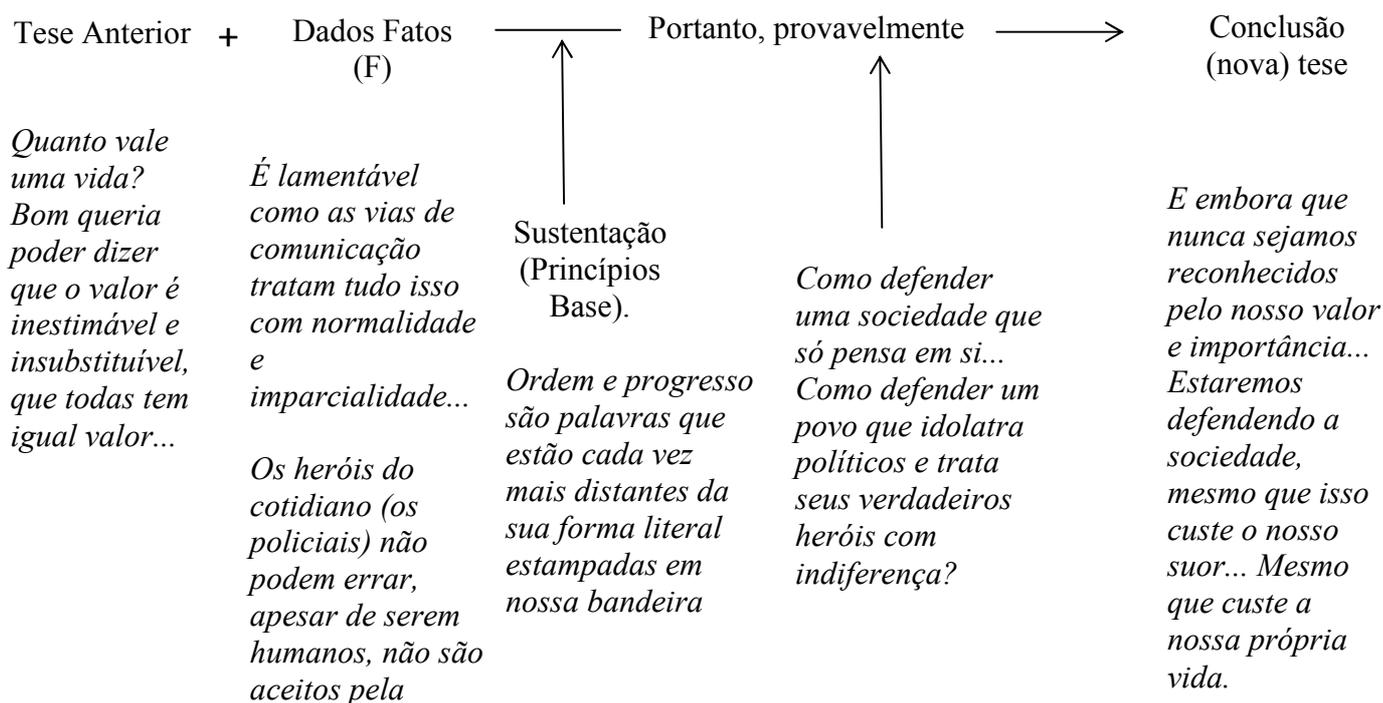
Isso acontece porque já na apresentação dos argumentos encontramos o conector **mas**, que indica uma oposição. Mais adiante, encontramos mais dois momentos de contra-argumentação com a presença dos conectores **apesar de** e **embora**. Ou seja, ao mesmo tempo em que o autor argumenta, ele contra-argumenta, e a divisão exata dos níveis torna-se confusa.

Entretanto, é possível dizer sim que o autor cria o seu texto baseado em um diálogo. Isso acontece porque em alguns momentos vislumbramos uma negociação e, talvez, o começo de uma nova tese. Pois, quando o autor escreve: “Como defender uma sociedade que só pensa em si... Como defender um povo que idolatra políticos e trata seus verdadeiros heróis com indiferença...”. Nesse momento, o autor questiona como defender uma população que age errado, que faz as escolhas erradas e que não percebeu as consequências dos seus atos, diante de tudo isso como afirma o próprio usuário. Com esses questionamentos ele argumenta contrapontos com um auditório em potencial e a partir disso, o nível dialógico (P.arg 0 e P.arg 4) ganha mais destaque nessa produção.

Continuando com o pensamento do autor, é dito que: “e embora que nunca sejamos reconhecidos pelo nosso valor e importância... estaremos defendendo a sociedade, mesmo que isso custe o nosso suor... mesmo que custe a nossa própria vida.” Então, é por meio dessas afirmações que podemos perceber uma tese inicial que retrata os questionamentos de como defender uma sociedade marcada pelos erros e depois uma nova tese que surge após uma

negociação ao entender que mesmo assim, com todos os erros, é imprescindível cuidar da população brasileira em quaisquer que sejam as circunstâncias. Para finalizar a análise desse texto mostraremos, mais uma vez, a organização dos argumentos a partir da sequência argumentativa.

Esquema 06 – Exemplificação da sequência argumentativa proposta por Adam (2011).



Concluindo essa parte da análise, selecionamos o último texto escrito por um usuário, pouco após a divulgação do resultado para a Presidência da República, que declarava apoio ao candidato Aécio Neves.

Fragmento textual 06 – Resultado da eleição presidencial/2014



1 h · Editado · 🌐

Tristeza e preocupação. Eis os meus sentimentos. Infelizmente, o PT, junto com todo seu jeito de governar, permanecerá mais quatro anos no poder, totalizando 16 anos na Presidência da República. Em homenagem ao Princípio Democrático, respeito a vitória. Não sou idiota ao ponto de desejar que Dilma faça um péssimo governo, ao contrário desejo que ela faça somente tudo o que prometeu. Entretanto, também não sou iludido ao ponto de que acreditar que quem passou 12 anos do poder não é capaz, ao meu ver, de fazer um "governo novo, com ideias novas". Aos mais de 53 milhões de eleitores do PT, faço votos que comemorem não só a vitória nas urnas, mas cada vez que o PT e a Presidência da República apareçam nas páginas policiais ou cada vez que a economia seja lançada em índices cada vez mais negativos. Aos mais de 50 milhões de eleitores de Aécio, conclamo-os para que façam a mais ferrenha oposição a este governo que não escolhemos e que só nos envergonha pela campanha terrorista e sórdida.

Fonte: Site Facebook

Nesse texto, encontramos os níveis de argumentação bem divididos. Primeiro, o autor mostra seu conhecimento e expõe sua ideia, deixando de lado o interlocutor, para no momento seguinte, se dirigir ao seu interlocutor potencial e real.

Quanto ao nível justificativo (P.arg 1 + P.arg 2 + P.arg 3) temos a parte inicial do texto, representada por: “Tristeza e preocupação. Eis os meus sentimentos. Infelizmente, o PT, junto com todo seu jeito de governar, permanecerá mais quatro anos... Em homenagem ao princípio democrático, respeito a vitória.” Esse nível compreende a apresentação dos fatos e os conhecimentos colocados. É isso que o autor procura fazer nessa pequena introdução, além de, com esses escritos, apresentar a tese inicial.

Depois desse começo, já entramos no nível dialógico (P.arg 0 e P.arg 4), pois o autor começa a dialogar com um contra-argumentador em potencial. Quando ele afirma: “Não sou idiota a ponto de desejar que Dilma faça um péssimo governo... Entretanto, também não sou iludido ao ponto de acreditar que quem passou 12 anos do poder não é capaz de, ao meu ver, de fazer um “governo novo”.” Nessa etapa, o autor do texto apresenta um contra-argumento,

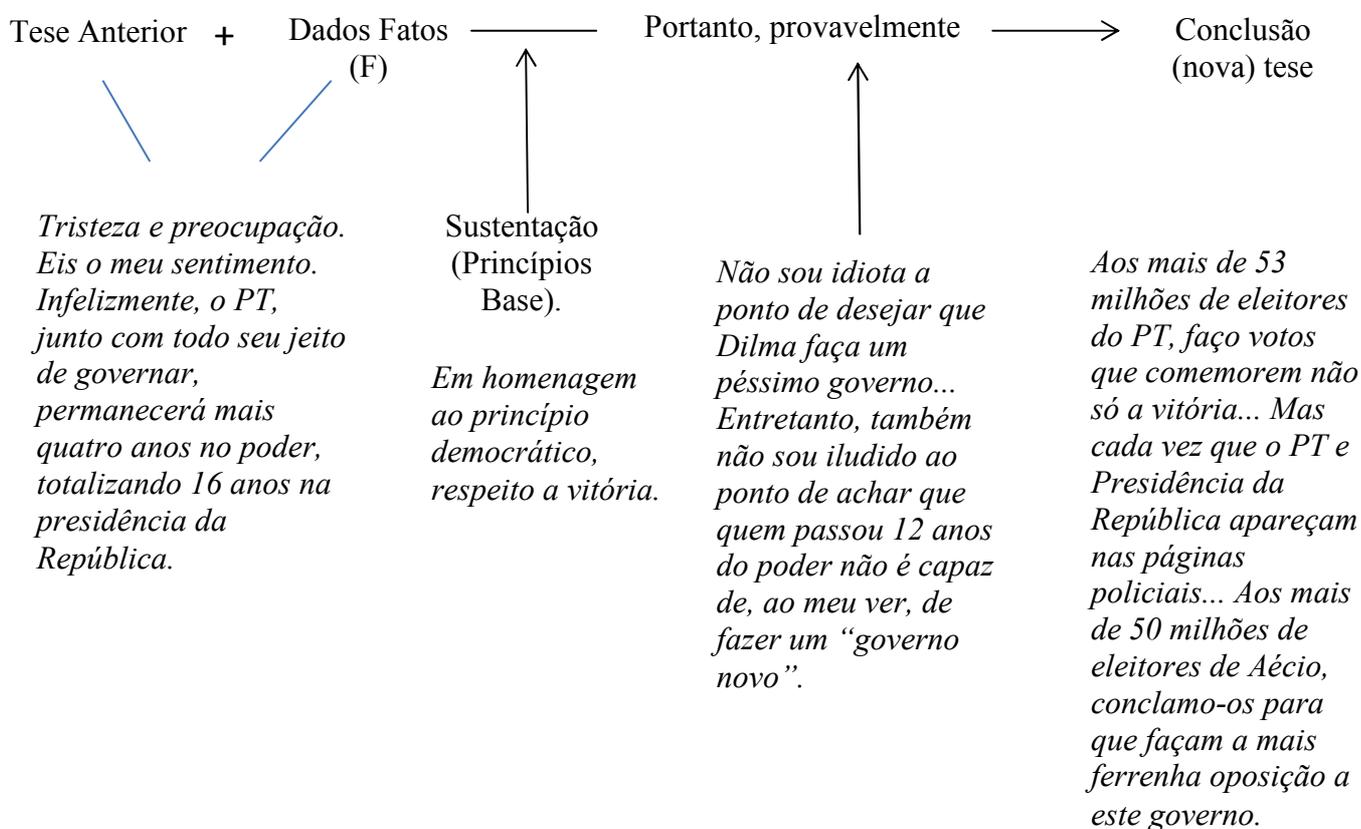
ou seja, a visão dele diante da postura adotada por outros usuários ao desejarem uma péssima governança para terem razão ou por acharem que tudo vai mudar . E, mesmo que não haja um diálogo propriamente dito para que na conclusão o autor transforme seus conhecimentos com uma nova tese, o interlocutor em potencial, lhe confere subsídios para que os argumentos se componham. (ADAM, 2011).

Nesse último texto, percebemos mais claramente a passagem de um nível para o outro com a escrita do conector **entretanto**, que marca definitivamente o término do nível justificativo para o nível dialógico, a partir da inserção desse conector contra-argumentativo, já que desde a afirmação “ não sou idiota... “governo novo”,” como afirmamos, anteriormente há a caracterização do nível dialógico.

Depois de um contra-argumentador em potencial, o autor se dirige aos reais eleitores com a seguinte explanação: “Aos mais de 53 milhões de eleitores do PT, faço votos que comemorem não só a vitória... mas cada vez que o PT e a Presidência da República apareçam nas páginas policiais... Aos mais de 50 milhões de eleitores de Aécio, conclamo-os para que façam a mais ferrenha oposição a este governo...”. Nesse caso, além de continuar contra-argumentando o autor do texto conclui e por isso nessa etapa temos também a constituição da nova tese, contrariando o que foi dito antes. Quer dizer, se antes o autor sentia preocupação e tristeza que sugeriria um possível abatimento, ao terminar sua postagem revigora em uma atitude mais ativa e enérgica a fim de que, em comunhão, possa fazer frente ao governo eleito.

Faremos agora a análise por meio da sequência argumentativa.

Esquema 07 – Exemplificação da sequência argumentativa proposta por Adam (2011).



Terminadas as análises textuais argumentativas, passaremos agora para as análises sobre os conectores argumentativos utilizados para estruturar a enunciação.

4.2. Análises dos conectores argumentativos presentes nos textos

Como já expusemos antes, os conectores argumentativos compreendem uma parte dos estudos de Adam (2011) utilizados para segmentação e orientação enunciativa. Em sua teoria, Adam expôs três formas de conectores que organizam e reagrupam as conjunções. De maneira geral, há três tipos: os conectores argumentativos, os marcadores e organizadores textuais e os marcadores de responsabilidade enunciativa.

No que se refere especialmente aos conectores argumentativos, encontramos quatro grandes divisões exemplificadas mais adiante e cada conector está relacionado a um valor enunciativo específico. Isto é, se o autor usa o conector **portanto** ele está indicando uma

conclusão, se, por outro lado, ele utiliza o conector **mas** ele está contra-argumentando. Por isso, cada conector está associado a uma orientação valorativa e enunciativa dentro do texto.

A primeira categoria destacada é do conector argumentativo marcador de um argumento, e, nesta pesquisa, percebemos uma distribuição razoável dos principais conectores utilizados no texto, sendo **pois** o mais utilizado e **afinal** o menos utilizado nos textos selecionados para as análises. Como é possível observar no gráfico abaixo:

Gráfico 01¹⁸ – Conectores com valor de justificação e explicação



Fonte: elaborado pela autora

Nessa classe de conectores, Adam (2011) subdivide em duas categorias, os conectores com valor de justificação ou de uma explicação, ou seja, o conector tem a função de detalhar e explicitar melhor os seus argumentos. Para exemplificar esse tipo de conector, selecionamos o fragmento de texto abaixo em que a autora explica o porquê de o professor ser a profissão mais bela.

Fragmento textual 07 – Exemplificação do conector porque

¹⁸ Como mencionado anteriormente, para a realização dos gráficos selecionamos todos os textos explicitados ou não nesta dissertação, que correspondeu ao total de 75 textos.

o Professor é sim a Profissão mais bela que há! Imaginem uma pessoa que trabalha 24 horas por dia, na escola e ainda por cima em casa, são cadernetas, problemas.... Ai taaanta coisa! E ainda recebe mal pra caramba, não é valorizado, é desrespeitado o tempo todo e mesmo assim está ali! Firme e forte... É bela porque o retorno estará sempre nos olhos do outro, é bela pq não tem o dinheiro como principal motivação, é bela porque brota do Amor de doar-se pelo aprendizado do outro!

Fonte: Site Facebook

Destacamos, então, nesse exemplo, o conector **porque**, com valor de justificação, que tenta explicar e justificar seus argumentos colocados. Ainda sobre os conectores marcadores de argumento, outra subdivisão elaborada por Adam (2011), diz respeito ao conector com um valor de construção de mundo. Para esse caso, utilizamos o fragmento abaixo em que o conector **se** é utilizado na construção de argumentos.

Fragmento textual 08 – Exemplificação do conector se

Se você se achar a pessoa mais fracassada do mundo e que não vale a pena fazer mais nada para mudar isso, você vai se tornar fracassado. Se você se ver como um vencedor, não importam as dificuldades, sua vitória chegará.

Fonte: Site Facebook

Nesse exemplo, a autora usa o **se** com um indicativo argumentativo e não só de possibilidade, como ele também pode ser usado. O **se** utilizado nesse exemplo funciona como um operador de construção de mundo, pois, nas palavras da usuária, se você se achar fracassado será um, mas se ao invés disso, se se enxergar como vencedor alcançará o que deseja.

Depois dos conectores marcadores de argumentos, analisamos os marcadores de uma conclusão que, como o próprio nome diz, indicam a conclusão, o fechamento de um argumento. A partir do que observamos o conector **então** foi o mais utilizado pelos usuários, enquanto o **por conseguinte** foi o menos utilizado, por ser realmente o menos usual, sobretudo em um site de redes sociais que propicia uma linguagem mais informal e simples.

Gráfico 02 – Conectores com valor de conclusão



Fonte: elaborado pela autora

Nessa categoria, selecionamos o fragmento abaixo em que a autora constrói o texto sobre a Copa do Mundo e menciona alguns jogadores que, para ela, tiveram um maior mérito na partida.

Fragmento textual 09 – Exemplificação do conector então

Aproveitando o momento desabafo... O Neymar é um excelente jogador, isso é indiscutível. Mas o Fred também mostrou sua excelência, o David Luiz foi um gigante no campo e o Julio César provou sua competência e importância no time. Então, fico incomodada quando escuto dizerem que o Neymar foi o herói da seleção. Não tivemos apenas um herói. Tivemos onze!!! Com destaque pra quatro guerreiros: David Luiz, Julio Cesar, Fred e Neymar!! Sejamos justos!! O time inteiro foi pra cima com garra!! Essa seleção nos devolveu a vontade de torcer, de vibrar pelo Brasil no futebol!!

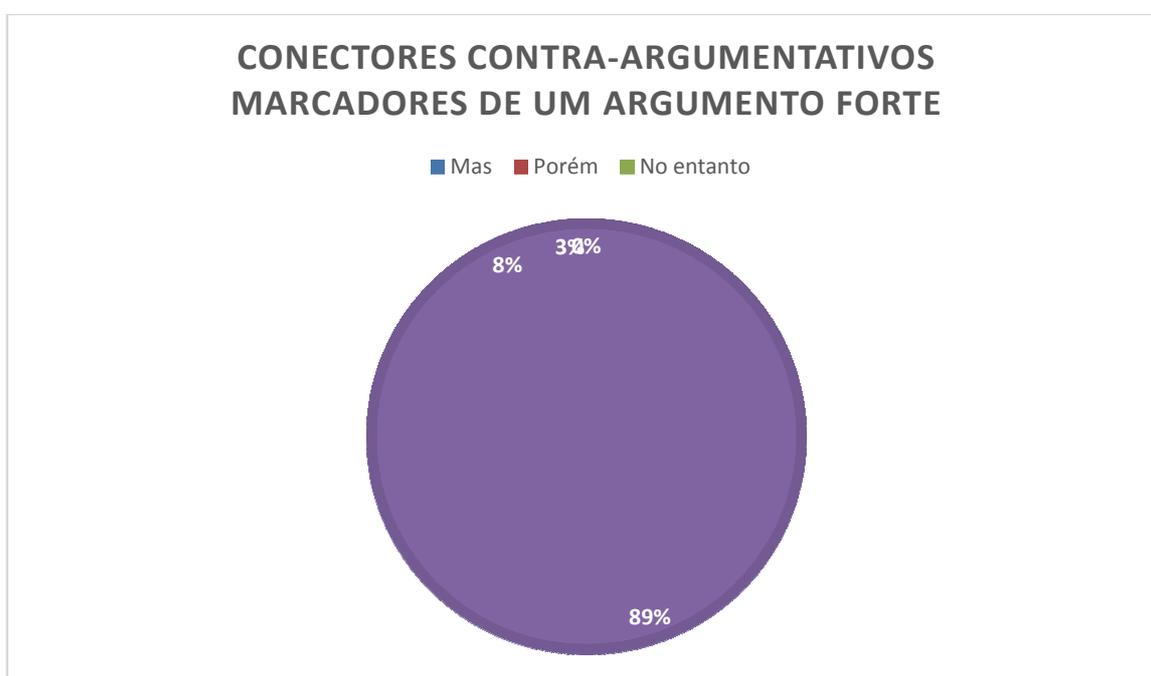
Fonte: Site Facebook

Como é possível notar, esse fragmento contém mais de um conector, mas destacamos nesse exemplo o conector **então** utilizado para fechar o raciocínio e concluir seus argumentos. Como vimos, a autora, antes de concluir, fala dos principais jogadores da partida e discute a

importância de cada um. Após isso, a usuária conclui e afirma que, pelos argumentos mencionados antes, apenas um jogador não pode ser apontado como herói. Se cada um tem sua importância, é injusto privilegiar o individualismo.

Passemos agora para a análise dos marcadores de contra-argumentos fortes e, como veremos abaixo, o conector mais utilizado no *Facebook*, dentro das nossas análises, foi **mas** e o menos utilizado **no entanto**.

Gráfico 03 – Conectores com valor de contra-argumentação



Fonte: elaborado pela autora

Nessa categoria, utilizamos o exemplo com o conector **porém** o intermediário entre o **mas** e o **no entanto**, mas também muito pouco utilizado entre os usuário.

Fragmento textual 10 – Exemplificação do conector porém

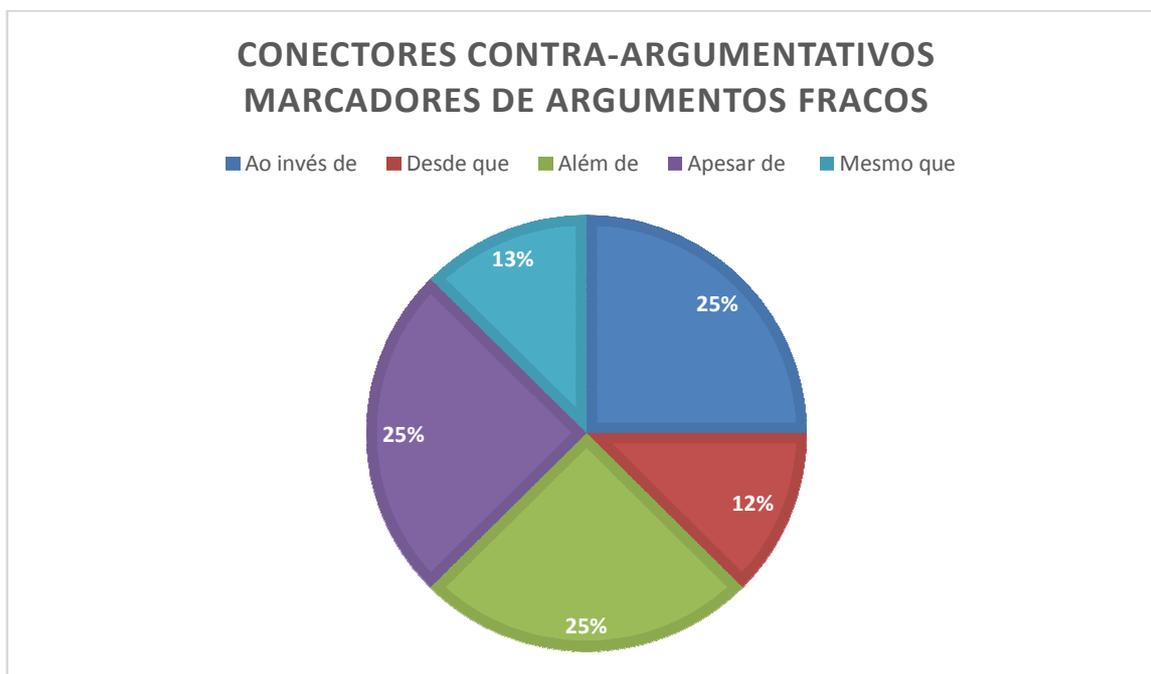
Creio que os cidadãos não deveriam se limitar ao pensamento da colonização ou de governos passados, mas sim, ter uma mente ampla e saber enxergar além daquilo que mídia informa. Deveríamos deixar de ser extremista e infantis, não é pq o Brasil já foi pior que não pode melhorar. Deixo aq minha visão, uma visão além, e com ambições de melhorias, não de "mesmisses". Não votei em Dilma, votei e VOTO em Maria. Vi as demais opiniões, e a que mais me conveio foi a do PSB. , eu também respeito seu voto, porém, isso não significa que eu o entendo.

Fonte: Site Facebook

Observamos nesse texto dois exemplos de conectores contra-argumentativos **mas** e **porém**. Destacamos o **porém** por representar uma posição contrária a postura de um outro usuário mencionado pelo autor do comentário. A partir do que pudemos notar um determinado usuário declarou seu voto à candidata Dilma e esboçou certo entusiasmo na hora em que declarou seu apoio. A partir do *post* inicial, vários usuários se mostraram a favor e muitos se mostraram contra. Alguns declararam seu voto de oposição a tal candidata, esse declarou seu voto à candidata Marina. Pudemos perceber que o autor que apoiava o PSB respeitava o voto petista, o que não queria dizer que entendia. Para isso, utilizou o conector **porém**, já que, para ele, votar no PT não é um voto que indique um raciocínio aceitável.

Para finalizar, vamos tratar dos conectores contra-argumentativos fracos e mostrar um exemplo correspondente a essa categoria. No gráfico, observamos uma boa distribuição em relação aos principais conectores utilizados, sendo **além de** o mais utilizado e **mesmo que** o menos utilizado entre os usuários dos textos selecionados.

Gráfico 04 – Conectores com valor de contra-argumentação



Fonte: elaborado pela autora

Como exemplo, destacamos um *post* em que a autora utiliza **ao invés de** como marcadores de contra-argumentos fracos.

Fragmento textual 11 – Exemplificação do conector ao invés de



NÃ0000000000000, vou dormir ARRETADA da vida! COMO É QUE O POVO BRASILEIRO, como a Globo faz questão de enfatizar, escolheu o "americanizado" Sam Alves, ao invés de gente que mostrou, cultura, raiz? Vou dizer viu, eita povinho preconceituoso e que gosta de "importar".

Fonte: Site Facebook

Nesse *post*, a autora questiona e discorda do resultado final do programa The Voice no ano de 2013, e para construir seu argumento utiliza o conector que marca argumentos fracos.

Ou seja, ela se coloca contra o resultado final e para mostrar sua oposição utiliza **ao invés de**, que tem um valor enunciativo mais fraco do que nos exemplos anteriores.

Finalizadas as análises dos conectores argumentativos, passaremos agora para as análises sobre a escrita colaborativa no *Facebook*.

4.3. Exemplos de escrita colaborativa desenvolvida no *Facebook*

Para realizar as análises de EC no *Facebook*, selecionamos os textos que eclodiam em um debate satisfatório, formando um texto com vários comentários, assim como selecionamos os respectivos comentários de cada *post*. Mas, para que a análise não ficasse perdida nos mais variados tipos de opiniões relacionados, optamos por incluir nesse espaço os comentários mais consensuais e próximos ao que discutimos ser considerada uma prática de EC.

Diante disso, o primeiro texto é uma crítica a “extrema” pacificidade ocorrida nos manifestos realizados entre os meses de junho e julho que tomou conta das ruas em várias regiões do país. A autora do *post* argumenta que as manifestações foram muito “certinhas” e que, sem um real envolvimento cívico torna-se difícil fazer uma movimentação política que altere os rumos do Brasil. Nesse caso, a colaboração está expressa em comentários divergentes, que não compactuam com a explanação apresentada.

Retomando um pouco as pesquisas apresentadas sobre a EC, encontramos nessa primeira exemplificação uma sincronia com o estudo desenvolvido por Chenoweth e Mcauliffe (2006), em que a EC se tornou uma importante ferramenta de pensamento crítico, de reflexão. Com o *post* inicial, algumas usuárias não se identificaram com a postura que a autora colocou como ideal e apresentaram vários argumentos tentando dissuadi-la da questão.

Fragmentos textuais 12 – opinião sobre as manifestações

Post inicial. Usuário A¹⁹

o que eu vejo hoje no facebook:

1. um grupo - formado majoritariamente por pessoas que sempre estiveram em contato com os movimentos sociais - achando que o protesto não foi protesto, falando da despolitização do movimento, da falta de sentido, criticando os coxinhas e o sentimento nacionalista que está tomando conta do povo.

2. do outro lado, um grupo enooooorme que achou o protesto lindo, seguro, sem violência e acredita na eficácia do total pacifismo para se alcançar esses tantos ideais expostos nos seus cartazes.

E eu, que desde criança acompanho os movimentos sindicais dos quais minha mãe sempre fez parte e há anos com sonho de ver uma manifestação com participação popular real, faço parte do grupo que saiu triste, descontente, desanimado. Que saiu com a sensação de não ter feito nada e de não ter visto nada além das reclamações de facebook transferidas para cartazes. Infelizmente - e espero muito que esteja equivocada - não acredito na eficácia de protestos organizados pelo governo (sim, até a nossa rota foi determinada pelo governo!), extremamente pacifista, com pessoas dançando ciranda, felizes, brincando e fazendo social, sem palavras de ordem, sem ideologia política, com veneração à força policial e exaltação à bandeira nacional.

Me perdoem os que gostaram (direito de vocês), mas o meu sentimento foi de ter participado de um dos momentos mais APÁTICOS e DESPOLITIZADOS da história dos movimentos sociais.

B

+1

Respondendo com mesma resposta que dei a []: Minha gente, calma! Até bem pouco tempo a população sequer considerava uma passeata como movimento legítimo de democracia. Basta lembrar que no último manifesto contra o aumento das passagens de ônibus, a posição da população era de criminalizar os estudantes. Propósito político também é construído com o tempo. Também não entendi as críticas, não só as suas, extrema aos pacifismo. Não aprendemos nada com Gandhi ?

21 de junho às 14:00 · Editado · Curtir · 1

¹⁹ Colocamos as letras para que fique clara a organização dialógica na estrutura dos textos escritos, além dos números para indicar quantas vezes cada autor comentou.

C

+1

ô gabi, como seria possível para você um movimento pacífico com 100 mil X pessoas na rua e todas elas politizadas?

Vejo muita gente criticando ao invés de levantar pontos objetivos para se protestar, melhorias na saúde, na educação e no transporte público são conceitos gerais, que pouco trazem diferenças para o que tem q mudar no dia-a-dia, acho que a manifestação foi muito mais uma demonstração de insatisfação, que uma defesa de uma causa, como ocorre nos sindicatos.

Que o roteiro foi pré-determinado, foi, é claro, mas alegar que o que houve ontem não pode ser classificado como manifestação é outra coisa. Mesmo pré-determinado, com o protesto houve fechamento de todo comércio e repartições, o que causou transtornos e prejuízos, foram fechadas quatro das principais avenidas da cidade, quem não participou, em sua maioria teve que ficar em casa (sei que em Boa Viagem e Encruzilhada a rotina não modificou tanto, mas no restante da cidade isso aconteceu).

Achei ótima a postura da PM, o que eu não queria era tomar bala de borracha e gás lacrimogêneo enquanto estava agindo pacificamente, a polícia não precisa ser tratada como inimiga, pois também é feita de pessoas, que em sua maioria, pelo menos assim acredito, são decentes.

Sou totalmente contra a violência e o vandalismo, mesmo aquele considerado "simbólico", achei errado terem jogado tinta na Universal, mesmo achando um local de alienação e exploração de pessoas, mas ninguém é obrigado a pensar como eu, cada um tem a fé que quiser, desde que não afete os direitos dos outros – aí você deve dizer: mas afeta, afinal Feliciano está lá por conta de pessoas assim – enfim, mas não é jogando tinta que ele vai sair de lá ou que as pessoas da Universal mudarão seu pensamento, e sim com discussão política e acho que ontem foi muito válido quanto a isso.

Hoje tive que pegar ônibus em uma parada sem proteção, porque haviam depredado a da frente do meu trabalho, também quebraram lá dentro, a guarita e a porta de vidro, agora me diz – quem vai pagar pra colocar a parada de volta? Quem vai se molhar até eles fazerem isso? Uma das questões mais solicitadas foi a melhoria no transporte público e quebrar paradas vai na direção oposta a isso.

Outra coisa, é claro que a maior parte das pessoas que estavam lá eram despolitizadas, de um dia para noite elas não iam ter a bagagem que você, que como mesma falou, acompanha movimentos desde criança, além de ter uma ampla bagagem educacional, mas só o fato de levar essas pessoas a rua e fazer elas falar sobre política, buscar sobre política, pode refletir de forma positiva no ano que vem, na hora de escolher o candidato.

Acho que se o movimento ficar por isso mesmo não vai dar em nada, vai ter sido só carnaval mesmo, mas também não acho que seja necessário vandalismo ou uma relação hostil com a polícia para se conseguir o que se deseja. Não quero ver gente com bala de borracha no olho, nem carro queimado, nem depredação ao patrimônio público, nem saque a lojas, sou pacifista.

A

21 de junho às 15:00 · Curtir · 3

+2

bem, já falei isso e vou falar de novo: falar em protesto de verdade não é necessariamente falar em quebra-quebra, mas sim em postura política, em revolta, em indignação, em luta. se vc vai pra um protesto, o mínimo que se espera (ou que eu esperava, pelo menos) é que as pessoas não vão pensando que estão indo pra uma festa. nada contra festa, muito pelo contrário, só acho que cada coisa na sua hora.

Quanto a esperar que as pessoas tivessem um posicionamento diferente, ok, acho que fui utópica. mas fui. e continuo sendo. e espero que, de fato, esse seja um começo de algo MELHOR, e não apenas maior em número de pessoas, pois prefiro um grupo menor mas que saiba a que veio, do que uma população enorme nas ruas e perdida. e sabe por quê? Porque enquanto a gente anda numa rua fechada pra isso (com horário determinado pra início e fim pelo governador, assim como o roteiro da passeata) sem ideologia política e sem rumo, há grupos bem menores e mais organizados que aproveitam esse momento de descontentamento da população pra os seus próprios objetivos. e a esses grupos, eu não quero servir de massa de apoio (leiam sobre o golpe de 64, vejam q a postura do povo nas ruas não difere mto do que estamos vendo agora. isso dá, sim, muito medo).

no mais, não sou a favor da pm e nem vejo a polícia como amiga. acho que sem farda há mtos que concordam com a gente. mas fardados, obedecem ordens de quem está no poder e agem indiscriminadamente - historicamente são eles o instrumento de repressão do Estado e isso não mudou. se agiram direitinho ontem, foi porque foram ordenados a agir assim pelo governador eduardo campos, que não quer ter sua imagem manchada, pois tem a ambição política que todos sabem. ano passado mesmo, que o cenário político era outro, em manifesto pacífico (pacífico sim, mas manifesto), foi essa mesma polícia de ontem que saiu batendo no povo que pedia a revogação do aumento de passagens.

Por fim, gostaria de ser otimista como vcs, [redacted] e [redacted], pois acho que o meu pessimismo talvez esteja me impedindo de ver alguma coisa de bela no que está acontecendo aqui. Torço, de verdade, pra que eu esteja errada em tudo e que esse seja o início de mudanças positivas e de uma tomada de consciência da população. 😊

21 de junho às 15:58 · Curtir · 3

C

+2

Então na verdade sua indignação é em relação à conduta despolitizada do brasileiro e isso eu concordo plenamente e inclusive me indico, apesar de me manter informada, dificilmente insisto em uma reivindicação seja ela em âmbito público ou privado, justamente por achar q "não vai dar em nada", Tiago é muito melhor, ele corre atrás e só pára quando o direito dele está assegurado, essa postura seria a ideal de todos os brasileiros. Portanto n creio que a crítica seja à manifestação pacífica do Recife, mas à falta de consciência política da população do país, de maneira geral, pois as pessoas também estavam perdidas no Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, etc. hashtags vazias como "o gigante acordou" e "vem pra rua" não são exclusividade da nossa cidade. Com exceção dos manifestantes que começaram com o Passe Livre, os demais n estão unidos em torno de um objetivo específico.

Quanto à quantidade de pessoas não importar, discordo, acho que volume traz visibilidade e força, a passagem baixou, por mais que tenha sido uma atitude demagoga, nós protestos feitos aqui, geralmente a cada 2 anos contra o aumento, nunca aconteceu isso, então acho que foi o volume que fez a diferença, mesmo que a intenção do governador tenha sido a de pegar votos.

Se o motivo dele para manter a polícia pacífica ou para reduzir a passagem foi torpe, na prática, foi uma vantagem para nós e que bom que os governos tenham atitudes pensando em agradar o povo para conseguir votos e sair bem na fita, se o governo de PE investir mais na seca para que não haja protesto com carcaça de boi, ótimo.

Quanto à polícia, sei que é muitas vezes truculenta e essas ações tem que ser divulgadas, como foram e foi o que deu mote ao tamanho q ficou esse movimento, a truculência das polícias no Rio e SP, mas quando agem de forma considerada correta, vale a pena valorizar. Realmente espero q uma coisa dessas n tenha sido em vão, acho q td mundo quer q esse país mude, antes só pensava em me mudar daqui, pq tenho nojo de tanta corrupção, tenho esperança que esses protestos tenham sido o início de um país mais justo e honesto, n se desestimule, apesar de estar longe de ser um protesto e uma consciência política eficaz, foi alguma coisa q antes n tinha.

21 de junho às 17:50 · Curtir · 1

Essa primeira prática de EC acreditamos que corresponde ao tipo designado de escrita colaborativa reativa, designada por Lowry *et al.* (2004), como todas as outras que seguem, por apresentar algumas características que estão associadas a esse tipo. Que são:

- A escrita ganha movimento a partir de um *post* inicial;
- Criatividade a partir das manifestações individuais.

Além disso, observamos alguns aspectos que reiteram esse texto como uma prática de EC e não apenas textos intercalados. O primeiro diz respeito à **centração temática**. Embora as opiniões sejam contrastantes, o tema é recorrente e os autores envolvidos estão sempre argumentando acerca da questão propulsora da postagem. Portanto, mesmo que haja uma evolução na questão inicial, com um novo entendimento do que foi proferido, como observamos no último comentário, há uma consensualidade temática que verbera na EC.

Por outro lado, temos os **elementos coesivos** que além de “amarrarem” as ideias dos autores, dentro do seu próprio espaço discursivo, retomam as mensagens dos seus interlocutores citadas anteriormente para que possam dar continuidade a exposição do pensamento. Por exemplo: “quanto a esperar que as pessoas tivessem um posicionamento diferente...” “Quanto à quantidade de pessoas não importar...” “quanto a polícia...”. Ou seja, essas maneiras de retomar o assunto dão continuidade ao texto ao mesmo tempo situam os locutores no espaço discursivo proposto inicialmente, para que as informações não sejam fragmentadas.

Para Koch (2013), existem duas maneiras de retomar as informações dadas no texto, que se fazem ou por meio de remissão, ou por meio de referências textuais. A principal diferença entre elas é que enquanto a remissão se faz por meio do aspecto cognitivo as referências são retomadas textuais expressas. Nesse exemplo de EC, destacam-se as retomadas textuais expressas, já que cada autora retoma um assunto dito anteriormente para dar continuidade ao seu texto.

Nessa análise, gostaríamos de destacar também o **acréscimo de informações** que ao mesmo tempo em que enriquecem a discussão, trazem novos elementos para que os autores desenvolvam seu raciocínio. Em especial esse texto traz como marca a experiência pessoal como principal fonte de informação, os usuários pouco utilizam dados para que os seus argumentos se tornem mais confiáveis. Mesmo assim, os novos dados são pano de fundo para o movimento não coordenado sugerido pelo tipo de EC reativa, a qual esboçamos no segundo capítulo. “No interior do enunciado, através da articulação tema-rema. A informação temática

é normalmente dada, enquanto a temática constitui, em geral, informação nova”. (KOCH, 2013, p. 29). Nesse exemplo, trata-se de uma progressão com tema constante em que ao mesmo tempo em que há uma expansão temática o tema é sempre constante nos textos pelos elementos coesivos que retomam informações anteriores e não permitem a dispersão dos encadeamentos textuais.

Por fim, argumentamos sobre a **organização textual** que indica nos comentários a construção de textos lógicos, cronológicos, que seguem uma ordem estrutural, com começo, meio e fim. Desse modo, não são apenas simples comentários como encontramos no *Facebook*, de apoio, incentivo, ou frases feitas. Já que, sendo a escrita colaborativa reconhecida por sua prática sociocultural, mediada pelas novas tecnologias, comentários curtos e concisos não aflorariam a prática de relacionamento grupal marcada pela interatividade e reflexão crítica, pois seriam apenas “mini-textos” cunhados em termos prontos e com frases de efeito previsíveis.

A segunda prática de EC selecionada é composta por um *post* inicial que se apresenta em forma de pergunta que incita a discussão e o debate online. O autor coloca em discussão o programa “Mais Médicos”,²⁰ que tem como objetivo trazer estrangeiros para trabalhar no Brasil em regiões carentes de profissionais da saúde. Mais uma vez, encontramos nessa EC fundamentos para a reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico, já que o autor do *post* dá início a um longo debate.

Fragmentos textuais 13 – Programa “mais médicos”

Post inicial. Usuário A

Na Educação Superior, não nos importamos que venham professores/pesquisadores do exterior para formar nossos estudantes.
Por que é ruim ter profissionais estrangeiros na Saúde?

B

+1

! Não é que seja ruim! O negócio é a não valorização dos profissionais locais... É o não investimento numa boa formação e qualificação dos médicos. Quantos médicos saem das universidades a cada ano? E quais na realidade estão de fato aptos a terem em suas mãos uma vida? Nosso país é detentor uma hipocrisia absurda! É mais barato trazer profissionais de fora do que investir nos daqui... Isto é fato.
5 de julho às 12:48 · Curtir · 1

²⁰ O programa “Mais Médicos” é um programa do governo federal desenvolvido para atender as populações mais carentes no interior e nas periferias do país, com o propósito de universalizar o acesso à saúde.

- C** +1 [redacted] desculpa mais uma vez entrar nesse assunto, porém concordo que há uma precariedade em investimento na saúde no Brasil e, isso não tem o que discutir, bem como em áreas tão importantes quanto ou até mais, como a educação. Mas não podemos dizer que um médico não é bem pago, pois tenho muitos amigos médicos que estão satisfeitos com seu salário, e olha que estão no início de carreira sem especializações. Infelizmente não podemos dizer o mesmo com os professores... Claro que os investimentos em universidades de medicina devam melhorar, mas não só nessas especialidades.
5 de julho às 12:59 · Curtir · 👍 1
- D** +1 [redacted] acho que o problema principal não é a vinda deles (médicos), mas as provas e validações que os profissionais daqui precisam fazer - que deveriam ocorrer igualmente com os de fora. Já me falaram até que dificultam as provas para estrangeiros. Se isso for verdade, continuo achando que essas provas são um problema e precisam ser revistas e não dispensadas.
5 de julho às 13:16 · Curtir · 👍 1
- E** +1 [redacted] Caro Professor, os médicos não são contra médicos estrangeiros trabalharem no Brasil. Somos contra os médicos não serem REVALIDADOS seus diplomas pelo ministério da EDUCAÇÃO, o que é um preceito previsto em lei.
5 de julho às 13:24 via celular · Curtir
- A** +2 [redacted] Usando novamente o nosso exemplo, as exigências de qualificação, atuação profissional e produção científica são aplicadas a todos independentemente da nacionalidade. E ninguém esperou melhorar a estrutura das universidades, os salários dos professores, as bibliotecas e laboratórios, etc, para que pudessem vir profissionais estrangeiros... reservas de mercado são sempre questionáveis.
5 de julho às 13:25 · Curtir · 👍 2
- E** +2 [redacted] A medida do governo tem todo um aparato eleitoral. Analogicamente dizemos que não se resolve o problema da fome contratando cozinheiros.
5 de julho às 13:27 via celular · Curtir

- A** +3 [redacted] Certo, [redacted] concordo com você em que médicos estrangeiros não devem ter nenhum privilégio em relação aos brasileiros. Isso seria um absurdo. Mas não vejo em que a população pode sair perdendo se houver mais médicos atuando no país.
5 de julho às 13:30 · Curtir · 👍 1
- E** +3 [redacted] Não se trata de reserva de mercado, pois a proposta é que esses profissionais NÃO REVALIDADOS atuem RESTRITAMENTE na área a que foram contratados (interior e periferia das grandes cidades). Logo não afetaram a atuação dos médicos locais. Por conseguinte, a população atendida por eles ficaram em risco, pois não sabemos sua formação e domínio da língua.
5 de julho às 13:34 via celular · Curtir · 👍 1
- A** +4 [redacted] Então, acho que é cedo para condenar em bloco ideias que não se tem completamente definidas. Pessoalmente, já conheci médicos cubanos que prestavam grandes serviços às comunidades carentes em que atuavam. Não me consta que a língua tenha sido um obstáculo.
5 de julho às 13:37 · Curtir
- E** +4 [redacted] Trata-se de plano estratégico de estruturação e não só de pessoal. Saúde exige mais que gente. Não damos diagnóstico sem máquinas, hospitais e corpo paramédico qualificado.
5 de julho às 13:44 via celular · Curtir
- F** +1 [redacted] Eu acho que devemos trazer esses profissionais de saúde também para os grandes centros, pois o que tem de gente morrendo por falta de médicos é um absurdo !!! Interessante que nunca vimos os profissionais de saúde fazendo movimento contra a falta de atendimento nos hospitais, onde pessoas ficam largadas nos corredores, em macas, as que tem mais sorte, ou pelo chão, à espera de médico ou da morte, o que chegar primeiro !!!
5 de julho às 13:51 · Curtir

G

+1

O debate é complexo! O Revalida foi resultado de discussões no âmbito dos ministérios da educação e da saúde e é aplicado pelo MEC/INEP desde 2011 ...Qual o problema de se revalidar um diploma? Nós da universidade não aceitamos diplomas do estrangeiro sem que passem por um processo de análise aqui no Brasil; e, no exterior acontece a mesma coisa...Saia um médico do Brasil para ver se ele consegue clinicar na Inglaterra ou nos EUA, sem se submeter a testes de proficiência linguística ou sem revalidar seus diplomas, apenas para citar alguns exemplos... Quanto à língua, foi resultado de uma luta muito grande nas letras o abandono da ideia de que sabemos espanhol - e olha que entender hispanohablantes é bem menos complexo do que o contrário...Para a proficiência linguística, que também nos é cobrada no exterior, existe o Celpe-Bras. Que fique claro, não sou contra a vinda dos estrangeiros, mas não vejo onde está o problema na exigência da revalidação de um diploma...Muito barulho por conta exatamente de quê? Agora sou contra, sim, a execração pública da classe médica que está em curso, não no seu post, Bene, para pontuar bem a questão e não ser injusta com as suas ideias, mas está presente nas falas de muita gente que anda se posicionando no fb sobre esta matéria. Péssimos profissionais, conservadores etc encontramos em todas as profissões ...Há, por exemplo, advogados e advogados, professores e professores, engenheiros e engenheiros, encanadores e encanadores...Lutemos, pois, por melhores condições para a Saúde Pública no Brasil, onde a quantidade de "médicos" é apenas uma das variáveis no rol de demandas que incluem medicamentos básicos, gases, equipamentos simples como um tensiômetro, macas, balões de oxigênio - apenas para ficar no " feijão com arroz"...Como nos nossos quintais, nem só de docentes vive a UFPE...E vamos ao debate pois dependendo dos novos argumentos, talvez mude meu olhar sobre o tema...

A

+5

Pois então, [] não sei se fui claro, mas é óbvio que concordo com você em tudo que disse. Como espaço aberto para as mais variadas opiniões e posicionamentos que o face é, me chamam a atenção posturas radicais em qualquer sentido. O meu ponto é simples e não é de especialista nas questões de saúde, não é de alguém de dentro como é o caso do meu caro e sempre inteligente [] e outros: é muito barulho simplesmente "contra", às vezes denotando até preconceito especificamente contra cubanos, o que é inaceitável. Em princípio, sou a favor da vinda de qualquer tipo de profissional estrangeiro para o Brasil, especialmente para atuar em áreas que beneficiem a grande população carente, mas sou contra qualquer tipo de privilégio para uns em detrimento de outros, bem como contra a simples politização da questão.

5 de julho às 15:53 · Curtir · 5

H

+1

Existente uma reserva de mercado, [], mas o mais grave é não exigir a revalidação dos diplomas dos médicos que irão atuar aqui, isso é requisito básico para qualquer estrangeiro exercer qualquer profissão.

6 de julho às 18:00 · Curtir · 1

I

+1

Tirando o problema de não revalidar o diploma desses médicos Prof. [] o outro fator é que uma classe elitizada de médicos daqui do Brasil, que por sinal oferecem uma qualidade duvidosa do seu serviço, sabe que a vinda desses médicos de fora os obrigará a serem melhores e viva a concorrência!!!

9 de julho às 10:27 · Curtir

E

+5

[] o governo não está preocupado com a QUALIDADE da Medicina. Se você observar bem, em nenhum momento ele mostrou melhorias estruturais nos municípios que vão receber os estrangeiros. Aqui em Recife temos exames rotineiros que passam meses para serem feitos. Imagina uma tomografia ou ressonância. O que nossa classe quer é melhorar o que temos e plano de carreira federal e não ficar na mão dos prefeitos, como hoje. A classe médica quer esclarecer pra que a população não seja enganada. Enfim, PRECISAMOS DE INFRAESTRUTURA! Mt de nós gostaria de ter feito carreira no interior (sou de lá) mas a falta de infraestrutura me deixou aqui, inclusive ganhando menos.

Nesse texto, pudemos observar que a quantidade de pessoas que opinam sobre esse tema é maior, mas, mesmo assim, os autores não fogem ao tema e a questão incide sobre o mesmo ponto. A quantidade de pessoas não caracteriza um problema na unidade temática textual se na medida em que o texto é desenvolvido os autores reconhecem as pistas deixadas e constroem os argumentos por meio dos espaços deixados na autoria. Pode parecer confuso pela pluralidade de opiniões colocadas, mas se não há divisão de tarefas não há como exigir uma escrita homogênea.

Caracterizamos essa prática como escrita colaborativa reativa pelas mesmas razões que apresentamos no exemplo anterior, pois nesse tipo não há uma prática coordenada em que os vários participantes atuam juntos na construção de um texto, não há divisão de tarefas e nem o agrupamento para alcançar objetivos específicos. Cada um escreve o que pensa sem que para isso haja uma sincronia nos comentários seguintes.

Também observamos a **centração temática** nesse exemplo, por mais que o debate cresça e a participação de várias pessoas indique uma descoordenação maior, o tema está bem marcado e não há uma “quebra” discursiva nesse sentido.

O que há nesses textos são cadeias coesivas e semânticas que garantem a consensualidade e linearidade do tema, mas por se tratar de um exemplo tão comentado as cadeias não assumem uma única corrente, elas são mais ou menos longas a partir do desenvolvimento e apresentação dos argumentos.

Os elementos coesivos são usados constantemente nesse exemplo, pois quando os autores dos comentários não utilizam a citação do nome de quem desejam responder, de maneira específica, utilizam elementos de retomada que buscam uma ideia anterior de maneira geral. Alguns exemplos são: “acho que o problema principal não é vinda deles (médicos)...” “Caro professor...” “usando novamente o nosso exemplo...” pois então, V_____a”. Nesse caso, o debate é muito forte e para tratar especificamente de um assunto levantado, os autores precisam especificar a resposta na escrita, já que muitas vezes o comentário seguinte não necessariamente retoma o anterior. Como vemos, mais uma vez a coesão está expressa no texto, que, nesse contexto, retomam tanto o locutor como a ideia defendida por ele. Caracterizamos essa coesão como sequenciadora, pois de acordo com Koch (2013, p.52), “é aquela através da qual se faz o texto avançar, garantindo-se porém, a continuidade dos sentidos”.

O acréscimo de informações também é observado nesse caso e além de incidirem a partir de experiências pessoais, há citações sobre a lei e as aplicações que corroboram para a

implementação de fontes mais confiáveis, deixando um pouco de lado as construções textuais apenas baseados em informações pessoais.

A partir da contribuição de Koch (2013, p. 28 e 29), percebemos nesses textos uma aproximação entre informações dadas e informações novas por meio da progressão textual. O debate sobre o programa “Mais Médicos” é realmente complexo, é iniciado com um questionamento que, naturalmente induz uma expansão do tema. Deste modo, para que a informação temática não se disperse, os dados novos e antigos assumem uma reciprocidade para estabelecer relações de sentidos entre “segmentos textuais de extensões variadas”, já que são as particularidades dos usuários que denotam as mais simples e mais expressivas contribuições ao texto. E, “segmentos textuais e conhecimentos prévios”, uma vez que nesse exemplo há fortemente a contribuição ao tema por meio das próprias vivências.

Quanto à **organização textual**, há, nesse exemplo, comentários curtos que indicam um diálogo mais do que uma prática de EC. Entretanto, há comentários que tratam do tema de uma maneira mais aprofundada, retomam alguns pontos mencionados e constroem o texto de maneira colaborativa sem encerrar o assunto, mas incentivando o crescimento das opiniões. Como é o caso do locutor G, que retoma pontos importantes da discussão, acrescenta sua opinião e ao concluir usa as reticências, por acreditar que debate não se encerra. Nesse caso, a organização está expressa na intensa colaboração mesmo com a presença de comentários mais breves.

O próximo texto se refere ao resultado do jogo do Brasil na Copa do Mundo de 2014, jogo esse em que a seleção da casa perdeu para a Alemanha de 7x1, resultando em sua eliminação e achincalhamento mundial. Como sabemos, o Brasil é a única seleção penta campeã do mundo, possui tradição e era a favorita. Portanto, esse acontecimento inesperado gerou intensa manifestação nos sites de rede social. No *Facebook*, selecionamos o texto mais próximo de uma prática de EC.

Fragmentos textuais 14 – A derrota do Brasil na Copa do Mundo/2014

Post inicial.

A 
 Ontem próximo a Garanhuns 

Situação do país a parte, EU TENHO ORGULHO DO NOSSO FUTEBOL! Não deu esse ano, em casa, o tão sonhado hexa... mas temos uma história de invejar qualquer país! Temos os maiores craques de todos os tempos, alguns dos melhores times da história e somos os únicos PENTA CAMPEÕES! Além do mais, temos um futebol que nasce em cada campinho de terra dos subúrbios, craques com histórias de vida de dar inveja... e, mesmo assim, o nosso futebol é de primeiro mundo (alguma coisa nesse país tinha que ser, né? kkk). Não deu dessa vez, paciência. NÃO MERECEU! Não foi a primeira vez e nem será a última. Mas de uma coisa eu tenho certeza: eu ainda verei o Brasil ser campeão várias vezes! Ainda vou festejar muito pela nossa seleção! E fim! #PaísDoFutebol #UmDiaOHexaVem!

B 
 Infelizmente, esses títulos de país do futebol, de melhores jogadores e de pentacampeão vêm deixando os jogadores desleixados e jogados à sorte. Não investem na base, não treinam com seriedade. Isso vem de outras copas. Temos história sim, não desmereço nada do que construímos, mas hoje em dia o futebol é feito no treinamento árduo, na tática e na seriedade, e nisso a seleção vem pecando. Que tudo isso sirva de lição.
 Ontem às 19:18 · Curtir ·  4

C 
 Só temos que reestruturar o futebol, em termos de organização de calendário, de planejamento de seleção e, acima de tudo, reaprender táticas, reciclar nossos treinadores.
 Precisamos também, e isso é urgente, perder essa soberba imunda!
 Ontem às 19:20 · Curtir ·  2

A 
 Concordo em gênero, número e grau, São tantos bons jogadores que passam despercebidos em nossas bases Brasil afora... precisamos reestruturar nosso futebol. Senão, de país de futebol, passaremos a país do passado!
 Ontem às 19:21 · Curtir ·  2

A 
 Concordo, Precisamos inovar mais... sair da história e enxergar que o futebol atual é bem diferente do futebol de Zico e cia... precisamos renovar nossa maneira de descobrir novos talentos, readequar nossos técnicos, investir na nossa base... senão, do penta não sairemos 😞
 Ontem às 19:23 · Curtir ·  1

D +1 Irmão, temos que ver e rever nossa história sim, porém, não podemos ficar deitado em berço esplendido vendo nosso país ser achincalhado e chacoalhado pelos demais. Enquanto essa corja da CBF estiver no poder, nada, isso mesmo, nada vai mudar. Estamos passando por uma crise de talentos e tirando Neymar, nossa seleção é fraca. Nosso campeonato brasileiro é dos piores e quem se destacam geralmente são os estrangeiros. A Alemanha fez uma reformulação TOTAL e está aí o resultado. 90% desta seleção faz parte de um projeto que teve início em 2001. Não temos projetos, temos Marins, Del Neros e tantos outros que apenas se preocupam em patrocínios milionários. Apenas para ilustrar... onde será nosso próximo amistoso pós copa? Fora do país. Não deveria ser em um arena da copa, ou até mesmo no Maracanã que a seleção não visitou? Nosso caminho a curto/médio prazo e nebuloso e será difícilimo!
Ontem às 19:25 · Curtir · 3

A +4 Concordo, 😞 Nossa seleção é fraquíssima e demonstrou isso em TODOS os jogos... todos! Enquanto a CBF estiver povoada pela corja que está, nada vai mudar! Veja, por exemplo, as nossas séries C, D... os nossos estaduais... os nossos campeonatos juniores... Infelizmente, nosso destino (pelo menos a curto prazo) não me parece ser diferente do fracasso!
Ontem às 19:27 · Curtir · 2

E +1 olha que coisa interessante, temos os melhores jogadores do mundo e não fazemos um time, uma seleção, não temos conjunto, não temos entrosamento... uma equipe se faz com jogadores jogando no mesmo ritmo, sabendo o que esperar do outro, saber o pensamento do outro e ainda por cima, um técnico capaz de ver isto e explorar isto. Não sou contra o Brasil, mas para termos reais condições de ganhar uma copa e virar Hexa, teremos um longo e árduo caminho a percorrer, descer do salto alto, de termos os melhores jogadores e com humildade, saber encarar os desafios! 😊
Ontem às 19:30 · Editado · Curtir

Fonte: Site Facebook

Nesse texto, além de atitudes reativas no momento da escrita, com a participação dos produtores de informação, percebemos mais claramente a participação do autor principal do texto²¹, pois, constantemente, ele retoma a fala dos outros usuários para construir novos argumentos. O que deixa em evidência certa coordenação e um gerenciamento na elaboração da EC, visto que o usuário deixa mais proeminente sua participação e autoria.

Essa prática de EC contém a **centração temática** expressa na temática que se mantém invariável e mesmo se tratando de um assunto polêmico como é o futebol, há uma linha textual sincronizada com o post inicial. Sobre esse aspecto, destacamos a importância do autor em detrimento dos outros exemplos discutidos. Embora, essa também seja uma prática de escrita colaborativa reativa, o autor constantemente retoma o que foi dito antes e concorda ou discorda do que foi apresentado. A presença do autor, nesse sentido, além de corroborar com a consensualidade promove unidade semântica.

²¹ Chamamos de autor principal o usuário que inicia a discussão e apresenta seu post, já que nesse tipo de prática todos os usuários desempenham papéis autorais.

Os elementos coesivos, como já falamos, tornam-se uma espécie de estratégia para que o texto não fique solto e sem o controle do autor principal, pois, concordando ou não, ele sempre se mantém ativo na construção colaborativa do texto. Para isso, utiliza os seguintes termos de coesão: “Concordo em gênero, número e grau”, Concordo, M___! “Concordo, F___”. Além desses termos utilizados pelo autor principal, os outros participantes também adotam as conexões, seja por meio de vocativo, como “Irmão”, seja de maneira mais livre, sem se ater a um comentário de maneira mais específica como: “Olha que coisa interessante...”. Pois, nesse caso, não há uma aproximação com um argumento em especial, o autor fala o que pensa sem se ater a escritas anteriores.

O acréscimo de informações está principalmente relacionado à opinião pessoal, por outro lado, um usuário vai mais a fundo no tema e cita dados numéricos que além de servir para fundamentar seus argumentos, deixam a discussão menos intimista. É percebido também que esse acréscimo de informação contribuiu para mostrar outros pontos de debate que não necessariamente à derrota para a Alemanha. Isso porque o usuário toca em questões que, para ele, estão subjacentes à eliminação brasileira, como a construção dos estádios, o Campeonato brasileiro e a gestão da CBF. Por isso, a importância do autor principal que coordena o texto e na retomada desse comentário não deixa que o assunto se perca, já que a primeira frase expressa é: “Concordo, F___ Nossa seleção =/ é fraquíssima e demonstrou isso em TODOS os jogos...”.

No que diz respeito à **organização textual**, encontramos semelhanças com o exemplo anterior, pois essa prática de EC traz um misto de comentários mais curtos que lembram um diálogo, mas também há comentários mais aprofundados que trazem elementos novos para a discussão incentivando o debate e a participação dos demais.

No nosso último exemplo de EC, utilizamos um *post* de uma usuária que não o escreve extensivamente, ela traz para a discussão uma reportagem do jornal digital Brasil 247²² retratando a suposta agressão sofrida pela candidata a reeleição, a qual contrapõe os fatos apresentados pelo Jornal Nacional quando entrevistada, afirmando estar a inflação em um índice de quase zero. Pela reação da autora, percebemos que ela não concorda com o que a presidente afirma e levanta questionamentos que incitam a colaboração dos internautas.

²²Link da reportagem: <https://www.brasil247.com/pt/247/poder/150522/Agredida-pelo-Jornal-Nacional-Dilma-se-defende.htm>

Fragmentos textuais 15 – Entrevista da presidente Dilma no JN

Post inicial.

A compartilhou a foto de Brasil 247. ▼
22 h ·

Agredida? Inflação quase zero? Como é?



Brasil 247

Agredida pelo Jornal Nacional, Dilma se defende <http://goo.gl/kmh6Tb> Foi inacreditável a ação eleitoral do Jornal Nacional contra a presidente Dilma Rousseff, W...

[Ver mais](#)

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

12 pessoas curtiram isso.

B na ultima pesquisa a inflacao recuou ▶
22 h · [Curtir](#)

A Ela utiliza-se do nosso Brasil analfabeto funcional, que não tem capacidade de interpretar o que acontece de fato no país. É triste ver pessoas querendo continuidade de algo que não funciona mais.
22 h · [Curtir](#) · 2

A Pesquisas? Pesquisas compradas, pois a inflação está ai refletida nos altos preços de coisas básicas. Só quem saber o que é inflação uma pessoa que vive com um salário e não tem como comprar arroz, feijão e carne direito.
22 h · [Curtir](#) · 1

C +1 O PT é perito em maquiar dados, em falar muito para confundir o povo, mas quando confrontado com a verdade fica mais perdido do que cego em tiroteio.

O Brasil não está bem..

22 h · Curtir ·  2

C +2 Diz que investe em Educação, mas depois de 12 anos...



22 h · Curtir ·  2

B +2 <http://g1.globo.com/.../criacao-de-empregos-formais-sobe...>

isso tb saiu hj
mesmo com o pouco crescimento do pib

22 h · Curtir

A +4 Não ignoro os benefícios que existiu nesses 12 anos de PT, não sou hipócrita. Mas não posso fechar os olhos para os grandes malefícios. Veja, o país não cresce mais, corrupção evidente em todo projeto que faz, falta de investimento na educação básica, falta de investimento na saúde, infra-estrutura precária, etc. Em 12 anos não dava para melhorar tudo?

22 h · Curtir ·  3

C +3 Logicamente Lula e Dilma tiveram acertos. Logicamente FHC teve acertos... o problema é que virou senso comum demonizar FHC e beatificar Lula e Dilma.

22 h · Curtir ·  1

B +3 mas existem numeros fatos que n tem como nem argumentar contra !!
ate o maior "feito de fhc" foi todo arquitetado por Ciro Gomez , Tarso , no governo Itamar , fhc foi convidado para ser ministro depois do plano real pronto!!

22 h · Editado · Curtir

C +4 Engraçado como a maioria das pessoas associam FHC unicamente ao Plano Real, mas esquecem que ele fez muito mais do que isso.
É engraçado como associam o PT ao Bolsa-Família, quando a ideia primordial de implantar no Governo Federal ações de assistencialismo foi da Sra. Primeira Dama do Brasil Ruth Cardoso,
Bom, seguem algumas medidas de FHC que ajudaram o Governo de LULA a ser melhor que o dele próprio.
<http://fhcsemeando.blogspot.com.br/.../80-medidas...>
21 h · Curtir

B +4 e tem algumas como dívida externa q era 38 % do pib em 500 anos
isso pra se fazer petrobras, hidreletricas, brasilia e e.t.c e em 8 anos de fhc chegou a 78 % do pib mesmo com todas as privatizacoes!!
fmi e tanto outros q n preciso citar
21 h · Curtir

C +5 de forma objetiva me proponha uma maneira viável de crescimento sem investimento nos setores energéticos.
FHC fez o que era preciso. Ficamos endividados até o pescoço, é inegável, mas construímos uma base para sustentar e propiciar o crescimento experimentado no 1 Governo Lula.
21 h · Curtir

B +5 entao foi coincidencia as coisas so melhorarem no governo lula?
21 h · Curtir

C +6 Eu não disse isso em nenhum momento.
21 h · Curtir

C +7 Apenas argumentei que as melhoras obtidas durante o Primeiro Governo Lula tem sua base em ações estruturadoras dos dois períodos de Governo FHC.
Pouca gente lembra que o Brasil tinha uma Dívida INTERNA gigantesca e que um governante deixava para o outro gerando uma bola de neve incontrolável. E foi a LEI DE RESPONSABILIDADE FISCAL, criada durante o Governo FHC que deu um basta nessa orgia com o dinheiro público, por exemplo.
LULA tinha a obrigação de realizar um governo melhor que FHC, pegou um país mais arrumado. Dilma teria a obrigação de fazer um governo melhor que o de LULA, mas não o fez.
As medidas do PT estão sendo ineficazes, e o próprio PT está desgastado demais.
É chegada a hora de uma mudança de postura, de oxigenar as salas do Planalto. E pelo bem da democracia precisamos de um alternância de poder.
21 h · Curtir ·  1

Fonte: Site Facebook

Nesse texto, percebemos que as exposições se diferenciam um pouco do que observamos anteriormente. O primeiro a ser destacado é que diferente do texto antecessor a autora do *post* não prolonga a discussão e não retoma constantemente o que os outros usuários escreveram para articular com o seu raciocínio. A autora não controla a sua produção e deixa a produção livre para que os outros opinem. O segundo ponto é que nesse texto tanto o *post* principal como os demais comentários que seguem têm a forte presença de outras fontes de informação. O que, a princípio, indica que os argumentos são melhor sustentados quando não estão vinculados unicamente às questões subjetivas. O terceiro ponto se refere às formas de retomada do conteúdo, que, nesse caso, estão mais fluidas e dão a impressão de texto mais contínuo.

Quanto à **centração temática**, percebemos que mais uma vez o texto se mantém na linha argumentativa de um mesmo tema. É possível notar que os autores não convergem, mas a consensualidade diz respeito a temática que se mantém em torno da política. Entretanto, como o assunto é bastante complexo, o assunto final da discussão gira em torno do governo Lula, que não tem necessariamente ligação com o *post* inicial sobre a candidatura e governo de Dilma Rousseff. Ainda assim, a consensualidade reverbera se atentarmos para o fato de que, de um modo geral, os autores discutem o governo do PT e nesse caso, Lula e Dilma são representantes legais desse partido, o que não prejudica o aspecto consensual.

Os elementos coesivos nesse texto estão muito ligados à fala de cada usuário e quase não notamos a citação nominal para retomar uma ideia anterior. Os termos de coesão são utilizados de maneira a deixar o texto mais sintonizado e linear. Por exemplo, nessa prática de EC os elementos coesivos em destaque são: **Ela**, que se refere a presidente, **mas**, indicando um contra argumento, **e**, acrescentando uma informação, **então**, como elemento conclusivo de argumentos. Na construção desses textos, notamos que os elementos coesivos se manifestam, sobretudo pelas “sinalizações”. Em muitos casos, os autores aproveitam uma afirmação para construir suas ideias, assim, muitas retomadas não são expressas linguisticamente, mas pelas orientações ou indicações que estabelecem a ordenação textual. (KOCH, 2013).

O acréscimo de informações nessa produção está baseado em muitos dados externos, os autores não satisfeitos em sustentar seus argumentos apenas no que conhecem, utilizam dados de blogs e jornais para comprovar o que pensam e fortalecer seus argumentos diante da discussão que se forma. Assim, é justamente por meio do acréscimo de informações que o tema aflora e o debate ganha novos rumos como foi o caso das menções ao governo de Fernando Henrique Cardoso e Lula.

Já a **organização textual** é semelhante ao que vimos nesses exemplos. Observamos que os comentários são curtos, mas também podem ser extensos. A organização textual está relacionada com a estruturação de um comentário e claro que se os comentários fossem mais extensos e com ideias mais minuciosamente debatidas, como no nosso primeiro exemplo, reconheceríamos mais facilmente uma prática de EC com uma produção textual menos dialógica. Contudo, essa discussão está imbricada no conceito que adotamos de escrita colaborativa reativa e cada usuário dá o tom a sua escrita. Portanto, alguns debatem mais e outros menos, o que fica claro é que a reação de cada um é única e a EC não se forma na extensão do comentário, mas na colaboração, mesmo que em alguns casos mais se assemelhe a um simples diálogo.

Por fim, vale ressaltar que todas essas práticas de escrita colaborativa são coerentes, mas diferente dos aspectos mencionados a coerência não se estabelece como uma unidade de definição textual, a coerência não está expressa textualmente, ela se faz por meio de uma série de fatores extratextuais que garantem a construção dos sentidos. “A coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”. (KOCH, 2013, p. 52). Então, não cabe, a partir das nossas análises, verificar os sentidos estabelecidos entre os textos, contudo, ao analisarmos os aspectos de consensualidade e organização textual, estamos prestando atenção também, aos pontos coerentes, sem, portanto, entendê-la como mera propriedade do texto.

Terminadas a última etapa das análises, passemos agora para as considerações finais desta dissertação.

Considerações finais

O estudo das linguagens em suportes digitais tornou-se cada vez mais recorrente no meio acadêmico entre pesquisadores que entendem e reconhecem a importância atribuída a esses elementos no contexto atual.

Com a segunda geração da *Web* e todas as potencialidades que ela acarreta os textos dos alunos, por exemplo, adquirem um salto qualitativo, pois não mais existe apenas a recepção de informações. Com a instauração desse novo quadro, os alunos são produtores, revisores, editores, ou seja, cada vez mais a linguagem se expande. Nesse ínterim, o sujeito acompanha o movimento posto em rede pela fluidez e liberdade da *Web* exercendo mais funções do que outrora fazia.

Dentro dessa nova perspectiva, o *Facebook* é, cada vez, mais alvo de estudos, seja pela popularização que atingiu, seja pela importância interativa que adquiriu ao longo dos tempos. Com o *Facebook*, nós podemos fomentar discussões muito mais do que entre outros sites de redes sociais.

Com esse site, o que nós escrevemos e pensamos alcança uma dimensão que pode fugir ao nosso controle, pois um simples clique de compartilhamento leva o nosso texto para lugares que jamais imaginávamos. No *Facebook*, temos a liberdade de escrever tudo o que pensamos sem o limite estabelecido como, por exemplo, no *Twitter*, pois o *Facebook* suscita uma prática cada vez mais elaborada por usuários ao esboçarem detalhadamente cada linha de raciocínio que acreditam.

É por meio dessa nova maneira de expressão que observamos hoje que o nosso interesse se intensificou. Ao observarmos com mais cuidado esse site de redes sociais, percebemos que temos nas mãos não só uma ferramenta de lazer, interação e comunicação com nossos amigos, mas uma ferramenta de militância, de persuasão, de luta e de debates sociais.

Com o *Facebook*, nos é ofertada a possibilidade de ativismo online, Dahlgren (2005), fala disso ao argumentar que a internet vem modificando as formas de asserção política e é via *Facebook* que encontramos as mais diversas maneiras de prática social, cidadã e política.

Com este trabalho, pudemos perceber que os textos produzidos nesse site de rede social alcançam uma nova possibilidade. Os comentários cada vez mais argumentados e fundamentados não são repetitivos e não concordam ingenuamente com esse ou aquele

usuário. Percebemos que a criticidade é uma marca presente dessa nova geração de internautas, e, por isso, muitas vezes concordar ou discordar de alguém leva as produções textuais muito bem elaboradas e desprendidas de simples “achismos”.

Os textos no *Facebook* hoje em dia não se resumem a *posts* de que fiz isso ou aquilo, estou me sentindo assim, ou daquele jeito. Cada dia mais, os “facebookianos” encontram espaço nessa rede social para expor causas e discutir assuntos políticos importantes, como vimos nos exemplos de nossas análises. Até mesmo discussões que, a primeira vista, parecem menos engajadas como o vencedor do *The Voice/2013*, post em que exemplificamos o uso do conector ao invés de, carregam conceitos ideológicos e culturais muito pertinentes na afirmação de nossa identidade brasileira e mestiça.

Quanto à construção dos argumentos, é possível notar a preocupação dos usuários em fundamentar seus textos e demarcar discursivamente o enunciado com o emprego dos conectores, que além de organizar os textos determinam a posição argumentativa do locutor.

Nesse sentido, destacamos no nível contra-argumentativo o conectivo mas, por acreditarmos que o *Facebook* ainda tem como marca a presença do diálogo, sendo esse conectivo que mais usamos em um contraponto oral. Assim como o uso de então, que conclui um fato e geralmente é o mais usado em conversações.

Em relação ao uso dos outros conectores que marcam argumentos e contra-argumentos fracos, encontramos uma melhor distribuição, é claro que alguns são mais usuais, mas não encontramos disparidade tão evidente como nos dois destaques.

Atrelado a isso, ao final desta pesquisa, é possível afirmar sim que o *Facebook* é um espaço que traz práticas de escrita colaborativa. Vimos com os exemplos e as análises realizadas que os comentários desenvolvidos não se tratam apenas de textos intercalados, pelo contrário, nesse site, encontramos uma prática de escrita colaborativa que, mesmo desordenada e descoordenada com a intervenção demasiada de vários usuários, se constitui justamente pela colaboração e participação de todos.

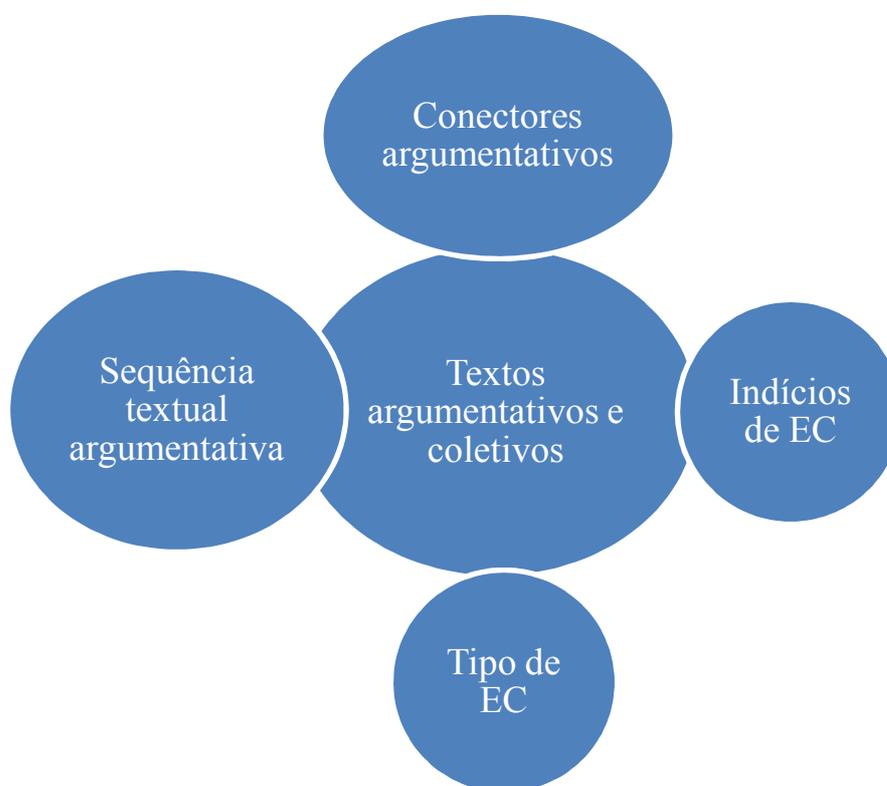
Pois, como vimos anteriormente, o que caracteriza um EC é a participação de várias pessoas para atingir os objetivos ao escrever e mesmo que as funções sejam individuais, o grupo é a base empírica da escrita na coletividade. Quer dizer, não importa que no *Facebook* as tarefas não sejam coordenadas e negociadas, já que é por meio da produção coletiva que a escrita torna-se colaborativa.

A EC em sites de redes sociais não tem como função primordial a divisão de tarefas e regras para o bom andamento do grupo, o objetivo de cada internauta é mostrar o que pensa e não necessariamente construir uma escrita consensual, não excluimos com isso a

possibilidade de haver EC, mas em outros moldes, é o que defendemos e concluímos neste estudo. Pois, como vimos, mesmo que a reação não seja o fator primordial para definir se o que há no *Facebook* é uma EC reativa, compreendemos que assim se satisfaz pelos pontos elencados nas análises e pela ideia expressa por Lowry *et al.* (2004), que mais se aproxima do que pudemos observar nesse site.

Então, para que sejam melhores visualizados os objetivos que nos propomos no início desta pesquisa e como o atingimos faremos a demonstração de um quadro a seguir. Vejamos:

Figura 05 - Agrupamento dos objetivos



Fonte: elaborado pela autora

Com esse quadro, temos a ideia principal do nosso objetivo geral centralizada, que foi a investigação dos textos argumentativos e os indícios de escrita colaborativa encontradas no site. Nesse caso, assumimos o nome de escrita coletiva por não termos a certeza naquele momento de que a escrita em comunhão seria uma prática de EC.

Para atingir o nosso objetivo geral, selecionamos os textos que tinham uma forte presença argumentativa, ou seja, os textos que pelos meios linguísticos tinham o objetivo de convencer alguém sobre alguma coisa, argumentar, discutir e mostrar a opinião a partir de temas que apresentavam um teor polêmico. Além disso, selecionamos textos que tinham forte participação de vários usuários que indicavam um princípio de EC pela configuração que iam adquirindo, de serem bastante comentados.

A partir dessa seleção e investigação dos textos no *Facebook*, nos detivemos no primeiro objetivo específico, o qual foi descrever detalhadamente o movimento da produção argumentativa desenvolvida por alguns usuários, por meio do que propõe Adam (2011) com a sequência argumentativa. Nesse caso, observamos os movimentos de justificação ou refutação dos argumentos a partir da produção do internauta para verificar a formação do nível justificativo e argumentativo nos textos escolhidos.

Ainda com o apoio da teoria de Adam (2011) fomos para o segundo objetivo específico: identificar e discutir o papel dos conectores argumentativos utilizados nos textos. Para alcançar esse objetivo, quantificamos cada conector utilizado nas produções selecionadas e depois seccionamos os conectores em cada tipo proposto por Adam (2011). Isto é, cada conector está relacionado a uma função enunciativa e, além da seleção e quantificação, era necessário fazer a categorização dos conectores utilizados.

Sendo concluída a análise sobre as questões argumentativas, passamos para as análises de práticas coletivas e, assim, destacamos o primeiro objetivo nesse segmento que foi justamente o de investigar os indícios de EC. Desse modo, selecionamos, a princípio, diversos textos constituídos de comentários, fossem dos mais simples aos mais elaborados, e na medida em que nos apropriávamos da teoria sobre EC reduzimos o quantitativo de textos para os que mais se aproximavam do que íamos entendendo de uma prática efetiva de escrita colaborativa.

O passo seguinte foi reduzir ainda mais os exemplos coletados com indícios de EC e, baseado no que lemos sobre a teoria, encontramos partes em comum entre os textos, os quais foram destacados nas análises, para que só assim fossem definidos como práticas de EC.

Finalmente, alcançamos o último objetivo nesse segmento que foi examinar os textos coletados e após isso, classificar os exemplos selecionados definindo-os de acordo com os estudos de Lowry *et al* (2004). A partir desse último passo, percebemos que os exemplos textuais se enquadram na prática de escrita colaborativa reativa, ou seja, um escritor inicial faz uma declaração e os demais vão participando em conjunto na construção do texto.

É preciso então, elencar alguns pontos que resumem esta dissertação e que toca em questões importantes discutidas ao longo desse espaço.

- A concepção de texto adotada neste trabalho está orientada numa concepção discursiva, por assim considerar que as análises melhor satisfazem;
- Texto e hipertexto não são antagônicos, apenas representam modalidades distintas no uso das linguagens;
- A argumentação se constitui pela pluralidade de ações e é parte integrante no uso linguístico.
- O *Facebook* é um site de redes sociais que propicia comunicação e interação em instâncias globais, é um site que proporciona o relacionamento, mas não está limitado a isso.
- As análises das práticas de EC, a partir dos quatro elementos citados, nesta dissertação foram orientadas pelos aspectos mencionados, por satisfazerem a nossa compreensão pessoal, baseados nas teorias discutidas de articulação e construção de textos nesse site.

Concluimos que este estudo vem discutir as diferentes formas de argumentação encontradas no *Facebook*, além de mostrar como os comentários produzidos tornam-se práticas colaborativas, se levarmos em conta a participação dos usuários como agentes da comunicação. Procuramos mostrar com esta pesquisa como a prática do usuário vem se modificando com a inscrição de um pensamento crítico e dialogado, apoiado na abertura interativa que esse site oferece.

Destacamos, por fim, este estudo como promissor nas construções argumentativas elaborados no *Facebook*, bem como as práticas colaborativas antes reconhecidas como simples práticas textuais sem o devido reconhecimento nas relações interpessoais que circulam nesse contexto.

Referências

ADAM, Jean Michel. **A linguística Textual**: Introdução à análise dos discursos; revisão técnica João Gomes da Silva Neto. 2. ed. Revista e aumentada – São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, Jean Michel. **Análises textuais e discursivas**: metodologia e aplicações/ Jean-Michel Adam, Ute Heidmann, Dominique Maingueneau; Maria das Graças Soares, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi (Organizadores). – São Paulo, Cortez, 2010.

ANDERSON, Paul. **What is Web 2.0? Ideas, technologies and implications for education**. ISC Technology and Standards Watch. 2007. Disponível em: <<http://www.jisc.ac.uk/media/documents/techwatch/tsw0701b.pdf>> Acesso em 23 de junho de 2014.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: Fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. **Searle interpretando Austin**: a retórica do “medo da morte” nos estudos da linguagem. Sínteses - Revista dos Cursos de Pós-Graduação Vol. 11. 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000377286>> Acesso em 26 de junho de 2014.

BEAUGRANDE, Robert Alain de. **A new introduction to the study of text and discourse**: discursivism and ecologism. Published for free use on the Internet. July 2004. Disponível em: <http://www.beaugrande.com/new_intro_to_study.htm> Acesso em 25 de maio de 2014.

BEAUGRANDE, Robert de e Wolfgang DRESSLER. **Introduction to text linguistics**. London, Longman. 1981.

BONA, A.S.D.; FAGUNDES, L.C; BASSO, M.V.A. **Facebook**: um espaço de aprendizagem digital cooperativo de Matemática. *In*: Revista Tema, v. 10, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/download/124/100>> Acesso em 26 de outubro de 2014.

BONVINI, Emilio. **Textos orais e textura oral**. *In*: A tradição oral. Sônia Queiroz (Organizadora). Belo Horizonte FALE/UFMG, 2006.

BOZZA, Gabriel e PANKE, Luciana. **Estratégias Argumentativas no Facebook do movimento #Yosoy132 pós-eleição presidencial mexicana de 2012**. cadernos de comunicação v.17, n.2, jul–dez 2013. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/ccomunicacao/article/view/9030/8181>> Acesso em 02 de julho de 2014.

BRESCIA, Amanda Tomonelli. **Redes Sociais e Educação**: o Facebook e suas possibilidades pedagógicas. Dissertação de Mestrado – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. 116 f.

CARDOSO, Maria de Lurdes Carvalho Nunes. **Ambientes de aprendizagem Web 2.0: um estudo sobre a utilização de uma ferramenta de escrita colaborativa no Ensino Profissional.** Dissertação de Mestrado – Universidade do Minho, Portugal, 2010. 180 f.

CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. **A linguagem no Facebook.** *In:* Linguística da Internet. Tania G. Shepherd e Tânia G Salés. (Organizadoras). – São Paulo: Contexto, 2013.

CARVALHO, Nelly; LINS, Rebeca; KRAMER, Rita. **A inovação publicitária nas redes sociais.** *In:* Hipertexto e cibercultura: Links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais. Antônio Carlos Xavier... [et al.]. – São Paulo: Respel, 2011.

CASTAÑON, Gustavo Arja. **John Searle e o cognitivismo.** *Ciências e Cognição*, v. 8. 2006. Disponível em: < <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v08/m326104.pdf>> Acesso em 02 de julho de 2014.

CATELÃO, Evandro de Melo. **Textos argumentativos sob a ótica sociodiscursiva Jean-Michel Adam:** primeiras aproximações. 2010. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Evandro%20Catelao.pdf>> Acesso em 02 de julho de 2014.

CAVALCANTE, Mônica M. *et al.* **Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional.** *In:* Linguística de Texto e análise da conversação: Panoramas das pesquisas no Brasil. Anna Christina Bentes; Marli Quadros Leite. São Paulo: Cortez, 2010.

CAVALCANTE, Mônica M.; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Revisitando o estatuto do texto.** *Revista do GELNE, Teresina*, v.12, n.2, p. 56-71, 2010.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Repensando a textualidade.** *In:* Língua portuguesa em debate: Conhecimento e ensino. José Carlos de Azeredo (Organizador). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DAHLGREN, Peter. **The Internet, Public Spheres, and Political Communication: Dispersion and Deliberation.** 2005. Disponível em: <http://courses.washington.edu/insc555/wordpress/wpcontent/readings/Dahlgren_2005.pdf> Acesso em 18 de outubro de 2014.

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual: Introdução.** – 10. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e Linguagem.** 13 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O desenvolvimento da linguística textual no Brasil.** *DELTA*, v. 15, n. especial, p. 167-182, 1999.

_____. **O texto e a construção dos sentidos.** 10. ed., 2º reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

KOMESU, F. **Pensar Em Hipertexto**. *In*: Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem. Araújo e BiasiRodrigues (Organizadores). Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

LAURENTIZ, Silvia. **Tags e metatags? De Ted Nelson a Tim Berners-Lee**. REVISTA PORTO ARTE: PORTO ALEGRE, v. 17, n. 28, MAIO/2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/18786/10964>> Acesso em 20 de agosto de 2014.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Do hipertexto opaco ao hipertexto transparente**. *In*: Hipertexto e cibercultura: Links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais. Antônio Carlos Xavier... [et al.]. – São Paulo: Respel, 2011.

LIMA, Maria Conceição Alves de. **A tecnologia Wiki e a autoria colaborativa na Internet**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/a-Tecnologia-Wiki-e-a-Autoria/1001402.html>> Acesso em: 26 de agosto de 2014.

LOPES, Ivã Carlos e BEIVIDAS, Waldir. **Veridicção, persuasão, argumentação**: notas numa perspectiva semiótica. Todas as letras J, v. 9, n.1, 2007.

LOWRY, P.; CURTIS, A.; LOWRY, M. 2004. **Building a taxonomy and nomenclature of collaborative writing to improve interdisciplinary research and practice**. Disponível em: <<http://job.sagepub.com/cgi/reprint/41/1/66>> Acesso em 29 de janeiro 2014.

MCAULIFFE, Donna & CHENOWETH, Lesley. **Reflections on Practice: Collaborative Writing as a Critically Reflective Activity**. 2006. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/29463493_Reflections_on_Practice_Collaborative_Writing_as_a_Critically_Reflective_Activity> Acesso em: 20 de março 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem & Ensino, v. 4, n. 1, 2001.

_____. **Linearização, cognição e referência**: o desafio do hipertexto. 2007b, p. 146-170.

_____. **Linguística de texto**: O que é e como se faz?. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARCON, Karina. **Redes sociais e arquiteturas pedagógicas**: uma experiência no Facebook. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://karinamarcon.pbworks.com/w/file/attach/49912864/Trabalho_Final_Arquiteturas_Pedag%C3%B3gicas_Karina_Marcon.pdf> Acesso em 18 de setembro de 2014.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola editorial, 2012. Tradução: Judith Hoffnagel.

NOBRE, Kennedy Cabral e OLIVEIRA, Flávia Cristina Candido de. **Um estudo da sequência textual argumentativa em anúncios escolares**. 2011. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Kennedy%20Cabral%20Nobre%20\(UFC\)%20e%20Fl%C3%A1via%20Cristina%20Candido%20de%20Oliveira%20\(UFC\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Kennedy%20Cabral%20Nobre%20(UFC)%20e%20Fl%C3%A1via%20Cristina%20Candido%20de%20Oliveira%20(UFC).pdf)> Acesso em 18 de Setembro de 2014.

O'REILLY, T. **What is Web 2.0?: Design patterns and business models for the next generation of software**. 2007. Disponível em: <oreillyn.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> Acesso em 15 de abril 2014.

OSAKABE, Haqira. **A palavra Imperfeita (Sobre entrevistas e discursos de Lula)**. REMATE DE MALES, Campinas. 1987. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/2970>> Acesso em 02 de Julho de 2014.

_____. **Argumentação e Discurso político**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PENTEADO, Cláudio. **Os protestos contra a Copa do Mundo de 2014 no Brasil: análise do II grande ato contra a copa no facebook**. Em Debate, Belo Horizonte, v.6, n.1, p.7-23, Mar. 2014.

PIMENTEL, Renato Lira. **Um estudo sobre hibridização e agrupamento de gêneros no Facebook**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. 118 f.

PINHEIRO, Petrilson Alan. **A escrita colaborativa por meio do uso de ferramentas digitais: Ressignificando a produção textual no contexto escolar**. v. 9, n. 3, p. 226-239, set/dez 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

RIBEIRO, Ana Elisa. **Novas tecnologias para ler e escrever – algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula**. – Belo Horizonte: RHJ, 2012.

SEARLE John. **What is a Speech Act?** Maurice Black (ed.), Philosophy in America, London: Allen and Unwin, 1965, pp. 221—239. Disponível em: <<https://faculty.unlv.edu/jwood/unlv/Articles/SearleWhatIsASpeechAct.pdf>> Acesso em 19 de dezembro de 2014.

STORCH, Neomy. **Collaborative writing: Product, process, and students' reflections**. Journal of Second Language Writing 14. 2005. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1060374305000172>> Acesso em 28 de Junho de 2014.

STORRER, Angelika. **A coerência nos hipertextos** In: Linguística Textual: Perspectivas Alemãs. Hans Peter Wieser, Ingedore G. Villaça Koch (Organizadores). – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

VOGT, Carlos. **Indicações para uma análise semântica argumentativa das conjunções ‘porque’, ‘pois’ e ‘já que’**. Cadernos de Estudos linguísticos. n 1. 1978. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3590/3359>> Acesso em 20 de Junho de 2014.

_____. **Por uma pragmática das representações**. Revistas USP. n 11. 1979. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37872/40599>> Acesso em 17 de dezembro 2014.

XAVIER, Antônio Carlos... [et al]. **Hipertexto e Cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais**. São Paulo: Respel, 2011.

_____. **Hipertexto e Intertextualidade**. Cad.Est.Ling., Campinas, (44):283-290, Jan./Jun. 2003. Disponível em: < <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1715>> Acesso em 15 de dezembro de 2014.

Lista de Sites utilizados

FACEBOOK. Disponível em: < <https://www.facebook.com/>> .

FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/12/1390207-manifestacoes-nao-foram-pelos-20-centavos.shtml>> Acesso em 15 de dezembro de 2014.

G1. Disponível em: < <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/07/entenda-crise-politica-no-egito.html>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

G1. Disponível em: < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/03/world-wide-web-faz-25-anos.html>> Acesso em 20 de novembro de 2014.

GIZMODO. Disponível em: < <http://gizmodo.uol.com.br/giz-5-anos-as-tecnologias-e-tendencias-que-moldaram-os-ultimos-5-anos/>> Acesso em: 20 de abril de 2014.

GOOGLE DOCS. Disponível em: <https://drive.google.com/ob?usp=web_ww_intro#> Acesso em: 15 de março de 2014.

IDG Now. Disponível em: < <http://idgnow.com.br/mobilidade/2014/04/24/facebook-supera-1-bilhao-de-usuarios-em-aparelhos-moveis/>> Acesso em 20 de abril de 2014.

TRIANONS. Disponível em: <<http://www.trianons.com.br/todas-as-redes-sociais-da-internet-lista-ranking-top-mundo-brasil-social-media-network/>> Acesso em: 20 de abril 2014.

WIKIPÉDIA. Disponível em:< http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita_colaborativa> Acesso em 18 de março de 2014.

_____. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita_colaborativa> Acesso em: 27 de Junho de 2014.

_____. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/World_Wide_Web> Acesso em 20 de novembro de 2014.